

**CLEITON PEREIRA REIS**

**O CONTEXTO DE DESENVOLVIMENTO *EXPERT* DE ATLETAS  
MASCULINOS DE BASQUETEBOL DA CATEGORIA SUB-19 ANOS  
DE MINAS GERAIS DA TEMPORADA 2011**

**Belo Horizonte**

**Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da UFMG**

**2012**

**CLEITON PEREIRA REIS**

**O CONTEXTO DE DESENVOLVIMENTO *EXPERT* DE ATLETAS  
MASCULINOS DE BASQUETEBOL DA CATEGORIA SUB-19 ANOS  
DE MINAS GERAIS DA TEMPORADA 2011**

Dissertação apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Ciências do Esporte da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Ciências do Esporte.

Área de concentração: Psicologia do Esporte

Orientador: Prof. Dr. Luiz Carlos Couto de Albuquerque Moraes

**Belo Horizonte**

**Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da UFMG**

**2012**



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS**  
Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional.  
Programa de Pós-Graduação em Ciências do Esporte

## PARECER

Considerando que a dissertação do (a) aluno (a) **Cleiton Pereira Reis**, intitulada: “**O contexto de desenvolvimento *expert* de atletas masculinos de basquetebol da categoria sub-19 anos de Minas Gerais da temporada de 2011**”, cumpriu suas funções didáticas, atendendo a todos os critérios científicos, a Comissão Examinadora **APROVOU** a defesa de dissertação, conferindo-lhe as seguintes indicações:

Prof. Dr. Luiz Carlos de Albuquerque Moraes (orientador) \_\_\_\_\_

Prof. Dr. Roberto Rodrigues Paes (UNICAMP) \_\_\_\_\_

Prof. Dr. Luciano Sales Prado (UFMG) \_\_\_\_\_

Belo Horizonte, 21 de junho de 2012.

## DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho e a minha vida a Deus, todo poderoso, criador do céu e da terra, senhor e salvador da minha vida. Ele me sustentou durante os dois anos de mestrado, guiou-me pelos caminhos retos e justos, esteve comigo nos momentos mais difíceis, foi minha fortaleza. Nunca me desamparou e nunca me abandonará. Para Ele, toda honra e glória, em nome de Jesus Cristo. Amém.

## AGRADECIMENTOS

A Deus, senhor da minha vida, que me sustentou no mestrado, e especialmente por aumentar os anos de vida do meu pai, para que ele presenciasse a conclusão deste trabalho.

Aos meus pais pelo apoio emocional e financeiro incondicional. Pelo amor eterno.

Aos meus irmãos, pela força e torcida para a conclusão deste trabalho.

Aos irmãos em Cristo, pela convivência e orações dispensadas.

Aos meus amigos, que são muitos (graças a Deus), por estarem comigo nos momentos mais difíceis (não citarei nomes, para não ser injusto com ninguém).

Ao meu orientador, Prof. Dr. Luiz Carlos Couto de Albuquerque Moraes, pela caminhada e pela orientação exercida. Obrigado por ter apostado nesta empreitada.

Aos amigos de LAPES, pela oportunidade de aprendizagem.

Ao Prof. Dr. Dietmar Samulski, pelo exemplo de perseverança.

À instituição UFMG, pela estrutura educacional fornecida.

Às instituições esportivas que prontamente abriram as portas para a realização deste trabalho.

À CBB e FMB, pelo apoio institucional.

E a todos que de alguma forma, contribuíram para esta jornada.

*“O temor do senhor é o princípio de toda sabedoria...”*

*(Pv 1:7)*

*“Irmãos, quanto a mim, não julgo que o haja alcançado; mas uma coisa faço, esquecendo-me das coisas que atrás ficam, e avançando para as que estão adiante, prossigo para o alvo pelo prêmio da vocação celestial de Deus em Cristo Jesus.”*

*(Fp 3:13-14)*

## RESUMO

Durante a categoria de base, o atleta de basquetebol deve possuir uma estrutura adequada para se tornar um jogador profissional. Visto isto, o objetivo deste trabalho foi analisar se o contexto de desenvolvimento dos atletas masculinos de basquetebol da categoria sub-19 anos de Minas Gerais é adequado para formação de atletas profissionais. O público que participou deste estudo constou de 47 atletas de 5 equipes da categoria sub-19 anos de Minas Gerais, conjuntamente com os seus treinadores principais, e 47 atletas de 5 equipes profissionais brasileiras de basquetebol. Todos os voluntários são do sexo masculino. Os instrumentos utilizados foram: o Questionário sobre o Contexto da Prática para Atletas de basquetebol, aplicado aos atletas; Inventário do Perfil do Treinador de Basquetebol e Entrevista Semiestruturada, destinados aos treinadores da categoria sub-19 de Minas Gerais. Para a análise dos dados quantitativos, foi empregado o teste Shapiro-Wilk para se estabelecer a normalidade das respostas, teste “t” ou Mann-Whitney de acordo com a normalidade dos dados, e teste qui-quadrado para respostas qualitativas nominais. Para os dados qualitativos, realizou-se a transcrição das entrevistas e, posteriormente, uma análise qualitativa foi feita, voltada para o conteúdo colhido, denominado de miniunidades (*Meaning Units*). Os resultados quantitativos e qualitativos foram apresentados e discutidos conjuntamente, e classificados de acordo com o modelo do treinador de Côté *et al.* (1995). Os atletas da categoria sub-19 anos de Minas Gerais, no geral, iniciaram a prática de basquetebol tardiamente, situação esta que não aconteceu com os atletas profissionais. Os treinadores do basquetebol mineiro entrevistados destacam que os atletas no estado chegam para a iniciação no esporte com pouca vivência motora, o que dificulta o processo de aprendizagem. Estes indivíduos também ressaltam os dilemas da profissão “treinador de basquetebol” em Minas Gerais, já que muitos não possuem uma remuneração adequada e por isso não se dedicam em tempo integral ao cargo, adquirindo assim outros empregos. Tal contexto, em conjunto com a ausência de auxiliar técnico e preparador físico, prejudica o planejamento dos treinamentos. Estes profissionais salientam também que a falta de espaços públicos para prática do basquetebol e a ausência de um programa governamental que democratize o esporte são problemas sérios que necessitam ser enfrentados. Além disso, para estes profissionais as instituições de educação pouco influenciam na formação esportiva

dos atletas de basquetebol, já que as aulas de educação física são precárias e a prática esportiva nas escolas e universidades não é política pública. Os atletas profissionais treinaram em instituições mais estruturadas desde a iniciação esportiva, e com isso tiveram a possibilidade de se preparar melhor nos aspectos físico, técnico, tático e nutricional, até completarem 19 anos; adquiriram mais experiência competitiva, pois a quantidade de jogos disputados entre os 16 e 19 anos foi significativamente superior. Todavia, na comparação entre os grupos, os atletas dedicaram tempo semelhante em horas de treinamento na categoria de base. Destaca-se para ambos os grupos: que o profissional da área de Psicologia do Esporte não era um recurso disponibilizado pelas instituições esportivas; um envolvimento parcial dos pais na vida esportiva dos filhos, já que a maior parte deles apoiava financeiramente o início da carreira, contudo não estavam presentes com frequência aos treinos e jogos. Conclui-se com este trabalho que os atletas da categoria sub-19 anos de Minas Gerais da temporada 2011 não estão inseridos num contexto adequado para se tornarem jogadores profissionais.

**Palavras-Chave:** Basquetebol. Contexto de Desenvolvimento. *Expert Performance*.

## ABSTRACT

During the base category phase of their training, the basketball athletes must have an appropriate structure to become professional players. Therefore, the objective of this study was to analyze whether the context of development of male basketball players U-19 of Minas Gerais is suitable for enabling athletes to become professional. The participants of this study consisted of 47 athletes from five Under-19 teams of Minas Gerais, together with their main coaches and 47 athletes from five Brazilian professional basketball teams. All volunteers are male. The instruments used were: Questionnaire on the Context of Practice for basketball athletes, as applied to athletes; the Inventory of the Basketball Coach Profile and semi-structured interview aimed at coaches of the Under-19 categories of Minas Gerais. For quantitative analysis, we employed the Shapiro-Wilk test to establish the normality of the answers, "t" test or Mann-Whitney test according to normality of the data, and chi-square test for nominal qualitative responses. For qualitative data, the transcript of the interviews were made and, later, a qualitative analysis was conducted, focusing on the content collected, called Meaning Units. The quantitative and qualitative results were presented and discussed together, and classified according to the model of the coach by Côté *et al.* (1995). Athletes in the Under-19 teams of Minas Gerais, in general, began the practice of basketball in a belated fashion, a situation that did not happen to professional athletes. Basketball Coaches interviewed stressed that the athletes in the state initiate in the sport with little motor experience, which makes the learning process more difficult. These individuals also highlight the dilemmas of the "basketball coach" profession in Minas Gerais, since many lack adequate remuneration and therefore do not devote full time to the office, thus acquiring other jobs. This context, together with the absence of an assistant coach and physical trainer, affect the planning of training. These professionals also point out that the lack of public spaces for basketball practice and the absence of a governmental program that makes the sport more accessible are serious problems that need to be addressed. In addition, to these professionals the educational institutions have little influence on the formation of basketball players, since the physical education classes are precarious and sports in schools and universities are not part of public policies. Professional athletes trained at more structured institutions since sports initiation, and thus had the opportunity to be better prepared physically, technically, tactically

and nutritionally, until they turn 19; they also acquired more competitive experience, because the amount of matches played between 16 and 19 years of age was significantly higher. However, when comparing the groups, the athletes spent similar time in hours of training in the base category. It stands out for both groups: the professional of the area of Sports Psychology was not a feature made available by sports institutions; there was a partial involvement of parents in the sporting life of children, since most of them financially supported the start of his career, yet they were often not present at practices and games. The conclusion of this work is that the athletes of the under-19 teams of Minas Gerais, in the 2011 season, are not inserted in the appropriate framework to become professional players.

**Keywords:** Basketball. Development Context. Expert Performance.

## LISTA DE SIGLAS E ABREVIações

CBB	Confederação Brasileira de Basketball
FIBA	Federação Internacional de Basketball
FIFA	Federação Internacional de Futebol
FMB	Federação Mineira de Basketball
FPB	Federação Paulista de Basketball
Gefexe	Grupo de Estudo da Formação Expertise do Esporte
MUs	Miniunidades ( <i>Meaning Units</i> )
NBA	<i>National Basketball Association</i>
NBB	Novo Basquete Brasil
NCAA	<i>National Collegiate Athletic Association</i>
Lapes	Laboratório de Psicologia do Esporte
Pag.	Página
Pro	Atletas Profissionais
Sub-19	Atletas da Categoria sub-19 anos de Minas Gerais
UFMG	Universidade Federal de Minas Gerais

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

QUADRO 1	Número de MUs por categoria e subcategorias.....	47
QUADRO 2	Número de equipes masculinas de basquetebol que participaram de competições das Federações Mineira e Paulista na temporada 2011.....	103
FIGURA 1	Estágios de desenvolvimento de Bloom (1985) e Côté (1999).....	31
FIGURA 2	O Modelo do Treinador (CÔTÉ <i>et al.</i> 1995).....	35
FIGURA 3	O Modelo do Treinador de Moraes (1999) adaptado de Côté <i>et al.</i> (1995).....	37
GRÁFICO 1	Número de atletas que começaram a treinar basquetebol, de acordo com a faixa etária.....	49
GRÁFICO 2	Formação acadêmica dos treinadores.....	54
GRÁFICO 3	Dedicação ao trabalho como treinador.....	57
GRÁFICO 4	Comparação entre grupos do total de jogos disputados até os 19 anos.....	98
GRÁFICO 5	Comparação do volume anual de jogos, entre e por faixas etárias.....	100
GRÁFICO 6	Comparação do volume anual de jogos, entre e por faixas etárias, considerando apenas os atletas que treinaram basquetebol em cada fase.....	101
GRÁFICO 7	Comparação do tempo total de treinamento entre os grupos, em horas.....	105
GRÁFICO 8	Comparação entre grupos e entre faixas etárias do volume anual em horas de treinamento.....	107
GRÁFICO 9	Comparação entre grupos e entre faixas etárias do volume anual em horas de treinamento, contando apenas os atletas que treinaram em cada fase.....	108

## LISTA DE TABELAS

TABELA 1	Idade que os atletas começaram a treinar basquetebol.....	48
TABELA 2	Participação em cursos para treinadores de basquetebol.....	55
TABELA 3	Treinamento de basquetebol no colégio.....	61
TABELA 4	Basquetebol universitário.....	69
TABELA 5	Escolaridade dos atletas.....	71
TABELA 6	Comparação entre os atletas profissionais dos recursos para o treinamento....	74
TABELA 7	Comparação entre os jogadores profissionais dos recursos para o treinamento, contando apenas os atletas que treinaram basquetebol em cada fase.....	75
TABELA 8	Comparação entre cada faixa etária dos recursos do treinamento para os atletas profissionais.....	76
TABELA 9	Comparação entre cada faixa etária dos recursos do treinamento para os jogadores profissionais, contando apenas os atletas que treinaram basquetebol em cada fase.....	77
TABELA 10	Comparação entre os atletas sub-19 anos de MG dos recursos para o treinamento.....	78
TABELA 11	Comparação entre os atletas sub-19 anos de MG dos recursos para o treinamento, contando apenas os atletas que treinaram basquetebol em cada fase.....	79
TABELA 12	Comparação entre cada faixa etária dos recursos do treinamento para os atletas sub-19 anos de MG.....	80
TABELA 13	Comparação entre cada faixa etária dos recursos do treinamento para os atletas sub-19 anos de MG, contando apenas os atletas que treinaram basquetebol em cada fase.....	82
TABELA 14	Comparação dos recursos para o treinamento entre os grupos por faixa etária.....	83
TABELA 15	Comparação dos recursos para o treinamento entre os grupos por faixa etária, contando apenas os atletas que treinaram basquetebol em cada fase.....	85
TABELA 16	Equipes sub-19 anos que possuíam equipe profissional de basquetebol.....	92
TABELA 17	Apoio dos pais aos atletas profissionais por faixa etária.....	93

TABELA 18	Comparação entre as faixas etárias, do apoio dos pais aos jogadores profissionais.....	94
TABELA 19	Apoio dos pais, por faixa etária, aos atletas da categoria sub-19 anos de MG..	94
TABELA 20	Comparação entre as faixas etárias, do apoio dos pais aos atletas da categoria sub-19 anos de MG.....	95
TABELA 21	Comparação entre os grupos do apoio dos pais para cada faixa etária.....	95
TABELA 22	Comparação entre grupos do total de jogos por faixa etária .....	99
TABELA 23	Comparação entre grupos do total de jogos por faixa etária, contando apenas os atletas que treinaram basquetebol em cada fase.....	99
TABELA 24	Comparação entre os grupos do tempo total em horas de treinamento por faixa etária.....	106
TABELA 25	Comparação entre os grupos do tempo em horas total de treinamento por faixa etária, contando apenas os atletas que treinaram basquetebol em cada etapa.....	106
TABELA 26	Comparação entre os grupos do tempo destinado em horas a cada aspecto do treinamento entre os 6 e 13 anos.....	108
TABELA 27	Comparação entre os grupos do tempo destinado em horas a cada aspecto do treinamento entre os 14 e 15 anos.....	109
TABELA 28	Comparação entre os grupos do tempo destinado em horas a cada aspecto do treinamento entre os 16 e 19 anos.....	110
TABELA 29	Comparação do volume anual em horas dos aspectos do treinamento, entre faixas etárias, em atletas profissionais.....	112
TABELA 30	Comparação do volume anual em horas dos aspectos do treinamento, entre faixas etárias, em atletas da categoria sub-19 anos de MG.....	114
TABELA 31	Comparação em horas destinadas ao jogo deliberado e ao treinamento esportivo, em cada faixa etária, entre atletas profissionais.....	116
TABELA 32	Comparação em horas destinadas ao jogo deliberado e ao treinamento esportivo, em cada faixa etária, entre atletas da categoria sub-19 anos de MG	116

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>17</b>
<b>2</b>	<b>OBJETIVO.....</b>	<b>19</b>
<b>3</b>	<b>HIPÓTESES.....</b>	<b>20</b>
<b>4</b>	<b>JUSTIFICATIVA.....</b>	<b>21</b>
<b>5</b>	<b>REVISÃO DE LITERATURA.....</b>	<b>22</b>
5.1	<i>Expert Performance.....</i>	22
5.1.1	Desempenho <i>Expert</i> em Variados Domínios.....	22
5.1.2	Desempenho <i>Expert</i> nos Esportes.....	24
5.1.3	Pesquisas sobre o Contexto da Excelência Esportiva.....	25
5.2	Fatores que Influenciam o Desenvolvimento <i>Expert</i> Esportivo.....	28
5.2.1	Fases de Desenvolvimento.....	28
5.2.2	Prática Deliberada.....	31
5.2.3	Modelo do Treinador: Abordagem Contextual do Treinamento.....	32
5.2.3.1	Outras Variáveis do Contexto do Treinamento.....	36
<b>6</b>	<b>MÉTODO.....</b>	<b>39</b>
6.1	Tipo de Pesquisa.....	39
6.2	População.....	39
6.3	Instrumentos.....	40
6.3.1	Questionário sobre o Contexto da Prática para Atletas de Basquetebol (QCP-Basq).....	40
6.3.2	Inventário do Perfil do Treinador de Basquetebol (IPT- Basq).....	40
6.3.3	Entrevista Semiestruturada.....	40
6.4	Procedimentos.....	41

6.5	Análise dos Dados.....	42
6.5.1	Dados Quantitativos.....	42
6.5.2	Dados Qualitativos.....	43
6.6	Cuidados Éticos.....	44
<b>7</b>	<b>RESULTADOS E DISCUSSÃO.....</b>	<b>46</b>
7.1	Características dos Atletas: anos de aprendizagem.....	48
7.2	Características dos Treinadores.....	52
7.2.1	Trajetória dos Treinadores.....	52
7.2.2	Dilemas da Profissão de Treinador da categoria sub-19 anos de Minas Gerais.....	57
7.3	Fatores Contextuais.....	61
7.3.1	Papel das Escolas.....	61
7.3.2	Papel do Estado.....	65
7.3.3	Papel das Universidades.....	68
7.3.4	Instituições Esportivas.....	72
7.3.4.1	Acesso às Instituições Esportivas.....	72
7.3.4.2	Recursos para o Treinamento.....	73
7.3.4.3	Acesso às Equipes Profissionais.....	92
7.3.5	O Papel dos Pais.....	93
7.4	Experiências Competitivas .....	98
7.5	Treinamento.....	105
7.5.1	Volume de Treinamento.....	105
7.5.2	Jogo Deliberado versus Treinamento em Equipes.....	115
7.6	Organização dos Treinamentos.....	118
<b>8</b>	<b>CONCLUSÃO.....</b>	<b>121</b>

<b>9</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>124</b>
	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>125</b>
ANEXO 1	Questionário do Contexto da Prática para Atletas de Basquetebol .....	137
ANEXO 2	Inventário do Perfil do Treinador de Basquetebol .....	141
ANEXO 3	Roteiro da Entrevista Semiestruturada com Treinadores da Categoria Sub-19 anos de Minas Gerais.....	144
ANEXO 4	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido: <i>Instrumentos IPT-Basq e QPC-Basq.....</i>	147
ANEXO 5	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido: <i>Entrevista com os Treinadores de Basquetebol da Categoria Sub-19 de MG.....</i>	150
ANEXO 6	Parecer do Comitê de Ética em Pesquisa (QCP-Basq, IPT-Basq).....	153
ANEXO 7	Parecer do Comitê de Ética em Pesquisa (Entrevista Semiestruturada)...	154
ANEXO 8	Carta de Aprovação da Transcrição das Entrevistas.....	155
ANEXO 9	Nível de Significância dos Testes de Normalidade.....	156
ANEXO 10	Carta de Apoio Institucional da Confederação Brasileira de Basketball.....	160

## 1 INTRODUÇÃO

O basquetebol é um esporte que exige um alto grau de treinamento, pois os atletas devem estar bem condicionados nos aspectos físico, tático, técnico e psicológico, para que um ótimo desempenho seja alcançado. Tal situação é atingida depois de vários anos de experiência (DAIUTO, 1983) em uma estrutura adequada de treinamento (FERREIRA; MORAES, 2010; MORAES; DURAND-BUSH; SALMELA, 1999; MORAES; MEDEIROS FILHO, 2009).

Geralmente, o atleta desta modalidade, começa a praticar o esporte por volta dos 10 a 12 anos (DAIUTO, 1983; OLIVEIRA; PAES, 2004). No Brasil, a Confederação Brasileira de Basketball (2010)<sup>1</sup> divide o esporte em uma série de categorias de base, ou seja, divisões de equipes feitas a partir do ano de nascimento dos atletas. Estas categorias abrangem desde o sub-12 anos (minibasquetebol), no qual o aro é mais baixo e a bola é menor, até a categoria adulta.

Aos 18 e 19 anos, categoria sub-19 anos, o atleta se entrega a um treinamento mais aprofundado do basquetebol (OLIVEIRA; PAES, 2004). Esta faixa etária representa a última etapa antes do atleta se tornar profissional. Aumenta-se consideravelmente o número de horas treinadas. O atleta busca recompensa em resultados posteriores, e espera se tornar um jogador profissional no futuro.

Ao atleta de basquetebol deve ser concedida uma estrutura de prática deliberada adequada, para que este se torne um jogador *expert* ao longo dos anos. Este processo consiste em atividades extremamente sistematizadas, que objetivam a promoção contínua do desempenho em um domínio específico (ERICSSON; LEHMANN, 1996), requer instrução especializada, *feedback* constante e difere de outras práticas por não ser necessariamente prazerosa (MORAES ; MEDEIROS FILHO, 2009).

A excelência em determinado campo vem através de, pelo menos, 10 anos ou 10 mil horas de prática, desde a iniciação esportiva até o pico do desempenho atlético (ERICSSON; LEHMANN, 1996). A categoria sub-19 anos é a fase que o atleta começa a ter prática

---

<sup>1</sup> A palavra “basketball” é mantida na língua inglesa para ser fiel ao nome oficial das instituições organizadoras deste esporte no Brasil. Ex: Confederação Brasileira de Basketball

deliberada propriamente dita, o que requer treinamento altamente sistematizado com uma ótima infraestrutura. Bloom (1985) e Moraes, Durand-Bush e Salmela (1999) ressaltam que nesta fase, denominada de anos finais de aprendizagem, vários fatores podem influenciar o abandono da prática, como a premência de tempo e falta de recursos humanos, materiais e financeiros.

Porém, ser experiente não significa ter excelência de desempenho. A estrutura da prática deve ser estipulada por profissionais qualificados, seguindo princípios metodológicos. Cabe ao treinador encontrar o método de ensino adequado para que o desportista atinja o pleno aprendizado. Por isso, este profissional é o principal responsável pelo desenvolvimento integral do atleta (SALMELA, 1996; STARKES, 2003; WOOTTEN; GILBERT, 2003).

A compreensão dos fatores que fazem um iniciante se tornar um atleta excepcional é de fundamental importância nos estudos da *expert performance*. Para isso, é necessário entender como se procede a trajetória do atleta, desde a iniciação esportiva, até a sua possível consagração (FERREIRA, 2010). Sendo assim, este estudo pretende obter informações, tanto de forma quantitativa como qualitativa, sobre o contexto de desenvolvimento de atletas de basquetebol da categoria sub-19 anos de Minas Gerais, e compará-las, quantitativamente, com o mesmo processo referente aos atletas profissionais brasileiros, para verificar se a estrutura mineira é adequada para o surgimento de atletas profissionais do esporte em questão.

## 2 OBJETIVO

Verificar se o contexto de desenvolvimento<sup>2</sup> dos atletas masculinos de basquetebol da categoria sub-19 anos de Minas Gerais da temporada 2011 é adequado para formação de jogadores profissionais.

---

<sup>2</sup> O contexto de desenvolvimento em questão compreende o período desde o começo da prática do basquetebol até os 19 anos de idade do atleta.

### **3 HIPÓTESES**

H1: Os atletas mineiros masculinos de basquetebol da categoria sub-19 anos da temporada 2011 estão inseridos em um contexto adequado para se tornarem jogadores profissionais.

H2: Os atletas mineiros masculinos de basquetebol da categoria sub-19 anos da temporada 2011 não estão inseridos em um contexto adequado para se tornarem jogadores profissionais.

#### 4 JUSTIFICATIVA

O Brasil conquistou títulos importantes no cenário do basquetebol mundial, sendo campeão mundial em 1959 e 1963 e bronze nas olimpíadas de 1960 e 1964, no masculino. No feminino foi campeão mundial em 1994 e medalhista de prata nas olimpíadas de 1996. No entanto, nas três últimas olimpíadas (2000, 2004, 2008), a equipe brasileira de basquetebol masculino não conseguiu se classificar para o torneio olímpico (FIBA, 2010). Moreira, de Souza e Oliveira (2003) ressaltam que o basquetebol brasileiro, desde a iniciação, apresenta problemas estruturais e de organização, tanto no âmbito nacional quanto regionalmente.

Os atletas da categoria sub-19 anos (público alvo da pesquisa), em teoria, já passaram por todas as etapas do desenvolvimento esportivo referentes à categoria de base do basquetebol em Minas Gerais. Além disso, nesta etapa de transição (última antes da profissionalização), o atleta se encontra em um momento decisivo da sua carreira esportiva, pois este indivíduo espera ser contratado por uma equipe profissional, ou então, não sabe se terá condições de conciliar uma carreira como atleta profissional com os estudos em uma universidade. Ou até mesmo, o atleta pode abandonar o esporte para continuar seus estudos ou para trabalhar (STAMBULOVA; ALFERMANN; STATLER, 2009).

Este trabalho também dá prosseguimento a linha de pesquisa, do Grupo de Estudo da Formação *Expertise* no Esporte, do Laboratório de Psicologia do Esporte da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da UFMG, sobre a *expert performance* nos esportes, principalmente no que diz respeito ao contexto de desenvolvimento dos atletas rumo ao nível ótimo de desempenho.

Principalmente por estas razões acima citadas, é coerente estudar o contexto de desenvolvimento dos atletas da categoria sub-19 anos de Minas Gerais, e entender se o estado em questão possui condições favoráveis para revelar atletas profissionais.

## 5 REVISÃO DE LITERATURA

### 5.1 *Expert Performance*

#### 5.1.1 Desempenho *Expert* em Variados Domínios

*Expert* é definido por Ericsson e Lehmann (1996) como aquele que apresenta desempenho superior em um conjunto específico de tarefas, em um determinado domínio. Peritos possuem um desempenho superior e reprodutível, ou seja, estes indivíduos invariavelmente mantêm níveis ótimos de desempenho. Estes indivíduos devotam sua vida para alcançar o maior nível de desempenho em seus domínios (ERICSSON; CHARNESSE, 1994; ERICSSON KRAMPE; TESCH-RÖMER, 1993). O estudo da *expert performance* centra-se na análise dos indivíduos que são considerados excepcionais. Ou seja, os que se destacam da maioria dos outros praticantes, em seus respectivos campos de atuação, o que não ocorre somente no meio esportivo, mas também, em qualquer outra atividade, como na música (LEHMANN; ERICSSON, 1998), na arte (ERICSSON, KRAMPE; TESCH-RÖMER, 1993), na enfermagem (ERICSSON; WHYTE; WARD, 2007) e no desempenho acadêmico (PLANT *et al.*, 2005).

O número de indivíduos considerados de excelência é menor, a partir do momento que o nível de exigência aumenta. Por exemplo, o número de campeões mundiais ou olímpicos em um esporte é pequeno. Padrões relativos para se determinar a competência de um indivíduo são determinados em relação a cada nível de competição. Os melhores em cada nível (do clube, da cidade, do estado, do país) são considerados *expert* relativos. Ou seja, estes não representam os melhores do mundo para um domínio específico, mas são considerados com os melhores desempenhos em um determinado contexto (ERICSSON, 1995).

Indivíduos que possuem um desempenho de excelência frequentemente começam a se dedicar a prática desde muito jovens, além disso, a duração e a intensidade do treinamento superam significativamente o que a população em média faz. O desempenho de excelência é

restrito à uma área de atuação específica, ou seja, não significa que aqueles indivíduos que apresentam um desempenho excepcional em uma tarefa terão a mesma facilidade em outras (ERICSSON; LEHMANN, 1996).

A prática intensa durante anos afeta características essenciais para o desempenho ótimo, como: atenção, concentração, visão, intuição e memória. O *expert*, depois de anos de prática altamente estruturada e de alto nível, consegue com facilidade usar a memória de curto e longo prazo, estabelecer estratégias antecipadas, e identificar sinais relevantes na prática para a melhoria do desempenho (ERICSSON; LEHMANN, 1996).

De Groot (1946), citado por Ericsson (1998), ao pesquisar os melhores jogadores de xadrez do mundo verificou que a extrema habilidade em escolher as jogadas corretas era devido aos anos de prática, e não por uma inteligência superior. Takeuchi e Hulse (1993) comentam que a habilidade superior de jovens músicos é devido à exposição à prática desde a tenra idade, e não por uma capacidade inata. Lehman (1997), Winner e Martino (1993) ao pesquisarem artistas que apresentavam alto desempenho precocemente, constataram que eles receberam treinamento adequado e intensivo, desde o início da prática, para o seu desenvolvimento. Para o aumento da memória, estudos mostraram que, após um pré-teste, sujeitos conseguiam através da repetição melhorar seus escores em testes de memória de curto prazo (ERICSSON; CHASE; FALOON, 1980; WILDING; VALENTINE, 2006). O treinamento pode melhorar a memória de indivíduos sem quaisquer alterações no seu DNA. Uma boa memória é resultado direto da prática e não de uma condição inata do indivíduo (ERICSSON, 1995).

Segundo Ericsson, Krampe e Tesh-Romer (1993), apesar de fatores genéticos influenciarem decisivamente o tipo de fibra muscular do indivíduo, altura e outras características biológicas, a tentativa de predição do desempenho humano baseada em características hereditárias é considerada fraca. Os pesquisadores perceberam evidências mostrando que muitas características humanas anatômicas e psicológicas que interferem diretamente no desempenho como tamanho do coração, número de vasos sanguíneos fornecendo sangue para os músculos, e propriedades metabólicas rápidas ou lentas que contraem os músculos são modificáveis com a prática intensa. Ou seja, o ser humano é

extremamente adaptável às demandas ambientais propostas pela prática, tanto no que se refere à cognição e ao aprendizado, quanto nas mudanças fisiológicas e antropométricas.

### 5.1.2 Desempenho *Expert* nos Esportes

Pesquisas sobre o desempenho de excelência em esportes têm como o maior objetivo buscar respostas de como um atleta pode alcançar o máximo nível de desempenho possível em um determinado domínio. Para isso, este campo do conhecimento busca saber como os fatores inerentes ao desenvolvimento atlético - influência dos treinadores, estrutura da prática, treinamento, competições e fatores contextuais - atuam neste processo (STARKES, 2003).

Nos esportes, atletas de desempenho superior conseguem selecionar a melhor ação quando confrontado com um oponente. *Experts* conseguem antecipar ações e identificar qual será a provável tomada de decisão do adversário (STARKES; 2003). Além disso, possuem maiores adaptações fisiológicas favoráveis ao desempenho, proporcionadas pelos contínuos anos de treinamento, como alta capacidade aeróbica para atletas de *endurance*, maior número de fibras rápidas para atletas de provas de velocidade (ERICSSON; WARD, 2007).

Treinadores esportivos, frequentemente erram em predizer qual jogador irá se tornar profissional no processo de formação (MORAES; MEDEIROS FILHO, 2006). Bloom (1985), em seu clássico estudo sobre *expert*, oriundos da ciência, das artes e dos esportes, constatou que mesmo aqueles considerados “talentosos” quando crianças, depois de adultos, nem sempre apresentavam um desempenho *expert*, em comparação com os melhores em seus respectivos domínios. Judocas brasileiros que já disputaram jogos olímpicos eram considerados muitas vezes com pouco “talento” na fase de iniciação esportiva (MASSA *et al.*, 2010). A precocidade em uma área não necessariamente é um passaporte para o sucesso, mas sim um estágio inicial do desenvolvimento do atleta. Treinadores de elite da Inglaterra relataram que muitos atletas jovens que conquistaram títulos importantes não permanecem no esporte. O processo vigente de formação de esportistas gera muita pressão a estes indivíduos, principalmente por os treinadores não focarem metas a longo prazo e pela

exigência de um desempenho elevado precocemente (MARTINDALE; COLLINS; ABRAHAM; 2007).

Segundo Howe, Davidson e Sloboda (1998), quando um indivíduo não é discriminado como um talento inato para determinada prática, a este é negado em muitos casos, a estrutura necessária para se desenvolver ótima competência. Por exemplo, atletas de categoria de base podem ser influenciados a ter um bom desempenho por: uma determinada metodologia de ensino, melhores oportunidades para treinar, melhor alimentação, motivação intrínseca e extrínseca para prática, traços de personalidade.

Além disso, durante o desenvolvimento do indivíduo em busca da excelência em um determinado domínio, Ericsson, Krampe e Tesch-Romer (1993) citam algumas restrições que podem atrapalhar este processo. Restrição de recursos refere-se à necessidade de tempo e energia suficientes para o treinamento, e acesso a recursos físicos, ambientais e pessoais como instalações, professores, e treinadores. A restrição de esforço está relacionada ao nível de engajamento que o indivíduo deve possuir perante a prática muitas vezes extenuante. A restrição de motivação refere-se ao fato de que o esforço para treinar não é inerentemente agradável ou imediatamente recompensado. Formas de recompensa a longo prazo são necessárias para manter o indivíduo treinando e se desenvolvendo. Restrições constantes e severas obrigações impostas pelo processo de treinamento podem limitar o esportista a buscar a excelência de desempenho (MORAES; SALMELA, 2003).

### **5.1.3 Pesquisas sobre o Contexto da Excelência Esportiva**

Starkes *et al.* (1996) buscaram estudar como a excelência de desempenho se encaixava no meio esportivo, já que não necessariamente a *expertise* em domínios cognitivos, como no estudo com pianistas de Ericsson, Krampe e Tesch-Romer (1993), se aplicaria da mesma forma em atletas. Para isso os pesquisadores mediram como se procedia a prática deliberada de atletas e ex-atletas canadenses de luta grecorromana de nível internacional (participantes de campeonatos mundiais e olimpíadas) e de nível regional. Em geral, os atletas começaram a carreira aos 13 anos de idade, e aos 16 anos começaram a treinar de

forma mais intensa. Aos 25 anos, os ex-atletas chegaram ao auge da carreira. Para a pesquisa, os desportistas responderam um questionário, no qual reportavam quantas horas em média gastavam por semana com as atividades relacionadas ou não com o treinamento, desde o começo da carreira. Para cada atividade, os atletas davam notas de 1 a 10, para o nível de esforço, relevância ao desempenho, diversão e concentração que cada atividade exigia.

Os atletas retrataram também que dormir e praticar atividades de lazer eram as mais divertidas. A musculação foi considerada pelos atletas uma atividade com alto grau de esforço, porém pouco prazerosa. Em relação ao número de horas acumuladas com a prática desde o início da carreira foram encontrados: para atletas de nível internacional, dos 13 aos 16 anos, acumularam em média, 3 horas de treinamento semanais a mais que os seus pares de nível regional; e após os 16 anos, 13 horas a mais. Além disso, os atletas de nível internacional tinham os melhores treinadores e os melhores companheiros de treinamento. Diferentemente do estudo feito com músicos (ERICSSON; KRAMPE; TESCH-ROMER, 1993), os atletas consideravam que treinar com um parceiro era a atividade mais relevante para o desempenho.

Um avanço nas pesquisas sobre a prática de *experts* foi o interesse em estudar vários tipos de esportes. No primeiro momento, esportes individuais mereciam um maior interesse, e depois, esportes coletivos começaram a ser estudados (MACMAHON *et al.*, 2007) Por exemplo, Helsen, Starkes e Hodges (1998), ao pesquisarem a prática de jogadores de futebol de variados níveis de desempenho, procuraram observar não apenas o total de horas do treinamento como um todo, mas também atividades específicas feitas de forma individual ou coletiva.

MacMahon *et al.* (2007) mediram a prática deliberada de árbitros de futebol europeus internacionais que fazem parte do quadro da FIFA (Federação Internacional de Futebol), e de árbitros que não possuíam tal graduação, porém com grande destaque nos seus países de origem. A pesquisa foi feita através de dois questionários, o primeiro media o tempo de prática semanal dentro do campo, como: corridas de recuperação, atividades de velocidade e agilidade; e fora do campo, como: treinamento de força e flexibilidade, treinamento das técnicas de arbitragem, treinamento com vídeo e preparação psicológica. O segundo media

as horas semanais gastas com atividades não relacionadas diretamente com o treinamento, como: viagens aos locais de jogo, cursos de aperfeiçoamento, sono, atividades de lazer, entre outros. Os árbitros considerados *expert* pela FIFA acumularam, em geral, mais tempo de prática estruturada que os seus pares de nível nacional, e necessitaram em média de 16 anos de carreira para chegar nesta graduação.

Já Deakin e Coabley (2003) procuraram identificar as principais atividades diárias de treinamento de atletas de patinação artística da equipe nacional canadense. Neste estudo os atletas também atribuíam notas de 1 a 10, para cada atividade, para avaliar o nível de melhoria do desempenho, manutenção do desempenho, esforço, concentração e diversão. As atividades que necessitavam de alta concentração, e consideradas de alta relevância para os atletas, como o ensaio da rotina longa e curta de apresentação, não eram qualificadas como divertidas. Neste estudo, porém, os autores não listaram as atividades diárias que não são diretamente relacionadas com o treinamento, como dormir, lazer, tempo de viagens, nem tão pouco mediram as horas gastas em média por semana com as atividades diárias.

Ferreira (2010) utilizou entrevistas retrospectivas e análise posterior do conteúdo, para avaliar como fatores contextuais influenciaram o desenvolvimento de nadadores brasileiros *expert* medalhistas em jogos olímpicos. O apoio da família e do treinador especialista, a prática deliberada e os recursos disponíveis foram fatores fundamentais para o ótimo desenvolvimento destes atletas. O pesquisador buscou também verificar as diferenças entre a estrutura do treinamento norte-americana e brasileira, e constatou que nos Estados Unidos os atletas brasileiros conseguiam a oportunidade de estudar e treinar em alto nível, com tecnologia de última geração disponível e oportunidades de conviver com companheiros com alto desempenho. Assim, no geral, este público considerou que treinar nos Estados Unidos era determinante para o sucesso nas piscinas.

## 5.2 Fatores que Influenciam o Desenvolvimento *Expert* Esportivo

### 5.2.1 Fases de Desenvolvimento

Bloom (1985), ao estudar *expert* de várias áreas (músicos, intelectuais, esportistas), observou fases de desenvolvimento que direcionam à *expert performance*. O objetivo do trabalho foi investigar se o alto desempenho foi adquirido ou era inato a cada indivíduo, ou seja, advindo da prática ou dos talentos naturais. Com o estudo, foi possível determinar fases de desenvolvimento que comprovam que o indivíduo adquire proficiências ao passar dos anos de prática. Tais fases foram denominadas: anos iniciais de aprendizagem (até os 13 anos de idade), anos intermediários de aprendizagem (dos 14 aos 15 anos) e anos finais de aprendizagem (dos 16 aos 19 anos).

#### Primeira Fase

No primeiro período a criança pratica atividades lúdicas e prazerosas, com grande apoio e cuidado de pais e professores. Este contexto se constitui como uma base motivacional para o desenvolvimento da criança, para que ela não abandone o esporte. Ainda que os professores e treinadores neste estágio não são tecnicamente os mais habilidosos, eles são *experts* no trabalho com crianças. Eles fornecem reforço positivo às necessidades infantis das crianças para manter a aprendizagem e o desempenho na atividade (MORAES; DURAND-BUSCH; SALMELA, 1999)

Os pais encorajam os seus filhos e fornecem recursos, e acompanham a prática dos filhos de perto. Moraes e Sousa (2004), ao pesquisarem a influência dos pais e dos treinadores na trajetória de judocas mineiros, constataram que a perseverança e a confiança referidas aos pais e aos treinadores, nos anos iniciais de treinamento, foram importantes para a persistência destes atletas em continuar treinando. Resultado semelhante foi encontrado por Ferreira (2010) ao pesquisar o apoio dos pais sobre a carreira dos nadadores medalhistas olímpicos brasileiros.

Antes do treinamento formal o atleta pode ter contato com o esporte de forma lúdica, sem a participação formal de um adulto, o que é denominado jogo deliberado (CÔTÉ, LIDOR e HACKFORT, 2009). Ryan e Deci (2000) e Vallerand (2001) corroboram no sentido de indicar que jogo deliberado oferece uma boa base para criança se interessar por um esporte posteriormente, e seguir praticando-o, tanto profissionalmente, quanto como esporte de participação e manutenção da qualidade de vida. Portanto, as crianças precisam de um repertório vasto de estimulação para manterem um nível de motivação e continuarem desenvolvendo suas potencialidades (MORAES; DURAND-BUSCH; SALMELA, 1999).

Nesta fase também acontece geralmente a iniciação esportiva da criança em uma equipe. Oliveira e Paes (2004) definem a iniciação esportiva como um período que abrange desde o início da prática de uma criança no esporte até a decisão por focar seus esforços em uma modalidade. Assim, a iniciação esportiva é compreendida como um período no qual a criança inicia a prática regular, orientada e planejada de uma ou mais modalidades esportivas (SANTANA, 2004).

### Segunda fase

Na segunda fase, a intensidade da prática aumenta consideravelmente. Os praticantes apresentam um maior compromisso com os treinos e metas traçadas, e há um aumento na intensidade dos treinos. Nesta fase o sujeito é “fiscado” para um determinado esporte. Côté (1999) ressalta que os atletas passam a se dedicar a no máximo duas modalidades. A presença dos pais nos treinamentos dos filhos diminui consideravelmente, porém o envolvimento financeiro e suporte emocional são ainda comuns. Nesta fase de acordo com Cotê, Lidor e Hackfort (2009) após experimentar vários esportes, o atleta tem condições de investir no treinamento de práticas esportivas mais específicas.

### Últimas fases

Já nos anos finais de aprendizado, a prática se pauta pela busca do sucesso e da perfeição. Nem sempre os treinos se apresentam prazerosos, e as horas de dedicação à prática aumentam consideravelmente. Vários fatores podem influenciar o abandono da modalidade neste período, como a premência de tempo e falta de recursos financeiros e

estruturais. Nesta fase, o indivíduo apresenta maturidade física e psicológica para começar treinar o esporte de forma deliberada (CÔTÉ; LIDOR; HACKFORT, 2009). As situações inerentes a este período, como correta estrutura de treinamento, qualidade do atleta, possibilidade de seguir nos estudos acadêmicos, entre outros fatores, podem determinar a profissionalização esportiva dos atletas ou não (MARQUES; SAMULSKI, 2009; STAMBULOVA; ALFREMANN; STATLER, 2009).

Côté (1999), ao estudar o desenvolvimento *expert* no esporte de quatro famílias, cujos filhos eram atletas de alto nível acrescentou mais uma fase, depois que o indivíduo completa 18 anos. Neste período, os esforços do atleta estariam direcionados para manter e aperfeiçoar o desempenho. Sendo assim, esta última fase é denominada anos de aperfeiçoamento e manutenção. Moraes e Medeiros Filho (2009) consideram que os estudos destes dois autores, Bloom (1985) e Côté (1999) trouxeram grandes contribuições ao campo da *expert performance*, porque além da verificação das diferentes fases do desenvolvimento, constataram que a promoção de condições contextuais favoráveis e o apoio dos familiares aumentam a possibilidade de indivíduos, de diferentes domínios, atingirem altos níveis de desempenho.

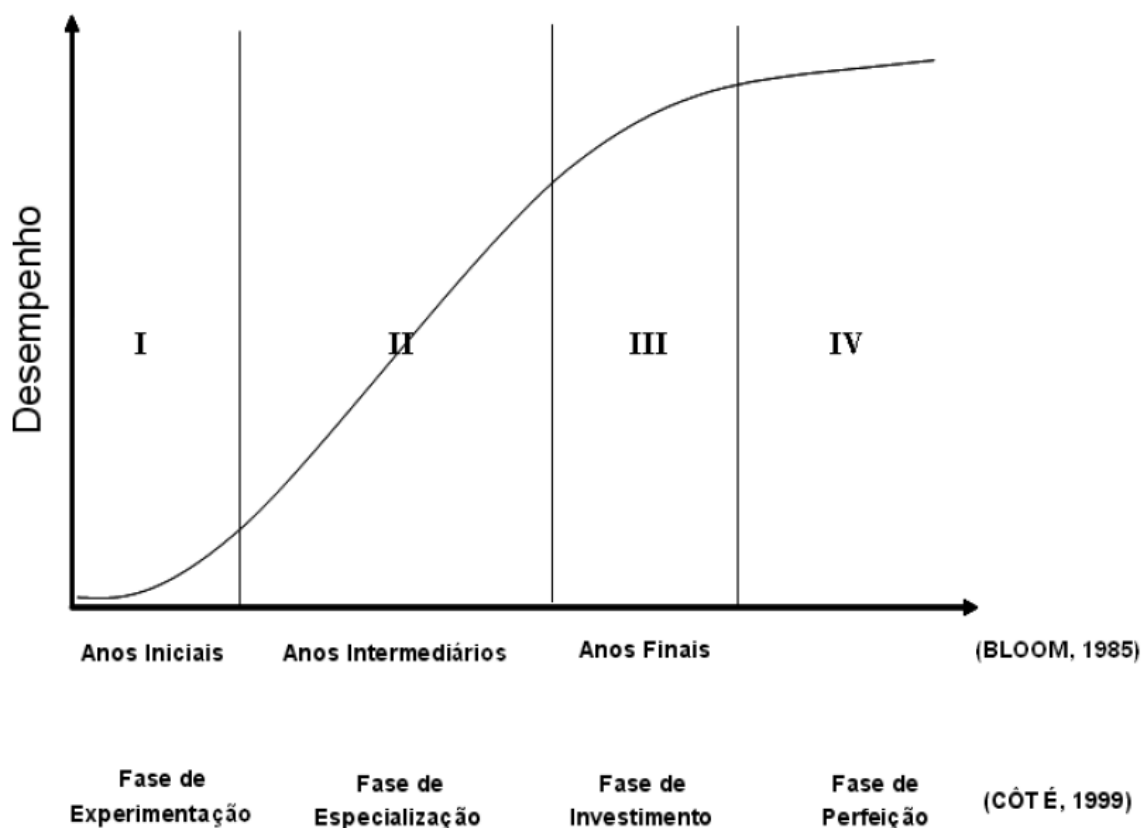


FIGURA 1: Estágios de desenvolvimento de Bloom (1985) e Côté (1999)  
 Fonte: Ferreira (2010)

### 5.2.2 Prática Deliberada

Ericsson, Krampe e Tesch-Romer (1993) usaram o termo prática deliberada para caracterizar a individualização dos treinos proporcionados por treinadores e professores, para melhoria dos aspectos específicos do desempenho, através da repetição e refinamento constantes. Para a excelência de desempenho, peritos necessitaram de longos períodos de formação, pelo menos de 10 anos ou 10 mil horas de prática, mesmo para aqueles que são considerados extremamente “talentosos”, seja na música, matemática, xadrez, medicina ou esportes (ERICSSON; CHARNESS, 1994; ERICSSON; KRAMPE; TESCH-ROMER, 1993; STARKES *et al.*, 1996).

A quantidade e a qualidade da prática são fatores decisivos para a formação de um *expert*. Ericsson, Krampe e Tesch-Romer (1993) realizaram um estudo que foi um marco na investigação de como se procede a prática deliberada em um público com desempenho de excelência. Os pesquisadores realizaram o estudo com violinistas e pianistas alemães, e mediram a prática deliberada através de entrevistas biográficas, que apresentavam dados como: tempo de prática no começo da carreira, a sequência dos professores de música, e a participação em concursos musicais. A partir destes dados foi possível saber quantas horas semanais os músicos dedicavam à prática dos instrumentos, desde o início da carreira. Também, foram identificadas dez categorias de atividades que os músicos faziam diariamente além de tocar o instrumento, como: atividades de lazer, dormir, cuidados com o corpo, entre outros. Os pesquisadores constataram que os melhores violinistas acumularam mais horas de prática durante a carreira que os considerados menos qualificados. Quanto aos pianistas o mesmo resultado foi encontrado, quando comparados *expert* com amadores.

No contexto esportivo, a importância da prática deliberada também é notória. Árbitros de alto rendimento filiados à FIFA (Federação internacional de Futebol) dedicaram mais tempo treinando suas habilidades que seus pares menos qualificados, e com isso, eles possuem maior capacidade de julgar lances de uma partida (MACMAHON *et al.*, 2006). Starkes *et al.* (1996) ao pesquisarem atletas de luta greco-romana de nível internacional perceberam que eles dedicavam-se mais aos treinos que seus pares menos graduados. Treinar de forma deliberada foi fator importante também para que atletas de esportes coletivos (HELSEN; STARKES; HODGES, 1998), de futebol (HELSEN *et al.*, 2000), nadadores (FERREIRA, 2010; JOHNSON *et al.*, 2008) e campeões olímpicos (DURAND-BUSH; SALMELA, 2002) alcançassem altos níveis de proficiência.

### **5.2.3 Modelo do treinador: Abordagem Contextual do Treinamento.**

No que tange o desenvolvimento do iniciante em busca do alto desempenho, o envolvimento do treinador com o atleta merece papel de destaque. Moraes, Durand-Bush e Salmela (1999) salientam também que a construção do conhecimento do sujeito, postulante a

*expert*, juntamente com treinadores e professores, é essencial no processo de prática deliberada. Experiências anteriores e pontos de vistas apresentados pelo aprendiz, juntamente com os ensinamentos e a estrutura da prática dada pelo treinador, colocam o atleta como parte integrante do processo de ensino-aprendizagem.

No ambiente esportivo, é o treinador que irá direcionar as tarefas a serem cumpridas pelos atletas. Os treinadores podem minimizar as pressões enfatizando a aprendizagem como um processo, ao invés de focar apenas na vitória, principalmente nos anos iniciais e intermediários de aprendizagem (Moraes *et al.*, 1999).

No que diz respeito à prática *expert* esportiva para desenvolvimento de atletas, o contínuo aprimoramento dos treinadores se faz necessário. Côté *et al.* (1995) ressaltam que foram criados vários cursos de formação de treinadores pelo mundo. O desenvolvimento do treinador também passa pela formação acadêmica e experiência adquirida durante anos de trabalho.

Treinamento, para Verkhoshanski (2001) é um processo que leva ao desenvolvimento dos conhecimentos espaciais, das habilidades, da tática, da técnica e da estratégica do indivíduo, constituindo por si só um processo pedagógico educativo. Morales (2007) reforça que o treinamento é constituído pela interação da tríade professor, aluno e ambiente. A organização do treinamento deve fornecer aos atletas a máxima estrutura para aperfeiçoar o desempenho, e pode ocorrer antes, durante e após a ocorrência da sessão de treinamento. Cabe ao treinador planejar os treinos, trabalhar de forma coesa com os assistentes, se relacionar bem com a família dos atletas e ajudar seu comandado no que for preciso. Sem a correta organização do treinamento, o atleta não teria condições de alcançar e manter a excelência esportiva (BARRETO, 2003).

No basquetebol, esporte objeto de estudo deste trabalho, Wootten e Gilbert (2003) salientam que o planejamento dos treinos, e quais competições a equipe deve jogar, devem obedecer às necessidades especiais de cada grupo de jogadores. O treinador como líder tem um papel de coordenação importante, determinando procedimentos de conduta coletiva dentro de suas equipes (SIMÕES *et al.*, 2007).

A organização do treinamento envolve a aplicação dos conhecimentos do treinador para a criação de condições ideais para o desenvolvimento do atleta. A organização pode

acontecer antes, durante e depois da sessão de treinamento ou de competições (CÔTÉ *et al.*, 1995). As etapas de organização, planejamento e estruturação do processo de preparação desportiva são fundamentais na execução de qualquer tipo de trabalho, não só em temporadas competitivas, mas em todo o processo de formação do jovem praticante. Entende-se como preparação desportiva o conjunto de fatores relacionados à preparação do atleta e direcionados ao desenvolvimento do desempenho ótimo no desporto escolhido para prática (GOMES, 2002). O planejamento do treinamento é um processo metodológico e científico que auxilia o atleta decisivamente a atingir um alto nível de treinamento e desempenho. É o meio mais eficiente que o treinador possui para se estabelecer um programa de treinamento, o que eliminaria uma abordagem mais simplista e amadora do desporto (BOMPA, 2002). É necessário que o treinador previamente trace os objetivos que a equipe deve alcançar em todos os aspectos do treinamento antes do começo da temporada (DANTAS, 2003). Weineck (1999) destaca que o planejamento de uma equipe está diretamente ligado ao calendário de competições.

Diante de uma demanda cada vez mais complexa para o desenvolvimento dos atletas, o papel das federações e confederações merece destaque. Estas instituições devem ser capazes de organizar o esporte de forma eficiente, o trabalho delas deve ser realizado por empregados e diretores extremamente profissionais. Uma federação esportiva é o órgão máximo do esporte em um estado (COSTA, 2010).

Pesquisas que buscam medir a competência *expert* de treinadores auxiliam a entender como se organiza a estrutura de pensamento deste público. Rezende e Moraes (2008) investigaram a competência de treinadores *expert* brasileiros de ginástica aeróbica utilizando o método de análise de protocolo. Aos treinadores, foi solicitado que avaliassem uma rotina deste esporte, através da observação de um vídeo. Neste processo, os indivíduos apontaram as falhas e propuseram correções para a melhoria do desempenho. Pela fala dos treinadores, os pesquisadores verificaram que o treinamento, os elementos específicos do esporte, o condicionamento mental e a coreografia são as quatro categorias de conhecimento que norteiam o foco de atuação destes profissionais neste esporte.

Côté *et al.* (1995) ao pesquisarem 17 treinadores *expert* canadenses de Ginástica artística, através de entrevista semiestruturada, conseguiram identificar as diferentes variáveis que afetam o trabalho destes profissionais, sobre as quais foi possível formar um modelo

holístico do processamento do conhecimento destes treinadores para solucionar problemas e desenvolver corretamente os atletas. O modelo mental, ou estrutura de inteligência que orienta o processo de desenvolvimento do treinamento foi resultante das análises das programações diárias destes profissionais. Baseado na meta inicial de cada treinador (ganhar medalha de ouro olímpica, melhorar o desempenho de atletas expoentes ou criar um ambiente de descoberta e desenvolvimento de jovens atletas promissores), três processos centrais mereceram destaque: a organização, treinamento e competição. Já os fatores periféricos, que afetam diretamente os fatores centrais, são: características pessoais do atleta, do treinador e os fatores contextuais. Todos estes pilares estão associados e são fundamentais para a principal meta do trabalho do treinador: a otimização do desenvolvimento dos atletas.



FIGURA 2: O Modelo do Treinador (CÔTÉ *et al.* 1995)  
Fonte: Ferreira (2010)

As competições que os atletas participaram, a execução e a organização do treinamento são fatores que devem ser constantemente monitorados, e quando necessário, ajustados, para o pleno desenvolvimento dos desportistas. Componentes periféricos ao treinamento; como: personalidade do treinador e do atleta, filosofia de trabalho, até mesmo nível de desenvolvimento dos atletas; e fatores contextuais, como recursos de infraestrutura

para o treinamento, suporte financeiro, podem interferir sobre a prática deliberada esportiva (CÔTÈ *et al.* 1995). A robustez do modelo do treinador (CÔTÉ *et al.*, 1995) está constatada em diferentes trabalhos na América do Norte (ABERNETHY; CÔTÉ, 2007; CÔTÉ, 2006; CÔTÉ; SALMELA, 1996; MORAES; 1999), na Europa (MAIA, 2010) e no Brasil (FERREIRA, 2010; FERREIRA, 2012; MACIEL; MORAES, 2008).

### **5.2.3.1 Outras Variáveis do Contexto do Treinamento**

Ao estudar treinadores *expert* de judô do Canadá, Moraes (1999) usou uma análise indutiva para avaliar a competência destes profissionais. Posteriormente, dedutivamente, encontrou nuances de treinamento *expert* que se incorporaram às ideias do modelo do treinador (CÔTÉ *et al.*, 1995). No que tange os fatores contextuais, os recursos humanos, financeiros e materiais são considerados indispensáveis para a estrutura de prática *expert*. O treinamento sistematizado e científico deve ser adotado contrapondo o treinamento improvisado e empírico. As características pessoais do treinador são influenciadas pela família, experiência como ex-atleta, e anos de competência adquiridos pela prática (Figura 3).

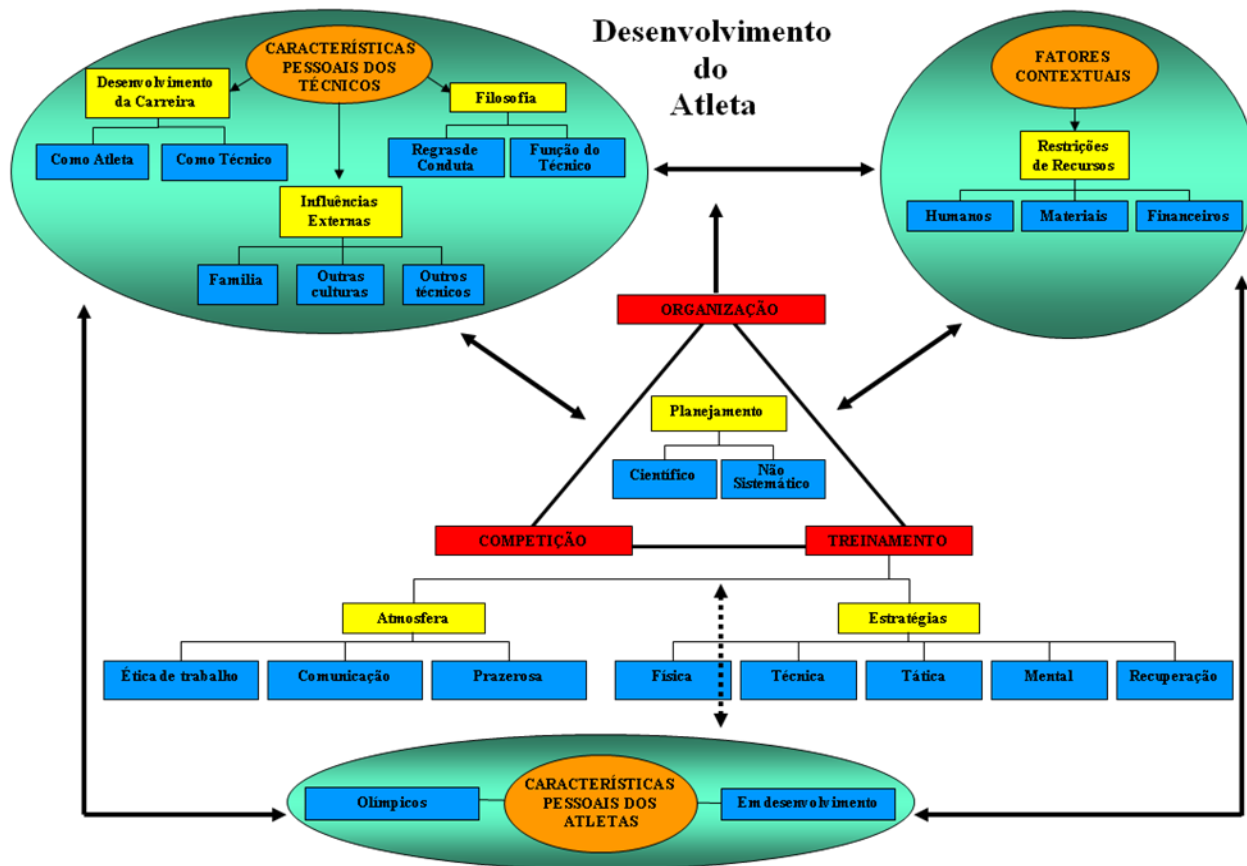


FIGURA 3: O Modelo do Treinador de Moraes (1999) adaptado de Côté *et al.* (1995)  
Fonte: Moraes (1999)

Sobre a atmosfera do trabalho, de acordo com Moraes (1999), o treinador deve ser capaz de se comunicar bem com seus atletas, e deixar metas e comportamentos claros para os seus comandados, respeitando princípios éticos. O relacionamento treinador-atleta, assim como o comportamento do treinador, se apresenta como fatores determinantes para o alcance da excelência esportiva. Os atletas podem reagir de forma positiva ou negativa à maneira como o treinador utiliza a habilidade técnica e tática dos jogadores, seleciona e aplica estratégias de comando, treina e instrui os atletas. A estruturação do time, ou seja, as formas como os integrantes trabalham juntos, bem como a união do grupo e as contribuições individuais e coletivas para as tarefas, também podem ser consideradas aspectos importantes para a satisfação, e até mesmo para um melhor desempenho dos atletas (MORAES, 1999).

A competição é o momento no qual todas as etapas do treinamento são colocadas à prova. Côté, Baker e Abernethy (2003), entrevistaram o treinador *expert* de luta grecorromana

Nick Cipriano, que relatou que quanto mais competições importantes o atleta disputa, mais experiente ele fica. Os resultados, e também a quantidade e a importância de competições que um atleta participa, são fatores importantes para se classificar se um indivíduo tem desempenho de excelência ou não. Por exemplo, Ferreira e Moraes (2010), consideraram no Brasil *expert* os nadadores medalhistas em Jogos Olímpicos.

Para o sucesso do atleta em competições, a ótima preparação destes sujeitos nos treinamentos é fundamental (WOOTTEN; GILBERT, 2003). Uma condição inerente ao treinamento de excelência é a prática deliberada (ERICSSON; KRAMPE; TESCH-ROMER, 1993). Porém, o desenvolvimento *expert* do desportista só acontece se uma correta estrutura de treinamento for disponibilizada.

Muitas vezes no Brasil, a adequada infraestrutura de treinamento não é cedida aos atletas. Oliveira e Moraes (2005) buscaram investigar a estrutura de treinamento de uma equipe de futebol profissional, que disputava a serie “B” do campeonato brasileiro. O estudo mostrou que esta instituição não oferecia um treinamento adequado, devido às dificuldades de infraestrutura e de recursos financeiros. Ferreira (2010) constatou que os medalhistas olímpicos brasileiros preferiam sair do Brasil e treinar nos Estados Unidos, pois os centros de treinamento americanos apresentavam melhores recursos materiais e humanos.

## 6 MÉTODO

### 6.1 Tipo de pesquisa

De acordo com Thomas, Nelson e Silverman (2007), este tipo de pesquisa se enquadra como um estudo descritivo, que permite determinar práticas ou opiniões de uma população específica. Apresenta-se uma abordagem qualitativa e quantitativa, que segundo Miles e Huberman (1994), possibilita: a confirmação e corroboração entre os dados coletados, e estabelecer-se uma visão holística acerca do fenômeno.

### 6.2 População

Participaram do estudo os atletas das instituições esportivas mineiras que possuíam equipes masculinas da categoria sub-19 anos<sup>3</sup> em 2011. Destas equipes, de um total de cinco, quatro disputavam campeonatos organizados pela Federação Mineira de Basketball, e uma delas disputou campeonatos organizados pela Federação Paulista de Basketball. Também participaram atletas profissionais pertencentes à 5 equipes, e estas instituições esportivas atuaram nos *play-offs* da NBB da temporada 2010-2011 (Novo Basquete Brasil), principal competição do basquetebol masculino brasileiro. No total, 47 atletas profissionais e outros 47 atletas do basquetebol mineiro participaram do estudo. Também teve participação nesta pesquisa os 5 treinadores das equipes da categoria sub-19 anos de Minas Gerais. Todos os participantes são do sexo masculino.

---

<sup>3</sup> Na categoria sub-19 anos do Basquetebol participam os atletas que completam 19 anos ou menos no ano de vigência dos campeonatos.

## **6.3 Instrumentos**

### **6.3.1 Questionário sobre o Contexto da Prática para Atletas de Basquetebol (QCP-Basq)**

O Questionário sobre o Contexto da Prática para Atletas de Basquetebol foi desenvolvido no Laboratório de Psicologia do Esporte da UFMG em 2010. Este instrumento é baseado no modelo do treinador (CÔTÉ *et al.*, 1995) nos modelos de desenvolvimento de talentos de Bloom (1985) e Côté (1999). Mede principalmente, no período dos 6 aos 19 anos, os recursos de treinamento fornecidos aos atletas, juntamente com tempo de prática dedicado a cada aspecto do treinamento. O questionário é composto por três partes: características pessoais, tempo de treinamento, recursos para o treinamento. Este questionário não precisou passar por um processo de validação, por não representar um instrumento psicométrico. Não foi necessário se estabelecer construtos já que cada pergunta pode ser avaliada separadamente (THOMAS; NELSON; SILVERMAM, 2007). Este instrumento foi aplicado aos atletas da categoria sub-19 anos de Minas Gerais e aos atletas profissionais (Anexo 1, pag. 137).

### **6.3.2 Inventário do Perfil do Treinador de Basquetebol (IPT- Basq)**

O Inventário do Perfil do Treinador de Basquetebol (IPT-Basq), desenvolvido também no Laboratório de Psicologia do Esporte da UFMG em 2010, apresenta questões que auxiliam a retratar o perfil dos treinadores. No total, o instrumento apresenta 18 questões. Com o inventário é possível também identificar o nível de capacitação de cada treinador, além de outros fatores relevantes à prática. Este questionário foi aplicado apenas aos treinadores de basquetebol da categoria sub-19 anos de Minas Gerais (Anexo 2, pag. 141). Este instrumento, como aconteceu com o QCP-Basq, não precisou passar por um processo de validação.

### **6.3.3 Entrevista Semiestruturada**

A entrevista semiestruturada foi realizada com os treinadores da categoria sub-19 anos de Minas Gerais, para que se entenda a opinião deles sobre o contexto de desenvolvimento

dos atletas por eles comandados (Anexo 3, pag. 144). O critério para se estabelecer as perguntas foi baseado nos modelos de desenvolvimento de talentos de Bloom (1985) e Côté (1999) e no modelo do treinador de Côté *et al.* (1995).

As perguntas foram previamente listadas, mas apenas como um roteiro. Este tipo de instrumento é caracterizado pela flexibilidade, pois o pesquisador estabelece a ordem das questões de acordo com o andamento da entrevista (FERREIRA, 2010; MORAES, 1999).

#### **6.4 Procedimentos**

Os procedimentos realizados para a aplicação dos instrumentos foram:

##### *1) Primeiro Contato*

Foi feito um primeiro contato com os diretores de basquetebol das equipes da categoria sub-19 anos e profissional, para a obtenção do aval institucional para a realização do estudo. Foram agendadas datas para a coleta de dados com cada equipe. A realização do estudo aconteceu em um momento que não atrapalhou a rotina de treinamento e de jogos.

##### *2) Termo de Consentimento Livre e Esclarecido*

Antes da coleta de dados, todos os participantes do estudo que livremente decidiram participar da pesquisa assinaram os Termos de Consentimento Livre e Esclarecido (Anexos 4 e 5, pag. 147 e 150), tanto para a aplicação dos questionários, quanto para a realização das entrevistas, deixando claro que poderiam se retirar da pesquisa em qualquer momento que desejassem.

##### *3) Coleta de dados*

Tanto a aplicação dos questionários aos voluntários quanto as entrevistas com os treinadores aconteceram em um local reservado. Este local garantiu, aos atletas e

treinadores, silêncio e conforto. Os instrumentos de pesquisa foram aplicados pelo próprio pesquisador (questionários e entrevistas), que forneceu todas as explicações necessárias para o bom entendimento por parte dos sujeitos.

Durante as entrevistas o entrevistador manteve a neutralidade, não passando ao entrevistado que uma resposta específica foi apropriada ou não. O entrevistador, contudo, se apresentou atencioso às repostas dos treinadores, acerca das experiências e opiniões relatadas por estes profissionais. Criou-se um clima para que o convidado se sentisse a vontade para expressar seus conhecimentos.

#### 4) *Envio da transcrição das entrevistas aos treinadores*

As transcrições literais das entrevistas foram enviadas aos cinco treinadores da categoria sub-19 anos de Minas Gerais, juntamente com uma carta, que foi assinada e reenviada ao pesquisador, como forma de consentimento à veracidade dos dados (Anexo 8, pag. 155).

## **6.5 Análise de dados**

### **6.5.1 Dados Quantitativos**

Os dados quantitativos são oriundos da aplicação dos questionários. Para tabulação e tratamento dos dados foi utilizado o *software SPSS for Windows®*, versão 17.0. Para todos os testes, foi adotado um nível de significância de  $p < 0,05$ . Os procedimentos para a análise dos dados foram:

- Primeiro foi feita uma análise descritiva, média e desvio padrão, sobre as características gerais dos treinadores da categoria sub-19 anos de MG.

- Para os dados quantitativos do estudo, tanto para os atletas da categoria sub-19 anos de Minas Geras quanto para os profissionais, foi feito uma análise de normalidade através do teste Shapiro-Wilk. Os dados sobre a normalidade das amostras quantitativas estão no Anexo 9 (pag. 156).
- Para a comparação entre respostas quantitativas normais foi adotado o teste *t de student* para amostras independentes, para ambos os grupos estudados.
- Para a comparação entre as respostas quantitativas que não apresentam normalidade, foi aplicado o teste não paramétrico de Mann-Whitney, para ambos os grupos estudados. Estas amostras são consideradas independentes.
- Para comparação entre respostas qualitativas nominais de ambos os grupos estudados, para perguntas que tem como opções de respostas “sim” ou “não”, foi adotado o teste não paramétrico de Qui-quadrado.

### 6.5.2 Dados Qualitativos

A análise do conteúdo das entrevistas feitas com os treinadores da categoria sub-19 anos de Minas Gerais foi baseada nos estudos de Cotê *et al.* (1993), Moraes (1999), Johnson *et al.* (2008), Maciel e Moraes (2008), Ferreira (2010) e Ferreira (2012), e segue os seguintes passos:

#### Transcrição:

Foi utilizado, para a gravação das entrevistas, o aparelho da marca *Philips Digital Pocket Memo*. Depois as entrevistas foram transcritas, com ajuda de um pedal da marca *Philips Transcription Set*, que permitia o controle da gravação sem o uso das mãos. Procurou-se manter a fidelidade dos diálogos, só acontecendo correções ortográficas para o melhor

entendimento do texto. Foi enviado aos treinadores o texto das entrevistas para consentimento e atestado da veracidade das informações.

### Organização dos dados:

As entrevistas com os treinadores da categoria sub-19 anos de Minas Gerias foram divididas em pequenos trechos, ou miniunidades, denominadas *meaning units* (MUs) (TESCH, 1990). Elas são consideradas as menores partes compreensíveis de um texto que expressam uma ideia ou informação. Para prevalecer o anonimato dos entrevistados, cada MU foi identificada com a letra T (treinador), e um número de 1 a 5. Além disso, elas foram rotuladas para a identificação do conteúdo de suas informações:

Mas eu acho que o menino vem fruto da globalização, é um menino do celular, do computador, dos *shoppings*, de uma sociedade de consumo mesmo. Por isso vem com muita dificuldade motora, por que ele não passou pela experiência de brincar na rua.  
**(T2) Riqueza motora dos atletas.**

### Classificação dos dados

As MUs selecionadas foram comparadas e organizadas respeitando a similaridade das informações. Depois, foram classificadas, de acordo com os tópicos encontrados no Modelo do Treinador (Coach Model), de Côté *et al.* (1995).

## **6.6 Cuidados Éticos**

Esta pesquisa se encontra dentro das normas estabelecidas pelo Conselho Nacional de Saúde e foi aprovada pelo Conselho de Ética na Pesquisa (COEP) da UFMG (Anexos 6 e 7, pag. 153 e 154). Todos os participantes foram instruídos previamente dos procedimentos e da natureza acadêmica do trabalho. Os mesmos assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. O anonimato foi mantido na apresentação final dos dados obtidos no trabalho. Todos os indivíduos participaram voluntariamente e estavam conscientes que não haveria

qualquer dispêndio com a cooperação deles e também não receberiam qualquer remuneração por isso. Além disso, os voluntários estavam cientes de que poderiam deixar a pesquisa em qualquer momento que desejassem, sem nenhum constrangimento por isso.

## 7 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados estão apresentados juntamente com a discussão, para um melhor entendimento. Os dados quantitativos e qualitativos foram discutidos conjuntamente e classificados com base nas categorias do Modelo do Treinador (*Coach Model*) de Côté *et al.* (1995). As subcategorias foram extraídas de forma dedutiva destas categorias. A seguir estão descritas as categorias:

- Características dos Atletas
- Características dos Treinadores
- Fatores Contextuais
- Organização
- Treinamento
- Competição

Para a organização dos dados qualitativos, foram transcritas 45 páginas, de um total de 8 horas de gravação de entrevistas com todos os treinadores da categoria sub-19 anos de Minas Gerais. Os dados foram transcritos em letra arial 12, com espaçamento 1,5. A transcrição das entrevistas resultou em um total de 195 MUs. Estas passaram por processo de análise do investigador, com o objetivo de cercear o número, destacando desta forma, as mais pertinentes ao estudo. Sendo assim foram utilizadas 134 MUs para a descrição e discussão dos resultados (Quadro 1). Por questões de espaço e tempo, somente algumas MUs foram citadas no texto com o objetivo de complementar uma informação ou algum dado quantitativo. Para a apresentação das MUs, foi definida aleatoriamente a identificação dos treinadores. Ou seja, cada treinador recebeu uma numeração, precedida da letra “T”. Sendo assim, o Treinador 1 é identificado como T1.

No Quadro 1 estão destacados a classificação das miniunidades de acordo com as categorias e subcategorias.

<b>Categorias e Subcategorias</b>	<b>MUs</b>
<b>Características dos Atletas: anos de aprendizagem</b>	<b>13</b>
<b>Características dos Treinadores</b>	<b>32</b>
-Trajetória dos Treinadores	12
-Dilemas da Profissão Treinador de Basquetebol na Categoria Sub-19 anos em Minas Gerais	20
<b>Fatores Contextuais</b>	<b>63</b>
-Papel das Escolas	10
-Papel do Estado	10
-Papel das Universidades	10
-Instituições Esportivas	28
-O Papel dos Pais	5
<b>Experiências Competitivas</b>	<b>11</b>
<b>Treinamento</b>	<b>10</b>
-Volume de Treinamento	5
-Jogo Deliberado versus Treinamento em Equipes	5
<b>Organização dos Treinamentos</b>	<b>5</b>
<b>TOTAL</b>	<b>134</b>

QUADRO 1: Número de MUs por categoria e subcategorias  
 Fonte: Fonte de Pesquisa

As análises quantitativas dos dados para ambos os grupos, quanto aos recursos do treinamento (fatores contextuais); volume anual de treinamento, tempo total de treinamento (treinamento); volume de jogos, total de jogos (competições) foram feitas em dois contextos:

- Análise quantitativa geral dos dados considerando todos os atletas profissionais e da categoria sub-19 anos de Minas Gerais, treinando ou não em cada faixa etária, o que permite uma estimativa do estado da formação atlética dos grupos.

- Análise quantitativa específica dos dados<sup>4</sup> considerando apenas os atletas profissionais e da categoria sub-19 anos de MG que treinaram em cada faixa etária, o que dá uma estimativa de como as instituições esportivas trabalharam com os atletas. Quanto aos recursos do treinamento, o transporte para os treinos cedido pelas instituições esportivas (vale-transporte ou equivalente) é exclusivo, ou seja, só faz sentido a avaliação quando o atleta treinou o esporte em uma determinada fase.

Observar-se também que as comparações dos dados sobre o apoio dos pais ao desenvolvimento atlético dos filhos, tanto para os atletas profissionais quanto aos jogadores da categoria sub-19 anos de Minas Gerais, só faz sentido serem feitas considerando apenas os atletas que treinaram em cada faixa etária.

### 7.1 Características dos Atletas: anos de aprendizagem

Os jogadores profissionais têm a média de idade de  $27,034 \pm 5,631$  anos, já os atletas da categoria sub-19 anos de Minas Gerais possuem  $18,361 \pm 0,962$  anos de idade em média. Os atletas profissionais começaram a treinar basquetebol anteriormente que os atletas da categoria sub-19 anos de Minas Gerais, conforme mostra a Tabela 1.

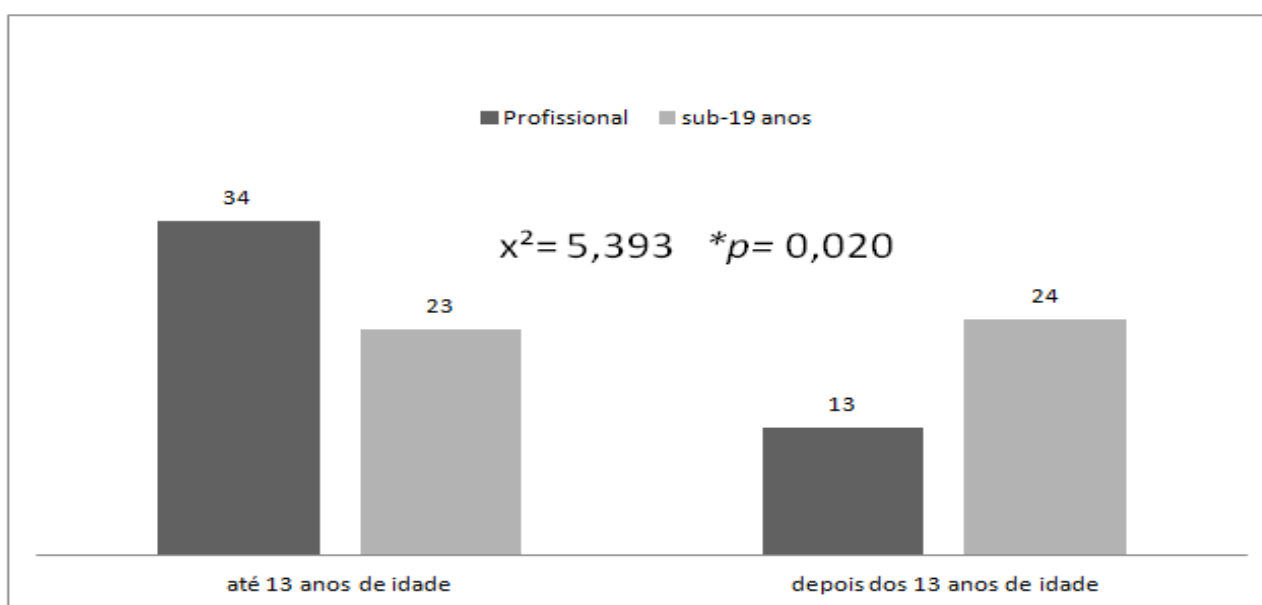
TABELA 1  
Idade que os atletas começaram a treinar basquetebol

	Média	Mediana	Desvio Padrão	Z	p
Pro	11,789	12	2,508	-2,669	*0,008
Sub-19	12,942	14	2,903		

\* $p < 0,05$

<sup>4</sup> Entre os 6 e 13 anos, 23 atletas da categoria sub-19 anos de MG e 34 profissionais já treinavam basquetebol. Já entre os 14 e 15 anos, 34 atletas da categoria sub-19 anos de MG e 44 profissionais. Todos os atletas já treinavam basquetebol entre os 16 e 19 anos.

O Gráfico 1 mostra que, antes dos 13 anos, um número maior de atletas profissionais começaram a treinar basquetebol em comparação aos atletas da categoria sub-19 anos. A iniciação no basquetebol por parte dos atletas profissionais do presente estudo aconteceu por volta dos 11 de idade, o que corrobora com literatura sobre o assunto (BLOOM, 1985; BOMPA, 2002; COTÊ, 1999; De ROSE JÚNIOR, 1995; PAES; BALBINO, 2005). A maior parte dos atletas da categoria sub-19 anos de Minas Gerais, conforme mostra o Gráfico 1, iniciou no esporte depois dos 13 anos de idade. Várias implicações pedagógicas devem ser consideradas para este grupo, conforme mostra a literatura sobre a iniciação esportiva a seguir.



\* $p < 0,05$

GRÁFICO 1: Número de atletas que começaram a treinar basquetebol, de acordo com a faixa etária

No basquetebol, o mais indicado é que a iniciação esportiva aconteça até os 13 anos de idade. Esta fase deve ser abrangente, contrapondo a ideia da especialização precoce em um esporte e da competição exagerada, com base na pluralidade de movimentos e na diversidade de situações-problemas: a criança precisa ter a oportunidade de tomar decisões em variados contextos do jogo. As competições devem ter um caráter participativo e podem ser estruturadas para reforçar o desenvolvimento das capacidades coordenativas, melhorando

a técnica do movimento, através de formações táticas simples. O jogo, nesta faixa etária deve ser o elemento didático-pedagógico mais importante, e não a simples repetição de movimentos em busca da perfeição técnica. Ou seja, o jogo não deve estar subordinado a vitórias ou derrotas, mas deve ter um valor puramente educativo (GIMENEZ; UGRINOWITSCH, 2002; PAES, 1997). Além disso, os conteúdos de ensino devem ser enfatizados para o desenvolvimento da destreza e das habilidades motoras, sem muita preocupação com as vitórias em competições, haja visto que a capacidade de suportar as experiências nos jogos na infância e início da adolescência é facilitada pela compreensão simplificada das regras e pelo valor relativo dos resultados das ações. (PAES, 1997; PAES; BALBINO, 2005).

Entende-se que o contexto comentado no parágrafo anterior não fez parte da iniciação esportiva dos atletas da categoria sub-19 anos de Minas Gerais. Para os treinadores da categoria sub-19 anos de Minas Gerais, é provável que tenha ocorrido um processo de especialização precoce nas primeiras fases do desenvolvimento destes atletas. Muitas vezes há pressão de pais e diretores esportivos por resultados.

Isso foi uma discussão na escola nacional de treinadores de basquetebol, sobre especialização precoce, e deve-se mudar muita coisa. Quem trabalha em clube visa resultado. Quando se tem um menino grande na iniciação, já o coloca de pivô, e esse menino seria um armador ou um ala no futuro. Mas como ele é o maior, já joga de pivô desde cedo. O menino neste caso não se desenvolve, não cria habilidades para jogar em outras posições do jogo. Isso é um ponto falho nosso, por buscarmos resultados precoces. Se a gente fosse pensar no garoto, a gente estaria pensando em uma formação mais universal, todos jogando em todas as posições. Formaríamos atletas mais bem preparados... ( **T3** **Especialização precoce.**

Acho que existe uma pressão enorme dos clubes, até mesmo dos pais, para que o menino ganhe cada vez mais precocemente. A questão da iniciação precoce também acontece. Com 12 anos o menino sofre pressão de ganhar, e se é alto já vira pivô, queimam-se etapas de maturação biológica, de carga de treinamento... As crianças não passam por todos os esportes, para o desenvolvimento coordenativo, já vai para o basquetebol precocemente. ( **T4** **Especialização precoce.**

Esta fase, denominada por Bloom (1985) como anos iniciais de aprendizagem, também é marcada por oportunizar aos jovens a aprendizagem de várias modalidades esportivas, o que visa à estimulação e a ampliação do vocabulário motor por intermédio das atividades variadas (BLOOM, 1985, CÔTÉ, 1999; PAES; BALBINO, 2005). Côté, Lidor e Hackfort (2009)

comentam que o acesso a uma grande variedade de atividades esportivas, na infância, aperfeiçoa a escolha pelo esporte preferido no futuro. A especialização no momento certo permite o aumento do campo de experiências motoras da criança que podem ser utilizadas no treinamento mais específico no futuro (PAES, 1997). Contudo, de acordo com os treinadores da categoria sub-19 anos de Minas Gerais, os atletas chegam para iniciar o treinamento formal do basquetebol no estado com baixíssima vivência motora, mesmo no contexto das cidades do interior, o que reflete diretamente no desenvolvimento esportivo deles.

Hoje a principal queixa dos treinadores que trabalham na iniciação, nas categorias sub-12 e sub-13 anos, é que os meninos chegam com uma vivência motora anterior ao basquetebol fraquíssima. Atletas que têm dificuldade de andar. Andam na ponta do pé, ou só com o calcanhar, ou pisam para dentro. Dificuldade para correr, de coordenar pernas e braços, pouquíssima vivência esportiva. Hoje é uma geração do videogame, o menino parou de correr na rua, de subir em muro e em árvores, não sabe rolar, ter destreza no corpo. Os meninos da geração *fast food* chegam para nós cada vez mais fracos, não suportam uma carga de treinamento mais forte. Daí a mãe fica preocupada, protege. O menino tem uma resistência baixa, tem um monte de alergias, sinusite, renite, o que atrapalha muito. **(T3) Riqueza motora dos atletas.**

Está tudo errado. A disputa com videogame, com computador também é desumana. Isso acontece também no interior, isso está globalizado. E é difícil cobrar do menino, pois em casa ele não tem cobrança. O mundo oferece coisas que dificulta o desenvolvimento do atleta. **(T4) Riqueza motora dos atletas.**

Greco e Benda (1998) revelam que entre os 11 e 13 anos, o indivíduo deve possuir um acentuado desenvolvimento nos aspectos cognitivos e físicos, que somados a fatores culturais, favorecerão o uso, pelas crianças, de suas habilidades dentro de estruturas físicas mais definidas. As capacidades coordenativas são consideradas como bases do movimento, independente do esporte, ou seja, o nível dos processos fundamentais da coordenação está diretamente ligado à condução e regulação da motricidade humana. Além disso, as capacidades coordenativas possuem um caráter geral, ou seja, elas são pré-requisitos para realização ou aquisição de uma técnica específica no esporte. Crianças que tiveram acesso à iniciação esportiva até os 13 anos de idade (como foi o caso dos atletas profissionais deste estudo) segundo Rocha, Rocha e Bertolasce (2010), possuem um melhor resultado em testes motores que os seus pares não esportistas.

## 7.2 Características dos Treinadores

### 7.2.1 Trajetória dos Treinadores

Com os dados retirados do Inventário do Perfil do treinador e com as entrevistas feitas com os treinadores da categoria sub-19 anos de Minas Gerais, foi possível extrair informações importantes sobre o contexto que o treinador em Minas Gerais está inserido.

Os treinadores da categoria sub-19 anos de Minas Gerais têm em média  $36,08 \pm 11,92$  anos de idade. Tais profissionais exercem a profissão em média a  $13,60 \pm 11,26$  anos. Todos eles foram atletas de competição de basquetebol, sendo que dois deles (40%) chegaram a ser atletas profissionais. Eles foram atletas em média por  $12,2 \pm 5,40$  anos.

Ter sido atleta da modalidade no passado é um fator recorrente na vida de treinadores de expressão. Phil Jackson, 11 vezes campeão como treinador da NBA (*National Basketball Association*), principal liga de basquetebol do mundo, foi também campeão como jogador nesta mesma organização (NBA, 2012). Schinke, Bloom e Salmela (1995) comentam que é comum treinadores de alto rendimento de basquetebol terem atingido no passado altos níveis de desempenho, em âmbito nacional e internacional, como atletas. Treinadores *experts* nos Estados Unidos acumularam milhares de horas de treinamento como atletas amadores nas escolas (GILBERT; CÔTÉ, MALLETT, 2006). Treinadores de basquetebol reportam que o sucesso como o atleta e a paixão pelo jogo são os combustíveis para se tornarem treinadores no futuro. Estes profissionais citam que seus treinadores do passado influenciaram positivamente para a escolha profissional (DAVIES; BLOOM; SALMELA, 2005). Contudo, vale ressaltar que ser ex-atleta da modalidade não é um pré-requisito para que um indivíduo se torne um treinador de excelência, mas sim um fator que pode influenciar na escolha e atuação laboral.

Treinadores portugueses universitários citam que durante a carreira esportiva como atletas tiveram a oportunidade de serem treinados por diferentes tipos de profissionais, o que deu a eles uma visão mais holística sobre o processo de treinamento esportivo (PEREIRA et

al., 2009). Paulo Freitas, que participou do estudo de Rodrigues (2007) sobre a trajetória esportiva de treinadores renomados do basquetebol português, tece estas palavras sobre a importância de ser ex-atleta da modalidade: “*Obviamente para mim foi importante, e o fato de eu ter sido atleta ajudou-me a conhecer o jogo de uma forma talvez diferente ....*”

A observação do trabalho de outros treinadores e a experiência da prática cotidiana são essenciais na construção do conhecimento profissional. A aprendizagem profissional dos treinadores decorre muitas vezes de um processo contínuo e prolongado, que envolve a experiência pessoal como ex-atleta e a experiência profissional (SALMELA, 1996). O resultado desta aprendizagem é um misto de conhecimento teórico e prático, que utilizado de forma articulada, permite ao treinador realizar o seu trabalho na formação esportiva de jovens (RAMOS *et al.* 2011). Três desses profissionais (60%) começaram suas carreiras em escolinhas de clubes esportivos. O restante começou em equipes de competição. Três deles tiveram como maiores influências para investirem nesta profissão outros treinadores, dois deles citaram os amigos e familiares.

Eu comecei a jogar basquetebol de 10 para 11 anos, e estou até hoje. Já rodei por várias equipes, e há quatro anos eu sou treinador do clube que eu comecei a jogar. Eu cheguei jogar profissionalmente. Comecei com o E.R., e eu fui pegando cancha com ele, acompanhando os treinos, virei preparador físico, e por volta de uns três a quatro meses eu já estava como treinador principal. A transição foi difícil pelo fato de me ver como jogador no começo. Eu passei pelo curso de Educação Física. E foi um meio também para eu continuar no basquetebol, como treinador ou em outra função. Hoje em dia eu estou satisfeito com isso. **(T2) Trajetória do treinador.**

Eu joguei do minibasquetebol até o juvenil, e sabendo que eu não daria prosseguimento à carreira de jogador, eu comecei a fazer a faculdade de Educação Física. No primeiro período eu já trabalhava na base com o minibasquetebol. Mesmo tendo só o conhecimento prático, devido à convivência com os treinadores que passaram na minha carreira como jogador, eu já estava trabalhando... Eu tive também a oportunidade de acompanhar os treinamentos de treinadores de ponta, desde o começo da minha carreira. E trabalhei com assistente técnico de equipe adulta. E com 21 anos eu era já treinador de juvenil. **(T5) Trajetória do treinador.**

Três deles (60%) já participaram de competições internacionais, os outros alçaram o maior nível como treinador trabalhando em competições nacionais. Como mostra o Gráfico 2, a grande maioria deles possuem formação acadêmica em Educação Física.

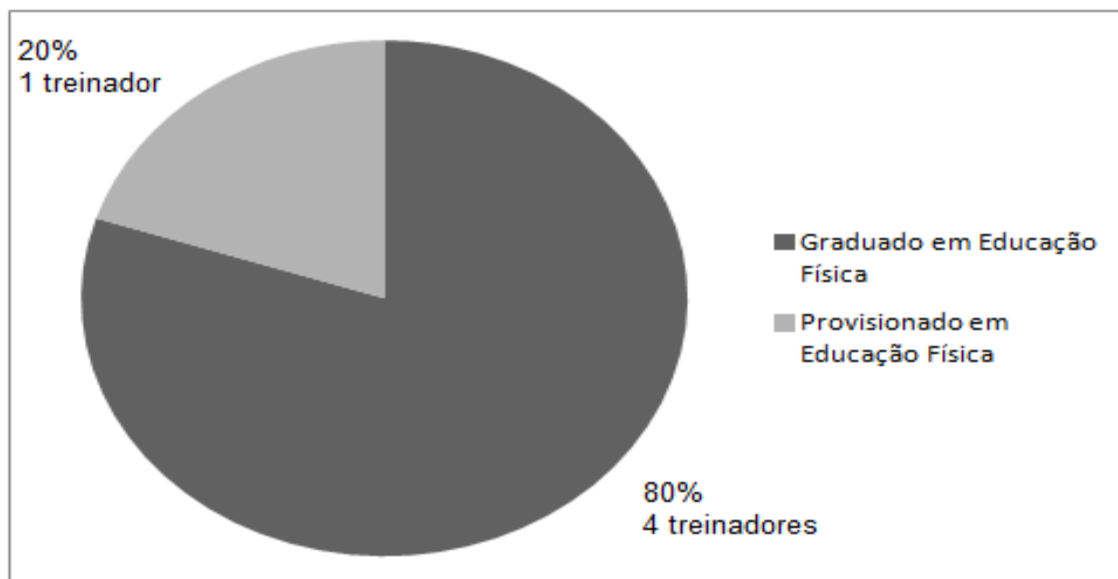


GRÁFICO 2: Formação acadêmica dos treinadores

O conhecimento do treinador é uma construção social e está diretamente ligado a sua formação e a sua história esportiva prévia (JONES; ARMOUR; POTRAC, 2003). É necessário para o treinador possuir conhecimentos e experiências que ultrapassem as vivências de ex-atleta, porque somente o conhecimento específico da modalidade não basta, tornando-se necessário acompanhar a evolução dos conhecimentos científicos aplicados ao contexto esportivo (ARAÚJO, 1997; ROSADO, 2000; SALMELA, 1996).

O nível de exigência referido ao trabalho do treinador aumentou muito ao longo do tempo, e apenas a intuição e inspiração não são suficientes para que o treinador tenha um alto nível de desempenho (MARQUES, 2000). Moreno e Del Villar (2004) destacam a importância da formação acadêmica para que um profissional se torne treinador. Ter formação universitária parece ser uma realidade para treinadores brasileiros. Em um estudo com treinadores *experts* do voleibol infanto-juvenil, todos eles possuíam formação universitária em Educação Física (MILISTETD *et al.*, 2010). Ramos *et al.* (2011) ao estudar treinadores de basquetebol de Santa Catarina, observou o mesmo resultado.

Dois dos treinadores não possuem nenhuma produção técnica ou acadêmica a respeito do basquetebol, e três deles, 60%, já ministraram palestra sobre o esporte ou produziram texto em jornal sobre o basquetebol. Como mostra a Tabela 2, em um período recente, os treinadores relataram que fizeram algum curso de reciclagem para a profissão.

TABELA 2

## Participação em cursos para treinadores de basquetebol

Nível	n	Porcentagem	Periodo
<i>Estadual</i>	4	80%	últimos 3 anos
	1	20%	últimos 4 a 5 anos
<i>Nacional</i>	5	100%	últimos 3 anos
	0	0%	últimos 4 a 5 anos
<i>Internacional</i>	3	60%	últimos 3 anos
	0	0%	últimos 4 a 5 anos
	1	20%	não fez
	1	20%	há mais de 5 anos

Os treinadores também ressaltam a importância dos cursos de formação e qualificação dos treinadores. A Confederação Brasileira de Basquetebol criou recentemente a Escola Nacional de Treinadores de Basquetebol, com o objetivo de melhorar a formação destes profissionais. Porém esta iniciativa, na opinião de dois treinadores, deveria atingir também cidades do interior do estado.

Foi criado o curso de formação de treinadores. É uma iniciativa nova, de apenas dois anos. Está em fase de formação, mas começou. Eu fui num curso em São Paulo, e estão trazendo gente de fora, de um nível muito alto. Aqui em Belo Horizonte trouxeram um ex-treinador da NBA. De ponta, um treinador muito renomado. Então se tem a preocupação de trazer gente de fora, de outros países, como forma de intercâmbio. **(T1) Curso de formação de treinadores**

A Escola Nacional de Treinadores foi um passo muito grande, sem dúvida. Acho que vai melhorar. A Escola é válida, mas precisa abrir mais para outros estados, atingir as cidades menores, popularizar mesmo. Cursos regionalizados. Palestras em campeonatos menores, com preços mais acessíveis. Ter mais opções, em campeonatos grandes do governo, como os jogos nacionais escolares. **(T4) Curso de formação de treinadores.**

Treinadores de alto nível possuem um grande desejo pessoal de melhorar e de se atualizar na profissão (SALMELA, 1996). A necessidade de formar treinadores qualificados tem crescido de forma exponencial na nossa sociedade, contrariando a crença geral de que

qualquer um pode ser treinador, desde que o passado desportivo permita isso. Deste modo, um variado leque de competências é requerido para o exercício efetivo da atividade. Essas competências são geralmente obtidas a partir da formação acadêmica deste profissional e é concretizada por via dos cursos de formação de treinadores e da experiência profissional (CUNHA *et al.*, 2010). Órgãos responsáveis pelo desporto mundial estão preocupados em criar cursos de formação de treinadores de basquetebol. Geralmente estes cursos envolvem conteúdos como: *fair-play*, código de conduta, conhecimentos gerais do desporto, conhecimentos específicos do basquetebol e experiências práticas (RODRIGUES, 2007). Entidades que organizam o esporte preocupam-se em fornecer aos seus treinadores um amplo conhecimento científico, para aliar-se a experiência prática (CAMPBELL, 1993). A formação do treinador deve também abranger conhecimentos na área da ciência do treinamento, fisiologia e psicologia do esforço (GILBERT; TRUDEL, 2001).

. Pereira *et al.* (2009) verificaram, ao pesquisar a carreira de treinadores universitários de esportes coletivos em Portugal, que 70% possuía algum curso de formação para treinadores. Lemos (2005) e Maia (2010) constataram que treinadores de alto rendimento do basquetebol português também eram interessados em frequentar estes cursos de formação. A mesma constatação obteve um estudo com treinadores de basquetebol de Santa Catarina (RAMOS *et al.*, 2011). Treinadores tendem a melhorar seu desempenho, e são capazes de aplicar e transpor seus conhecimentos diretamente aos atletas, a partir do momento que participa de programas formais de qualificação de qualidade (RAMOS *et al.*, 2011). Jovens atletas avaliam melhor o comportamento dos treinadores quando estes se preocupam em participar de cursos de formação (MACDONALD; CÔTÉ; DEAKIN, 2010).

## 7.2 2 Dilemas da Profissão de Treinador da categoria sub-19 anos de Minas Gerais

Todos os treinadores da categoria sub-19 anos de MG recebem salário para trabalhar, mas como mostra o Gráfico 3, a maior parte não exercem tal função em tempo integral. Os treinadores que não trabalham com o esporte em tempo integral, dedicam  $23,33 \pm 5,77$  horas por semana a outras funções laborais.

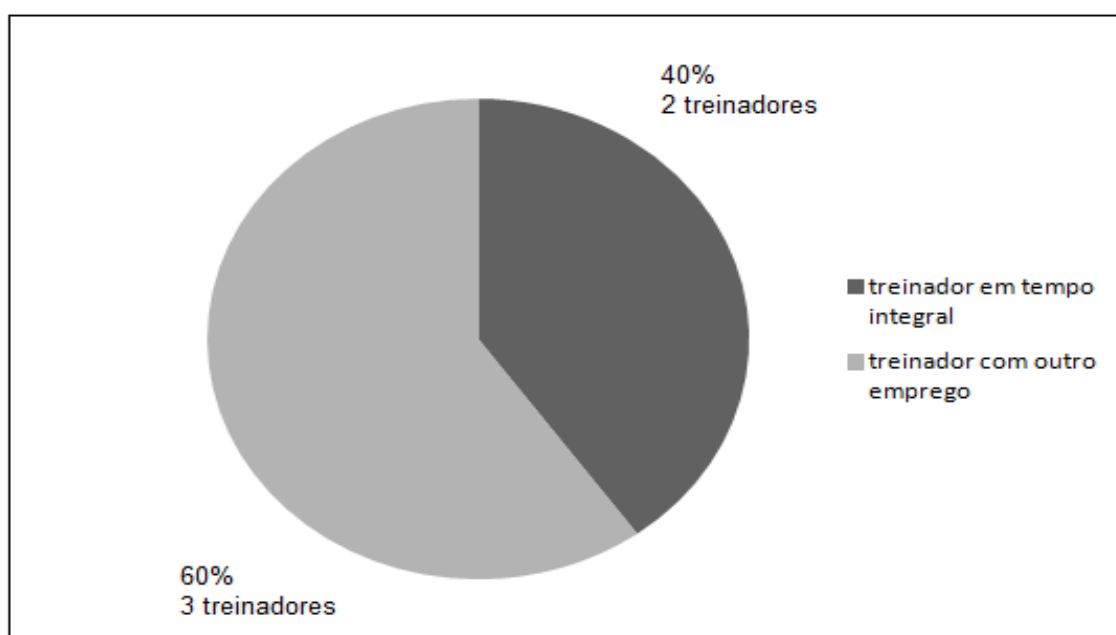


GRÁFICO 3: Dedicção ao trabalho como treinador

Os treinadores também comentam sobre a precariedade dos salários fornecidos aos profissionais. Muitos deles possuem mais de um emprego para se manterem economicamente. A dedicação exclusiva à função de treinador, segundo os entrevistados, possibilitaria a eles estarem mais integrados ao processo de treinamento dos atletas.

Mesmo sendo coordenador de basquetebol, eu tenho outro emprego, trabalho de manhã e de tarde, para compor a renda. Não dá para trabalhar só com basquetebol... Eu acho que teve um período que eu trabalhei só como treinador. Eu passava o dia no

clube, vinha de manhã, na hora do almoço tinha um pessoal do adulto e a gente fazia treino de passe, de drible. Trabalhava na escolinha, e alguns atletas faziam treinamento específico, tinha o treino da equipe, mas a gente treinava a parte os fundamentos específicos de cada posição, do armador, do lateral e do pivô. Eu acho que eu neste período consegui formar grandes atletas... Mas seria fundamental para o desenvolvimento dos atletas que o treinador fosse só treinador... **(T1) Remuneração dos treinadores e dedicação exclusiva**

Atualmente é precária a estrutura do basquetebol brasileiro... Mas, só aqueles treinadores da NBB (Novo Basquete Brasil) que se sustentam só de basquetebol, são poucos... Mas tudo nesta visão de precariedade, pois não dá para viver só de basquetebol, por isso eu exerço outras funções dentro da educação física. **(T2) Remuneração dos treinadores e dedicação exclusiva.**

Algumas restrições inerentes à profissão podem dificultar que o treinador atinja um alto nível, por tanto a excelência neste domínio é multifatorial (SAIZ *et al.* 2007). A dedicação exclusiva à profissão permite ao treinador tempo para estudar, analisar adversários, planejar melhor o treinamento. Em um estudo com treinadores de futebol americano dos Estados Unidos, foi possível constatar que estes profissionais passavam horas do seu dia planejando treinos, assistindo jogos feitos pela sua equipe e por adversários e verificando *scoutins* dos jogos. Para eles, a dedicação exclusiva ao esporte é fundamental (GILBERT; CÔTÉ; MALLETT, 2006). Achados semelhantes foram encontrados com o estudo de Saiz *et al.* (2007), com treinadores *expert* do basquetebol espanhol, e no estudo de Ericsson, Côté e Fraser-Thomas (2007), com treinadores canadenses de esportes individuais e coletivos. A dedicação exclusiva ao esporte é condicionada pela remuneração oferecida aos treinadores. Davies, Bloom e Salmela (2005) ressaltam que os treinadores de basquetebol universitário norte-americano possuem altos salários e permanecem bastante tempo no mesmo emprego.

O futebol representa uma hegemonia esportiva no Brasil, e muitos treinadores deste esporte em equipes profissionais ganham verdadeiras fortunas para exercerem o ofício (SALMELA; MORAES, 2003). Porém a realidade brasileira para outros esporte é diferente, principalmente nas categorias de base. A pesquisa de Egerland, Nascimento e Both (2009) constatou que 78,4% dos treinadores investigados, de esportes coletivos e individuais em Santa Catarina, desempenham outra função remunerada, pois os honorários de treinador são modestos.

Em média, os treinadores dedicam  $27,80 \pm 13,57$  horas por semana ao trabalho com suas respectivas equipes de basquetebol. Porém a profissão treinador de basquetebol enfrenta alguns dilemas. Dois treinadores relatam que nos clubes há certa estabilidade no emprego. Todavia um deles revela que os treinadores estão à mercê dos interesses dos patrocinadores, das prefeituras e de dirigentes esportivos para que continuem trabalhando com o esporte.

Você vê que os clubes dificilmente mudam, os treinadores ficam um tempo razoável. O mercado de basquetebol é muito interessante, não tem profissional, mas também não tem muita demanda. Por isso os treinadores têm certa estabilidade. Eu estou há muitos anos no clube... Quando você precisa contratar um treinador, é difícil achar no mercado um treinador disponível. Tem pouca gente, e é difícil encontrar... **(T1)**  
**Estabilidade no emprego.**

Para mim, é fácil falar quando se está tranquilo, tenho a segurança de ver os atletas passarem e eu ficar. Agora, existem situações que clubes dependem de prefeituras, então o treinador está trabalhando, daí muda o prefeito, e ele pode não estar mais trabalhando. Ou mesmo o clube vive uma situação financeira difícil, ou vive a mercê de um patrocinador, se amanhã não tem o dinheiro, não tem trabalho... Ou um dirigente decide acabar com a equipe, para se conter gastos. Hoje tem pouco mercado de trabalho em lugares estruturados, porém em prefeituras do interior sempre abrem vagas, mas da mesma forma que abre uma vaga de trabalho, fecha-se também. **(T3)**  
**Instabilidade no emprego.**

De acordo com os treinadores da categoria sub-19 anos de Minas Gerais, as universidades brasileiras, de maneira geral, são ineficientes em formar treinadores de basquetebol. Sobre isso eles comentam:

O profissional de Educação Física que se forma hoje, com a formação feita pelas universidades, não tem condições básicas de dar um bom treino de basquetebol. Não está preparado para isso. Mesmo tendo jogado basquetebol a vida inteira, o profissional poderia ter uma formação mais específica para se tornar um treinador, especializações, cursos. Uma carteirinha que garanta a formação. Os alunos que saem da faculdade não estão preparados para serem treinadores de nenhum esporte. **(T4)**  
**Papel das Universidades na formação dos treinadores.**

Sobre a formação de professores, é difícil falar. Mas o professor que vai trabalhar com um esporte, e não tenha participado deste esporte antes, ele tem na escola de educação física apenas 40 horas de formação em um determinado esporte. Com essa carga horária, é muito difícil formar um treinador. Então hoje, a gente vê que quem trabalha com basquetebol é ex-jogador... Tem a experiência de atleta, fez um curso superior, e tem uma bagagem grande para ser o treinador... As universidades deveriam se preocupar em ter um curso a parte ou específico para formação de treinadores esportivos. **(T1)**  
**Papel das Universidades na formação dos treinadores.**

Além disso, estes profissionais reclamam da falta de produção científica a cerca do basquetebol. Poderia haver um trabalho em conjunto entre as universidades, clubes e federações para que se aumente a qualidade e a quantidade da produção de conhecimento sobre o basquetebol.

Hoje eu sinto falta de estudos científicos voltados para o basquetebol. Se a gente for olhar são poucos. Tem estudos, por exemplo, na parte de fisiologia ou preparação física de uma forma geral, que a gente tem que transportar para o Basquetebol. Esse aspecto é precário nas universidades, poucos professores têm o interesse de levar o conhecimento para dentro das quadras. Isso dificulta até na formação de preparadores físicos para o basquetebol. **(T3) Estudos científicos voltados ao basquetebol.**

A formação dos treinadores nos cursos superiores não é específica para o trabalho dentro de quadra. O aumento da quantidade de formados em Educação Física no Brasil não necessariamente significa uma melhor qualidade do profissional. Muitas vezes, o que é ensinado nos cursos de Educação Física não acompanha às necessidades de um mercado emergente (SANTOS; SIMÕES, 2008). Ramos *et al.* (2011) comentam que no Brasil, a formação de treinadores segue uma tendência de ser realizada pelos Cursos de Graduação em Educação Física. Os cursos de bacharelado são responsáveis pela construção de conhecimentos para a intervenção de profissionais no esporte, fora do âmbito escolar, muito embora estas orientações estejam distantes de um processo de formação específica de treinadores (HUNGER *et al.*, 2006).

Salmela (1996) comenta que a crítica sobre a prática desportiva e seus modelos de formação deveria ser elaborada, não apenas por aqueles que observam externamente as realidades, permanecendo fora delas, mas, especialmente, por quem está no seu interior, de modo a que se formulem alternativas coerentes com as transformações qualitativas que se pretendem promover nessas realidades. A maior parte das universidades dos Estados Unidos e do Canadá possuem programas de desenvolvimento de treinadores. Muitos profissionais se formam integralmente, tanto na teoria quanto na prática, já que estas instituições possuem bons programas acadêmicos e esportivos (MCMILLIN; REFFNER, 1999).

## 7.3 Fatores Contextuais

### 7.3.1 Papel das Escolas

Conforme mostra a Tabela 3, não houve uma predominância, para ambos os grupos, de atletas que jogaram basquetebol no colégio durante a sua carreira esportiva, em comparação aos que não jogaram. Na comparação entre os grupos, não houve diferença estatística para o quesito supracitado. Sendo assim, treinar basquetebol no colégio não foi um fator predominante na carreira esportiva dos atletas pesquisados.

TABELA 3  
Treinamento de basquetebol no colégio

categoria	n			Pro x sub-19		sim x não	
		sim	não	$\chi^2$	$p$	$\chi^2$	$p$
Pro	47	26	21	0,043	0,835	0,532	0,466
Sub-19	47	27	20			1,043	0,307

A opinião dos treinadores da categoria sub-19 anos de Minas Gerais foi unânime no que diz respeito à ineficiência das escolas em promover o desenvolvimento motor e esportivo dos alunos. Um dos treinadores criticou também a precariedade da aula de Educação Física, e da estrutura física das escolas para prática do basquetebol.

A Educação Física nas escolas está muito fraca, e isso empobrece muito o nosso esporte, não só o basquetebol, mas o esporte como um todo. A falta de vontade, nem é de capacitação, de ensinar, de tomar frente de projetos estruturados de esportes nas escolas nos prejudica muito, porque pegamos bons atletas com um potencial físico grande, e acaba não dando em nada. O cenário escolar, aqui em (cidade do interior) que eu conheço um pouco mais, é muito fraco. É difícil ver a estrutura necessária nas escolas, é difícil ver uma tabela, quando tem a tabela, é difícil vir com um aro. Aro e redinha, quase impossível. E ver um professor ensinado basquetebol nas estruturas existentes é quase impossível também. Quando se tem um time disputando os jogos escolares, este time é vinculado a algum clube. Às vezes no interior tem basquetebol em uma escola, mas é apenas nesta escola, fica um trabalho isolado. **(T3) Papel das escolas**

Estamos recebendo um menino que não faz atividade física, e a maioria das escolas não tem uma educação física eficiente. Bem feita, bem trabalhada, não tem... O menino vem jogar basquetebol no clube porque aqui tem o esporte. Este trabalho, de

iniciação esportiva, deveria ser feito nas escolas. Um trabalho mais universal, que trabalhe todos estes conceitos. Mas se ele não fez o esporte ele terá muita dificuldade... Nos campeonatos escolares, as equipes que ganham os campeonatos vêm nos clubes, levam os meninos para as escolas, dão bolsas. Deveria ser o inverso, o menino ser formado na escola, para ir para os clubes depois. **(T1) Papel das escolas.**

Além disso, os treinadores ressaltam que a associação do esporte escolar com o esporte feito nos clubes poderia ser uma boa alternativa para o melhor desenvolvimento dos atletas. Todavia muitas vezes esta parceria, quando existe, é viciada. A escola deseja somente o atleta, e geralmente, tais parcerias não são duradouras.

O clube deveria ter uma ligação forte com a escola, para que o desenvolvimento fosse feito em conjunto, e o profissional de educação física fosse valorizado. Nos jogos escolares de Minas Gerais você consegue recrutar os atletas para se desenvolver nos clubes. Mas acho que deveria ter uma correlação da escola com o clube. O clube deveria abraçar algumas escolas, e os treinadores do clube acompanharia estes atletas. O clube deve também vincular o esporte com a escola com bolsas. Com o esporte escolar forte, os pais dos atletas observariam que é uma saída o atleta jogar basquetebol para que ele continue os estudos. **(T5) Associação esporte e escola.**

No ano passado nós fizemos uma parceria com uma escola para disputarmos os jogos escolares, e chegamos até a fase estadual. Mas era uma parceria que nós íamos lá e dávamos um suporte. Este ano a parceria acabou. E a escola não teve nem time. O profissional da escola, muitas vezes não quer trabalho extra. No final de semana ele teria que levar os meninos nos Jogos Escolares. Muitas vezes terá que fazer rifa para viajar, pois não há dinheiro para isso. Ele não vai receber nada a mais por isso... Não vejo melhora em curto prazo. Não há desenvolvimento de atletas de basquetebol nas escolas. **(T4) Associação esporte e escola.**

Sobre trajetória esportiva dos atletas, Oliveira e Paes (2004) afirmam que a escola é o melhor local para a aprendizagem e prática dos esportes, pois, são inúmeros os motivos no qual as crianças e adolescentes procuram os desportos, entre eles: encontrar e jogar com outros garotos, diversão, aprender a jogar. Neste ambiente, o professor terá controle da frequência e do comportamento dos alunos, facilitando as intervenções pedagógicas. Geralmente na escola a hipercompetição também não é tão estimulada como nos clubes.

O esporte na escola, como disciplina complementar ou como conteúdo da Educação Física, deve ser pautado pelo princípio do autorrendimento, ou seja, de acordo com as possibilidades individuais, em que cada aluno busque dentro de suas possibilidades seu

aprimoramento desejável, e orientado de tal maneira que todos tenham a oportunidade de aprendê-lo e praticá-lo. Os propósitos e efeitos da inclusão do esporte na escola devem ser alvos de reflexão permanente, não para acomodar acriticamente as transformações na cultura desportiva, mas para dar um enquadramento pedagógico ao jogo. (GAYA; MARQUES; TANI, 2004). “*Magic*” Paula, atleta de basquetebol, campeã mundial em 1994 e vice-campeã olímpica em Atlanta 1996, em entrevista a Balbino (2006), destaca a importância da escola para o desenvolvimento do esporte:

... É necessário pensar muito mais do que somos hoje e fazer com que o esporte seja fundamental dentro da escola, na educação. Deve ser tratado como qualquer outra disciplina, como a matemática, a ciência, a biologia e química. Creio que enquanto o esporte não tiver essa função dentro da escola, não teremos um esporte melhor do que temos hoje.

Além disso, o atleta normalmente está totalmente inserido no ambiente escolar, e deveria praticar o esporte nas escolas, desde o ensino fundamental, até o médio. Cagnato e Vieira (2009) relembram que a criança inicia sua trajetória escolar muito cedo, por volta dos 6 anos de idade, e é na escola que passa em média 12 anos, tendo assim influências de amigos e principalmente dos professores. Essas relações sociais vivenciadas pelo indivíduo funcionam como parâmetros para constituírem sua personalidade, seu caráter, suas opiniões e suas atitudes.

A lei 9.394 de 1996, que estabelece as diretrizes e bases curriculares da educação brasileira, estabelece que o esporte deva ser valorizado como atividade extracurricular, possibilitando o desenvolvimento escolar infantojuvenil. Ou seja, o esporte poderia estar inserido nas escolas em um momento que o aluno não estivesse incumbido das suas obrigações habituais. Porém, O Brasil enfrenta também problemas quanto à estrutura física das escolas para prática esportiva. No texto dos Parâmetros Curriculares Nacionais para Educação Física (1997, p.61), há uma reflexão a este respeito:

Sabe-se que na realidade das escolas brasileiras os espaços disponíveis para a prática e a aprendizagem de jogos, lutas, danças, esportes e ginásticas não apresentam a adequação e a qualidade necessárias. Alterar esse quadro implica uma conjugação de esforços da comunidade e poderes públicos.

Segundo este mesmo documento, a maior parte dos alunos brasileiros, cerca de 88%, estudam em escolas públicas. Greco e Benda (1998) a respeito da realidade das escolas públicas mineiras comentam que a maior parte destas instituições não possui condições básicas de infraestrutura para a prática esportiva. Sabe-se que a Educação Física escolar brasileira encontra numerosas limitações, desde a formação do profissional até a realidade das instituições de ensino em nosso país. Pode-se inferir que os desafios são grandes, mas possíveis de serem superados a partir da capacitação do profissional de Educação Física, bem como melhoria das condições de trabalho e políticas públicas que viabilizem a implantação da iniciação esportiva na escola de maneira adequada, equilibrada e lúdica (FERREIRA; REIS; MORAES, 2011).

O trato do esporte nas instituições escolares brasileiras precisa ter uma mudança de paradigma que inclua também o esporte de rendimento. O esporte na escola não deve se pautar apenas para formação de atleta, mas também para formação de atletas. Isso não exclui a prática prazerosa ou democrática do esporte, voltada para todos os alunos, independente de qualquer valor discriminatório. A escola é o ambiente mais democrático para prática esportiva. Todas as crianças têm direito a escola pública e gratuita, de acordo com a constituição (BRASIL, 1988). É e na escola que a criança passa boa parte do seu tempo. O maior processo discriminatório se concretiza quando a criança precisa procurar para ter acesso à prática esportiva, um clube, onde muitas vezes o esporte é voltado para associados. Vale lembrar que a melhor maneira de se formar atletas é popularizando o esporte. O esporte na escola não precisa ser excludente. Alunos com rendimento esportivo acima ou abaixo do esperado devem ter a mesma oportunidade de prática.

De Bossher *et al.* (2009), ao estudarem países que são grandes potências olímpicas, verificaram que ter um esporte escolar forte é condição básica para que uma nação consiga ótimos resultados em competições internacionais. A realidade do esporte brasileiro contrasta com a de outros países considerados potências olímpicas. Nos Estados Unidos, por exemplo, o fato de haver uma ampla organização educacional esportiva possibilita ao atleta de basquetebol poder praticar o esporte desde muito cedo, perto da sua casa, sem ter restrições de acesso (ESTEVA *et al.*, 2006; USA BASKETBALL, 2012). Neste país o esporte de base é praticado na escola e, posteriormente, nas universidades. Em alguns casos, alunos chegam a escolher seu curso com base na qualidade da equipe universitária ou recebem bolsas para

cursar a faculdade e jogar pelo time. Em Cuba, o esporte é visto como disciplina obrigatória nas escolas. Os alunos que demonstram potencial maior são encaminhados a centros esportivos regionais do governo federal e, posteriormente, para centros de excelência (ALVES; PIERANTI, 2007). Porém, o governo brasileiro está concentrado em sediar grandes eventos esportivos, como a Copa do Mundo de Futebol de 2014 e os Jogos Olímpicos de 2016, e pouco se preocupa em estabelecer uma política pública que leve o esporte, associado à educação, para toda a população.

### 7.3.2 Papel do Estado

Sobre o papel do estado para o desenvolvimento de atletas de basquetebol em Minas Gerais, os treinadores da categoria sub-19 anos salientam que a falta de espaços públicos para prática do esporte e a ausência de um programa que democratize o esporte são problemas sérios que necessitam ser enfrentados. Com isso, poucas pessoas têm acesso ao esporte em suas diversas formas de manifestação.

Aqui na nossa cidade, a prática do basquetebol é restrita ao treinamento. Não tem espaços públicos e na escola não é incentivado que os meninos brinquem de basquetebol. Muitas vezes no interior, quando se inaugura uma quadra, não tem uma tabela de basquetebol. Tem um gol de futsal e é isso. **(T4) Democratização do esporte e espaços públicos para prática do esporte.**

Eu vejo da seguinte forma, eu vou numa praça que não tem tabela de basquetebol, só tem campo de futebol, os lugares públicos não tem estrutura, isso dificulta o incentivo à prática para a população. Aqui em (cidade do interior), só tem uma praça que tem tabela, e é uma cidade reconhecidamente que gosta demais de basquetebol... Com mais gente jogando, você precisa de mais gente para ensinar. Tem que ter também lugar para ensinar e times para jogar. Isso vira uma bola de neve que movimenta o esporte. Gera campeonatos. **(T3) Democratização do esporte e espaços públicos para prática do esporte.**

O ideal seria, ao longo da infância e adolescência, seja no contexto da educação não formal ou informal, que a vivência esportiva possibilitasse o desenvolvimento de habilidades e capacidades gerais e específicas que permitisse à população o acesso autônomo à prática esportiva na idade adulta. Entretanto, esta expectativa muitas vezes é negligenciada, ou por

um tratamento inadequado do esporte no cenário escolar ou pela dificuldade de acesso à prática esportiva em outros cenários, tais como clubes e centros privados (PIMENTEL; GALATTI; PAES, 2010). Com isso é de suma importância que o estado desenvolva estratégias para aumentar o acesso ao esporte. No Brasil, o modelo esportivo é baseado em clubes. Esse contexto oferece uma base deficitária de acesso da população à prática esportiva, visto o caráter privado das instituições. Estados Unidos e Cuba, cujo modelo esportivo está diretamente ligado à educação, apresentam um número muito maior de pessoas praticando esportes (ALVES; PIERANTI, 2007). Um dos treinadores reclama do pequeno número de praticantes de basquetebol no estado.

Infelizmente, hoje em Minas Gerais não tem nem 20% na quantidade de atletas, do que seria o ideal para formar atletas profissionais e para a democratização do esporte. Hoje o basquetebol em Minas Gerais é restrito a Belo Horizonte, Uberlândia e algumas equipes esporádicas do sul de Minas Gerais. Temos muito poucos núcleos para que se desenvolva o esporte, e deveria ter políticas para isso. Deveria ter ligas intermediárias, nas regiões do estado. **(T5) Democratização do esporte.**

Está escrito no artigo 217 da Constituição Federal do Brasil (1988): “É dever do Estado fomentar práticas desportivas formais e não formais, como direito de cada um... “. A lei 9.615, de março de 1998, no seu artigo número 2, prevê que o desporto, como direito individual, tem como base o princípio da democratização, e é dever do estado garantir condições de acesso às atividades desportivas sem quaisquer distinções ou formas de discriminação. Ou seja, o cidadão tem direito ao acesso gratuito ao esporte. A estruturação dos espaços das cidades deve ser também entendida à luz dos diversos mecanismos sociais, pois a maneira que processo de urbanização é conduzido tem forte influência sobre o estilo de vida da população (GONÇALVES; MELO, 2009).

Porém é notória a ineficiência das autoridades governamentais brasileiras em fornecer espaços públicos para a prática esportiva. Por exemplo, estes espaços em áreas de alta vulnerabilidade social estão diminutos e em péssimo estado de conservação, quando existem, na região metropolitana de Belo Horizonte. É comum estas áreas serem próximas a esgoto a céu aberto, não existe muitas vezes iluminação ou instalações adequadas. E geralmente estes espaços são exclusivos para a prática do futebol (NORONHA, 2009). Conforme as falas

dos treinadores, esta realidade se estende também pelas cidades do interior mineiro. Em São Paulo, Hirai (2009) verificou que, mesmo esta metrópole sendo a mais rica e populosa do Brasil, os espaços públicos para prática esportiva não atinge toda a população, e estão centralizados nas regiões mais ricas da cidade. Kazsnar e Graça Filho (2002, p.36) comentam que em geral, os locais para as práticas desportivas públicas no Brasil são sucateados e mal administrados, e o atendimento à população em geral é insatisfatório.

Em 2007, foi aprovada a Lei 11.472 de Incentivo ao Esporte que prevê a possibilidade de pessoas físicas e jurídicas destinarem uma parcela do imposto de renda em projetos desportivos elaborados por entidades do setor, mediante à aprovação de uma comissão do ministério dos esportes. Rezende (2010) considera que esta lei é um marco para o desenvolvimento dos atletas brasileiros. Contudo, um dos treinadores destaca a dificuldade dos clubes em se beneficiarem desta lei. Além disso, outro entrevistado revela que os programas de fomento ao esporte, principalmente destinado ao interior de Minas Geras são totalmente deficitários.

Existem as leis de incentivo fiscais, mas quando o clube pega para ler, é muito difícil conseguir alguma coisa. E muito difícil conseguir este recurso do governo. Ele pede tanto documento, pede tanta certidão, que fica inviável. E muitas vezes você consegue o direito de captar o recurso, e o clube tem que partir para iniciativa privada. O empresariado mineiro não investe em esporte. Mesmo nos grandes clubes que têm departamentos específicos para isso, a dificuldade é grande para conseguir uma verba. O governo deveria melhorar as políticas para o esporte, porque se tiver boas políticas, o governo nem precisaria por dinheiro, o esporte andaria sozinho. **(T1) Incentivo e fomento governamental ao esporte.**

O interior de Minas tem tudo para ser um pólo de esportes. Eu fui ao Jojuninho (competição entre cidades), tinha 14 equipes disputando. De meninos com até 15 anos de idade. O campeonato estadual não chega a sete equipes. Por que será? Falta incentivo dos municípios, uma política que incentive o esporte. Eu acho que tem programas esportivos que liberam dinheiro, mas são totalmente soltos, não tem uma cobrança, e cada um faz o que quiser. Existem programas públicos de esporte, que o trabalho é feito de forma inadequada, não se tem profissional qualificado também. O estado só está preocupado com o número de praticantes, e com a lista de presença da criança. Neste ponto o esporte acaba não sendo democrático. **(T4) Incentivo e fomento governamental ao esporte.**

O significado do conceito de esporte sofreu nos últimos anos modificações em todo o mundo, que passam a apontar a importância desse setor não só como atividade de lazer ou simples competição, mas também como uma atividade econômica, importante para a inclusão

social e para a redução de problemas ligados à saúde e à educação. Porém, a política de esporte do governo brasileiro é extremamente frágil. O que seria dever do estado promover e organizar o esporte, ou seja, intervir diretamente em políticas públicas, o poder público transfere esta responsabilidade para as entidades da sociedade civil, privadas ou sem fins lucrativos, através de patrocínios dados pelas estatais às confederações ou por estabelecer leis de incentivo ao esporte. A Petrobrás, Correios, Caixa Econômica Federal, Banco do Brasil, Embratel e Vale do Rio Doce (essas duas últimas ainda como estatais) foram e ainda são, em grande parte, responsáveis pelos investimentos feitos no basquete, vôlei, natação, handebol, vela e outros esportes. Porém estes investimentos são destinados, na maior parte, às seleções nacionais adultas ou de base das referidas modalidades (ALVES; PIERANTI, 2007). Ou seja, se no Brasil o esporte fosse prioridade, o próprio governo promoveria o acesso à população, seja com programas esportivos eficientes nas instituições de ensino, ou nos espaços públicos destinados a este fim. Os patrocínios e a lei de incentivo ao esporte funcionariam como programas auxiliares.

### **7.3.3 Papel das Universidades**

A Tabela 4 mostra que a maior parte dos atletas profissionais não jogou basquetebol universitário. O mesmo resultado aconteceu com os atletas da categoria sub-19 anos de MG, porém muitos deles ainda não possuem idade para ingressar no nível superior da educação. Para ambos os grupos, jogar basquetebol em uma universidade brasileira não é um caminho viável para o profissionalismo.

TABELA 4  
Basquetebol universitário

Item	categoria	n			sim x não		Pro x sub-19	
			sim	não	x <sup>2</sup>	x <sup>2</sup>	x <sup>2</sup>	p
Basquetebol universitário é ou foi um meio de você se tornar jogador profissional?	Pro	47	6	41	26,684	*<0,001	0,336	0,0562
	Sub-19	47	8	39	20,447	*<0,001		
Você jogou basquetebol universitário?	Pro	47	10	37	15,511	*<0,001	1,205	0,272
	Sub-19	47	6	41	26,064	*<0,001		

\*p< 0,05

Os treinadores da categoria sub-19 anos de Minas Gerais são unânimes em comentar que o basquetebol universitário no estado é extremamente deficitário e desorganizado, e que pouco contribui para o desenvolvimento dos atletas rumo ao profissionalismo. Estes profissionais citam o modelo americano de basquetebol universitário como exemplo para o Brasil:

O esporte universitário em Minas Gerais é muito precário. A estrutura física de quadras e instalações é ruim. O ex-jogador disputa os campeonatos, mas de forma desorganizada, sem um treinamento formal para esses sujeitos. Juntam-se um mês antes do campeonato. Não se tem um campeonato universitário estruturado para ajudar na formação destes atletas. Comparando-se com a NCAA, o basquetebol universitário norte-americano, ou os campeonatos europeus, e gente está muito atrás... Ser atleta universitário, no Brasil, não é um caminho para o atleta de tornar profissional do esporte. Nos Estados Unidos, a maioria dos atletas profissionais possui formação universitária, não só acadêmica como esportiva também. **(T3) Basquetebol Universitário.**

Isso no Brasil não existe, um basquetebol universitário forte, que forme atletas para o profissional. O pouco que se tem de competição universitária, tem um monte de gente jogando que não é universitário. Chegam a matricular em uma disciplina para jogar, ou às vezes nem isso. Nos Estados Unidos, o esporte está muito ligado à educação, tanto no colégio quanto nas universidades. Lá não tem a estrutura de clube que nos temos no Brasil. É diferente. E lá, uma universidade de bom nível é muito cara, e o esporte pode ser uma forma de um aluno, que não teria chance de pagar pelo estudo, ingressar na universidade através das bolsas de estudos. Às vezes é mais barato um pai investir num atleta para ganhar uma bolsa de estudo, mesmo que ele não se torne um atleta profissional, mas ele vai ter um curso superior de nível. **(T1) Basquetebol Universitário.**

O atleta até os 23 anos deveria ter a oportunidade de estudar e jogar o esporte predileto em um centro acadêmico. Sendo assim, torna-se imprescindível o investimento das universidades, sejam privadas ou estatais, para a que os atletas se preparem tanto acadêmica e esportivamente, até a chegada à fase profissional (OLIVEIRA *et al.*, 2010). Para Vidal (1991), citado por Oliveira *et al.* (2010), sem o apoio universitário o desporto torna-se um problema muito sério no Brasil, pois o clube exige resultados a curto prazo, havendo pressão da torcida e dos dirigentes. Esse período é marcante para o desenvolvimento intelectual e social do indivíduo.

Nos Estados Unidos o esporte é diretamente ligado à educação, desde a entrada da criança na escola, até a saída deste indivíduo dos estudos acadêmicos. Ferreira (2010) verificou que para nadadores medalhistas olímpicos brasileiros consideraram que treinar nos Estados Unidos era uma oportunidade clara de frequentar um curso superior de qualidade e competir em alto nível. Para ingressar no basquetebol universitário americano, além de ser um bom esportista, o atleta deve possuir um rendimento acadêmico satisfatório. A maioria absoluta dos jogadores americanos de basquetebol da NBA (National Basketball Association), mais importante liga de basquetebol profissional do mundo, saíram de alguma universidade americana. Os atletas universitários, caso não se profissionalizem, têm a oportunidade de se formarem em um curso superior (NCAA, 2012).

Sobre a escolaridade dos atletas pesquisados, a Tabela 5 mostra que apenas 17 dos 47 atletas profissionais concluíram ou ainda estudam em uma instituição de ensino superior. Pode-se concluir que a maior parte dos atletas profissionais não tem nível educacional superior. Quanto os atletas da categoria sub-19 anos, muitos deles ainda são estudantes do ensino médio.

TABELA 5  
Escolaridade dos atletas

Escolaridade	Pro	sub-19
Ensino Fundamental	0	2
Ensino Fundamental Incompleto	1	3
Ensino Médio	27	16
Ensino Médio Incompleto	2	21
Ensino Superior	8	0
Ensino Superior Incompleto	9	5

A transição de carreira do atleta sub-19 anos para um possível profissionalismo chega simultaneamente a uma possível entrada no ensino superior. Um dos treinadores entrevistados destaca a importância da formação acadêmica para o atleta postulante a profissional. Outro ressalta a dificuldade que o atleta enfrenta para conseguir estudar em uma universidade e continuar jogando basquetebol.

A meu ver, quando você é um atleta e não teve formação acadêmica, ou até mesmo escolar, e pára de jogar por aposentadoria ou contusão, você se torna uma lenda, vive de passado. Sabe-se que você jogou, mas amanhã ou depois vai estar numa situação financeira precária, sem fonte de renda. Nem mesmo vai saber administrar o próprio dinheiro. Se ganha às vezes grandes fortunas, mas se acaba com o dinheiro rapidamente. **(T3) Importância da formação acadêmica.**

Hoje nós temos dois atletas no adulto que fazem faculdade, e três no sub-19 anos. Mas a minha opinião é uma fase complicada para isso. Quando o atleta se profissionaliza, é difícil conciliar os dois (estudo na faculdade e carreira esportiva). Esta fase é a mais complicada para o atleta se tornar jogador, é a fase de se mandar atleta embora. E o jogador nesta fase não tem uma segurança ainda, muitas vezes não é reconhecido como um grande jogador. Depois que ele tem certo nome, fica mais fácil conciliar com o estudo. É importante ele ter a faculdade também porque a carreira do atleta é muito curta. **(T5) Conciliar faculdade com o esporte.**

Atletas profissionais podem ter sérios problemas de adaptação pós o término da carreira por não terem planejado adequadamente sua vida esportiva. O nível educacional do ex-atleta é um fator significativo sobre a ocorrência de dificuldades no trabalho na pós-carreira. O ex-atleta pode ter problemas em: encontrar um emprego, administrar as finanças, adaptar-se aos requisitos laborais. Indivíduos que são altamente qualificados, com grau universitário, encontram menos problemas de se adaptar a vida pós alto rendimento no esporte (CECIC-ERPIC; WYLLEMAN; ZUPZNIC, 2004). Muitos atletas se arrependem, na pós-carreira, por não terem se dedicado mais às atividades acadêmicas (DONNELLY, 1993).

O pouco interesse pela formação universitária parece ser uma realidade recorrente no Brasil, não apenas no cenário do basquetebol. Costa *et al.* (2010) constataram que ex-atletas profissionais de futebol não cursaram uma universidade por acreditarem que o esporte lhes dariam provisões financeiras suficientes para o sustento, mesmo depois do término da carreira. A mesma característica foi encontrada entre juvenis, das melhores equipes de futebol do estado de Minas Gerais (MARQUES; SAMULSKI, 2009). Fora do Brasil, atletas jovens de alto nível de basquetebol espanhol (LORENZO *et al.*, 2009), constataram também a dificuldade de cursar uma universidade e jogar basquetebol.

### **7.3.4 Instituições Esportivas**

#### **7.3.4.1 Acesso às Instituições Esportivas**

No Brasil, o esporte é, na maior parte das situações, desenvolvido em clubes de associados (BASTOS *et al.*, 2006), com exceção de alguns municípios, principalmente no estado de São Paulo (ARENA; BOHME, 2000). Esta situação é comprovada em Minas Gerais. Do total das instituições mineiras que possuem equipes masculinas sub-19 anos de basquetebol, quatro delas são clubes esportivos. Somente uma equipe, do interior, é mantida por uma prefeitura. Muitas vezes os clubes esportivos possuem um caráter elitista, e são

destinados a uma pequena parcela da população (MORENO, 2006). As elites, geralmente, detêm os meios de produção e de conhecimento, sendo que o desenvolvimento de um possível *expert* pode estar vinculado ao *status* social que este possui.

O acesso aos clubes, na realidade brasileira, é primordial para que o atleta pratique um esporte. Todavia, muitas vezes, as vagas nas instituições esportivas são destinadas exclusivamente ou primordialmente aos sócios. Um exemplo disso é a pesquisa feita por Oliveira, Pereira e Almeida (2008) com gestores de equipes de basquetebol de Campinas, no qual os clubes que estes profissionais trabalham destinam o acesso ao esporte aos sócios, e eventualmente acontecem “peneiras” para selecionar atletas “não sócios” ditos “talentosos”. Sobre este tema, dois treinadores da categoria sub-19 anos de Minas Gerais relataram que em seus clubes há uma política esportiva mais voltada para os sócios. O fato do “não sócio” ser atleta destes clubes faz com que ele se torne sócioatleta. Os outros três treinadores participam de estruturas que não determina a inclusão do atleta por ele ser sócio ou não. Um destes profissionais trabalha em uma equipe mantida por uma prefeitura, e o acesso é totalmente livre e pelo mérito.

O clube não tem esta política, independente do número de sócios ou de “não sócios”, todos tem a mesma oportunidade de jogar. Não é uma questão que atrapalhe, não tem porcentagem de sócios que deva jogar. **(T2) Sócio e não sócios nas equipes esportivas.**

Aqui no clube hoje se tem uma cabeça mais aberta para o “não sócio”. Não quer dizer que a gente vai fazer uma equipe de “não sócios”. Não seria essa a ideia do clube. Mas hoje se tem a possibilidade do menino de fora, que vem fazer a seletiva no clube, ingressar no esporte. Pode-se permitir que ele tenha um acesso ao clube, e assim vira sócioatleta... O clube só tem escolinhas para sócios do clube, não há vagas para “não sócios”. **(T3) Sócio e não sócios nas equipes esportivas.**

#### 7.3.4.2 Recursos para o Treinamento

Neste item, foram feitas análises dos recursos humanos e materiais que os atletas profissionais e da categoria sub-19 anos de Minas Gerais tiveram para treinar, em cada faixa

etária da categoria de base. Conforme mostra a Tabela 6, sobre os recursos cedidos aos atletas profissionais, entre os 6 e 13 anos, não houve diferença significativa entre os atletas que tiveram ou não o recurso auxiliar técnico. Para os outros recursos, a maior parte dos atletas não os teve nesta faixa etária.

TABELA 6  
Comparação entre os atletas profissionais dos recursos para o treinamento

Aspectos do Treinamento	6-13 anos				14-15 anos				16-19 anos			
	sim	não	$\chi^2$	$P$	sim	não	$\chi^2$	$p$	sim	não	$\chi^2$	$p$
Preparador Físico	10	37	15,511	*<0,001	29	18	2,6	0,109	42	5	29,13	*<0,001
Salário	3	44	35,766	*<0,001	8	39	20	*<0,001	36	11	13,3	*<0,001
Auxílio Financeiro (bolsa)	6	41	26,064	*<0,001	16	31	4,8	*0,029	30	17	3,596	0,058
Fisioterapeuta	11	36	13,298	*<0,001	22	25	0,2	0,662	40	7	23,17	*<0,001
Profissional da área de psicologia do esporte	3	44	35,766	*<0,001	6	41	26	*<0,001	11	36	13,3	*<0,001
Auxiliar Técnico	19	28	1,723	0,189	26	21	0,5	0,466	39	8	20,48	*<0,001
Médico	15	32	11,255	*<0,001	16	31	4,8	*0,029	33	14	7,681	*0,006
Nutricionista	5	42	29,128	*<0,001	6	41	26	*<0,001	20	27	1,043	0,307
Bolsa de estudo pelo fato de jogar basquetebol	10	37	15,511	*<0,001	18	29	2,6	0,109	19	28	1,723	0,189

\* $p < 0,05$

Na faixa etária 14 aos 15 anos, em relação a: salário, auxílio financeiro, profissional da área de Psicologia do Esporte, médico, nutricionista, a maioria dos atletas não tiveram tais recursos. Para os outros recursos não houve prevalência. A maioria dos atletas profissionais

possuiu os recursos: preparador físico, salário, fisioterapeuta, auxiliar técnico, médico na faixa etária dos 16 aos 19 anos. Porém a menor parte teve acesso a um profissional da área de psicologia do esporte. Para os outros quesitos, não houve prevalência.

Sem contar os atletas que não treinaram dos 6 aos 13 anos, não houve diferença significativa entre os atletas que tiveram ou não o recurso: auxiliar técnico e médico. A maior parte dos atletas profissionais não possuía os outros recursos. Para o recurso exclusivo desta situação, a maior parte dos jogadores profissionais não possuía transporte para o treino cedido pela instituição esportiva. Entre os 14 e 15 anos, nos quesitos: salário, auxílio financeiro, profissional da área de psicologia do esporte e nutricionista, a maioria dos atletas profissionais não tiveram tais recursos. Porém a maior parte deles treinava com o apoio de um preparador físico. Não houve diferença significativa entre os atletas que recebiam ou não transporte para os treinos cedido pelas instituições esportivas. Nos outros quesitos também não houve prevalência. A maioria dos atletas profissionais possuiu os recursos: preparador físico, salário, fisioterapeuta, auxiliar técnico, médico na faixa etária dos 16 aos 19 anos. Porém a menor parte teve acesso a um profissional da área de psicologia do esporte. Para os outros quesitos, não houve prevalência. Todos os atletas profissionais já treinavam nesta fase (Tabela 7).

**TABELA 7**  
Comparação entre os jogadores profissionais dos recursos para o treinamento, contando apenas os atletas que treinaram basquetebol em cada fase

Aspectos do Treinamento	6-13 anos				14-15 anos				16-19 anos			
	sim	não	$\chi^2$	<i>P</i>	sim	não	$\chi^2$	<i>p</i>	sim	não	$\chi^2$	<i>p</i>
Preparador Físico	10	24	5,765	*0,016	29	15	4,455	*0,035	42	5	29,128	*<0,001
Salário	3	31	23,059	*<0,001	8	36	17,818	*<0,001	36	11	13,298	*<0,001
Auxílio financeiro (bolsa)	6	28	14,235	*<0,001	16	28	3,273	*<0,001	30	17	3,596	0,058
Fisioterapeuta	11	23	4,235	*0,04	22	22		1	40	7	23,17	*<0,001
Profissional da área de	3	31	23,059	*<0,001	6	38	23,273	*<0,001	11	36	13,298	*<0,001

psicologia do esporte

Auxiliar Técnico	19	15	0,471	0,493	26	18	1,455	0,228	39	8	20,477	*<0,001
Médico	15	19	0,471	0,493	16	28	3,273	0,07	33	14	7,681	*0,006
Nutricionista	5	29	16,941	*<0,001	6	38	23,273	*<0,001	20	27	1,043	0,307
Bolsa de estudo pelo fato de jogar basquetebol	10	24	5,765	*0,016	18	26	1,455	0,228	19	28	1,723	0,189
Transporte para Treinos	9	25	7,529	*0,006	20	24	0,364	0,546	22	25	0,191	0,662

\* $p < 0,05$

Na comparação entre as fases de treinamento (Tabela 8) os atletas profissionais tiveram um aumento gradual dos recursos preparador físico, auxílio financeiro (bolsa) e fisioterapia. Não houve aumento na comparação entre os 6 e 13 anos e 14 e 15 anos para os quesitos profissional da área de psicologia do esporte e bolsa de estudo pelo fato de jogar basquetebol, porém os atletas em questão tiveram mais acesso a estes dois recursos depois dos 16 anos na comparação com a fase até os 13 anos. Para os outros recursos houve um aumento a partir dos 14 anos de idade.

TABELA 8  
Comparação entre cada faixa etária dos recursos do treinamento para os atletas profissionais

Aspectos do Treinamento	6-13 anos (a)		14-15 anos (b)		16-19 anos (c)		axb		axc		bxc	
	sim	não	sim	não	sim	não	$\chi^2$	$p$	$\chi^2$	$p$	$\chi^2$	$p$
Preparador Físico	10	37	29	18	42	5	15,82	*<0,001	44,073	*<0,001	9,728	*0,002
Salário	3	44	8	39	36	11	2,574	0,109	44,723	*<0,001	33,498	*<0,001
Auxílio financeiro (bolsa)	6	41	16	31	30	17	5,934	*0,015	25,931	*<0,001	8,344	*0,004
Fisioterapeuta	11	36	22	25	40	7	5,65	*0,017	36,048	*<0,001	15,351	*<0,001
Profissional da área de psicologia do	3	44	6	41	11	36	0,492	0,483	5,371	*0,02	1,795	0,18

esporte

Auxiliar Técnico	19	28	26	21	39	8	2,089	0,148	18,008	*<0,001	8,428	*0,004
Médico	15	32	16	31	33	14	0,048	0,826	13,793	*<0,001	13,32	*<0,001
Nutricionista	5	42	6	41	20	27	0,103	0,748	12,261	*<0,001	10,421	*0,001
Bolsa de estudo pelo fato de jogar basquetebol	10	37	18	29	19	28	3,255	0,071	4,039	*0,044	0,45	0,833

\* $p < 0,05$ 

Na comparação, contando apenas os atletas profissionais que treinaram em cada fase (Tabela 9), para o aspecto exclusivo desta situação aconteceu o seguinte: não foi aumentada a oferta de transporte para os treinos. Nos outros aspectos, aconteceu um padrão similar à comparação contando todos os atletas profissionais, com exceção dos recursos auxílio financeiro e fisioterapia, que só foi aumentada a oferta a partir dos 16 anos. Para os quesitos profissional da área de psicologia do esporte e bolsa de estudo pelo fato de jogar basquetebol, a oferta se manteve constante ao longo do tempo.

TABELA 9

Comparação entre cada faixa etária dos recursos do treinamento para os jogadores profissionais, contando apenas os atletas que treinaram basquetebol em cada fase

Aspectos do Treinamento	6-13 anos (a)		14-15 anos (b)		16-19 anos (c)		axb		axc		bxc	
	sim	não	sim	não	Sim	não	$\chi^2$	$p$	$\chi^2$	$p$	$\chi^2$	$p$
Preparador Físico	10	24	29	15	42	5	10,219	*<0,001	30,849	*<0,001	7,289	*0,007
Salário	3	31	8	36	36	11	1,387	0,239	36,295	*<0,001	31,051	*<0,001
Auxílio financeiro (bolsa)	6	28	16	28	30	17	3,318	0,069	17,041	*<0,001	6,858	*0,009
Fisioterapeuta	11	23	22	22	40	7	2,447	0,118	23,544	*<0,001	12,9	*<0,001

Profissional da área de psicologia do esporte	3	31	6	38	11	36	0,435	0,509	2,934	0,087	1,427	0,232
Auxiliar Técnico	19	15	26	18	39	8	0,081	0,776	7,124	*0,008	6,354	*0,012
Médico	15	19	16	28	33	14	0,482	0,488	5,564	*0,018	10,477	*0,001
Nutricionista	5	29	6	38	20	27	0	1	7,17	*0,007	9,311	*0,002
Bolsa de estudo pelo fato de jogar basquetebol	10	24	18	26	19	28	1,102	0,294	1,041	0,308	0,002	0,963
Transporte para Treinos	9	25	20	24	22	25	2,959	0,085	3,454	0,063	0,017	0,897

\* $p < 0,05$

Na Tabela 10, sobre os recursos cedidos aos atletas da categoria sub-19 anos de MG, pode-se observar nas faixas etárias 6 a 13 anos e 14 a 15 anos, que a maior parte dos atletas não teve acesso a todos os quesitos.

Em relação à faixa etária 16 a 19 anos, a menor parte dos atletas possuíram profissional da área de psicologia do esporte e nutricionista. A maior parte teve acesso a preparador físico e fisioterapeuta. Para os outros quesitos, não houve prevalência entre os grupos.

Tabela 10  
Comparação entre os atletas sub-19 anos de MG dos recursos para o treinamento

Aspectos do Treinamento	6-13 anos				14-15 anos				16-19 anos			
	sim	não	$\chi^2$	$P$	sim	não	$\chi^2$	$p$	sim	não	$\chi^2$	$p$
Preparador Físico	8	39	20,5	*<0,001	17	30	15,51	*<0,001	38	9	18	*<0,001
Salário	0	47		*<0,001	3	44	35,77	*<0,001	23	24	0	0,884
Auxílio financeiro (bolsa)	6	41	26,1	*<0,001	11	36	13,3	*<0,001	19	28	1,7	0,189
Fisioterapeuta	2	45	39,3	*<0,001	10	37	15,51	*<0,001	38	9	18	*<0,001

Profissional da área de psicologia do esporte	1	46	43,1	*<0,001	3	44	35,77	*<0,001	14	33	7,7	*0,006
Auxiliar Técnico	6	41	26,1	*<0,001	14	33	7,681	*0,006	20	27	1	0,307
Médico	5	42	29,1	*<0,001	13	34	9,383	*0,002	28	19	1,7	0,189
Nutricionista	0	47		*<0,001	4	43	32,36	*<0,001	12	35	11	*<0,001
Bolsa de estudo pelo fato de jogar basquetebol	7	40	23,2	*<0,001	12	35	11,26	*<0,001	23	24	0	0,884

\*p< 0,05

Contando apenas os atletas da categoria sub-19 anos de MG que treinaram em cada fase de treinamento, na faixa etária 6 a 13 anos, para o recurso preparador físico não houve prevalência. A maior parte dos atletas não conseguiu acesso aos outros quesitos. Na faixa etária 14 a 15 anos, não houve prevalência nos recursos: preparador físico e auxiliar técnico. A maior parte dos atletas não conseguiu acesso aos outros quesitos. Entre os 16 e 19 anos, a maior parte dos atletas recebia o recurso específico desta situação “transporte para os treinos cedido pela instituição esportiva”. Todos os atletas já treinavam basquetebol nesta categoria (Tabela 11).

TABELA 11

Comparação entre os atletas sub-19 anos de MG dos recursos para o treinamento, contando apenas os atletas que treinaram basquetebol em cada fase

Aspectos do Treinamento	6-13 anos				14-15 anos				16-19 anos			
	sim	não	x <sup>2</sup>	p	sim	não	x <sup>2</sup>	p	sim	não	x <sup>2</sup>	p
Preparador Físico	8	15	2,13	0,144	17	22	0,641	0,423	38	9	17,9	*<0,001
Salário	0	23		*<0,001	3	36	27,923	*<0,001	23	24	0,02	0,884
Auxílio financeiro (bolsa)	6	17	5,26	*0,022	11	28	7,41	*0,006	19	28	1,72	0,189
Fisioterapeuta	2	21	15,7	*<0,001	10	29	9,256	*0,002	38	9	17,9	*<0,001

Profissional da área de psicologia do esporte	1	22	19,2	*<0,001	3	36	27,923	*<0,001	14	33	7,68	*0,006
Auxiliar Técnico	6	17	5,26	*0,022	14	25	3,103	0,078	20	27	1,04	0,307
Médico	5	18	7,35	*0,007	11	28	7,41	*0,006	28	19	1,72	0,189
Nutricionista	0	23		*<0,001	4	35	24,641	*<0,001	12	35	11,3	*<0,001
Bolsa de estudo pelo fato de jogar basquetebol	7	16	3,52	0,061	12	27	5,769	*0,016	23	24	0,02	0,884
Transporte para Treinos	3	20	12,6	*<0,001	8	31	13,564	*<0,001	32	15	11,3	*<0,001

\* $p < 0,05$

Na comparação entre as fases de treinamento para os atletas da categoria sub-19 anos, houve um aumento gradual da oferta dos seguintes recursos: preparador físico, fisioterapeuta e auxiliar técnico. Para o quesito auxílio financeiro não houve um aumento gradual da oferta, já que só houve uma prevalência deste recurso na comparação da fase depois dos 16 anos com a fase anterior aos 13 anos. Para os outros recursos, houve um aumento a partir dos 16 anos de idade (Tabela 12).

**TABELA 12**  
Comparação entre cada faixa etária dos recursos do treinamento para os atletas sub-19 anos de MG

Aspectos do Treinamento	6-13 anos (a)		14-15 anos (b)		16-19 anos (c)		axb		axc		bxc	
	sim	não	sim	Não	sim	não	$\chi^2$	$p$	$\chi^2$	$p$	$\chi^2$	$p$
Preparador Físico	8	39	17	30	38	9	4,414	*0,036	38,315	*<0,001	19,326	*<0,001
Salário	0	47	3	44	23	24	1,377	0,241	30,451	*<0,001	21,267	*<0,001
Auxílio financeiro (bolsa)	6	41	11	36	19	28	1,795	0,18	9,209	*0,002	3,133	0,077
Fisioterapeuta	2	45	10	37	38	9	6,114	*0,013	56,4	*<0,001	33,377	*<0,001

Profissional da área de Psicologia do Esporte	1	46	3	44	14	33	0,261	0,609	13,406	*<0,001	8,689	*0,003
Auxiliar Técnico	6	41	14	33	20	27	4,065	*0,044	10,421	*0,001	50,852	*<0,001
Médico	5	42	11	34	28	19	2,712	0,1	24,702	*<0,001	12,665	*<0,001
Nutricionista	0	47	4	43	12	35	2,35	0,125	13,756	*<0,001	4,821	*0,028
Bolsa de estudo pelo fato de jogar Basquetebol	7	40	12	35	23	24	1,649	0,199	12,533	*<0,001	5,508	*0,019

\* $p < 0,05$

Contando apenas os atletas que jogaram em cada fase, aconteceu uma carência na oferta dos recursos: auxiliar técnico, bolsa de estudo e auxílio financeiro, ao longo do tempo. Para os outros quesitos houve um aumento da oferta a partir dos 16 anos. A respeito do recurso exclusivo desta situação, ocorreu um aumento gradativo da oferta do transporte para os treinos cedido pela instituição esportiva ao longo do tempo (Tabela 13).

TABELA 13

Comparação entre cada faixa etária dos recursos do treinamento para os atletas sub-19 anos de MG, contando apenas os atletas que treinaram basquetebol em cada fase

Aspectos do Treinamento	6-13 anos (a)		14-15 anos (b)		16-19 anos (c)		axb		axc		bxc	
	sim	não	sim	não	sim	não	$\chi^2$	$p$	$\chi^2$	$p$	$\chi^2$	$p$
Preparador Físico	8	15	17	22	38	9	0,466	0,495	14,547	*<0,001	12,837	*<0,001
Salário	0	23	3	36	23	24	0,564	0,453	16,763	*<0,001	17,189	*<0,001
Auxílio financeiro (bolsa)	6	17	11	28	19	28	0,033	0,857	1,383	0,24	1,401	0,237
Fisioterapeuta	2	21	10	29	38	9	1,687	0,194	32,831	*<0,001	26,343	*<0,001
Profissional da área de psicologia do esporte	1	22	3	36	14	33	0	1	4,521	*0,015	6,561	*0,01
Auxiliar Técnico	6	17	14	25	20	27	0,637	0,425	1,793	0,181	0,395	0,53
Médico	5	18	11	28	28	19	0,316	0,574	8,872	*0,003	0,463	*0,004
Nutricionista	0	23	4	35	12	35	1,109	0,292	5,404	*<0,001	3,284	0,07
Bolsa de estudo pelo fato de jogar basquetebol	7	16	12	27	23	24	0,001	0,978	2,158	0,142	2,115	0,088
Transporte para Treinos	3	20	8	31	32	15	0,16	0,689	18,714	*<0,001	19,389	*<0,001

\* $p < 0,05$

Na comparação entre os grupos, por fase de treinamento, os atletas profissionais possuíram mais os recursos fisioterapeuta e médico, entre os 6 e 13 anos, preparador físico e fisioterapeuta entre os 14 e 15 anos e salário e auxílio financeiro (bolsa) dos 16 aos 19 anos. Em todas as fases, os profissionais tiveram mais em seu treinamento auxiliar técnico em comparação aos atletas da categoria sub-19 anos de MG. Em nenhum caso, os atletas da categoria sub-19 anos de MG tiveram mais recursos para o treinamento que os atletas profissionais (Tabela 14).

TABELA 14  
 Comparação dos recursos para o treinamento entre os grupos por faixa etária

Aspectos do Treinamento	6-13 anos						14-15 anos						16-19 anos					
	Pro		sub-19		Pro x sub-19		Pro		sub-19		Pro x sub-19		Pro		sub-19		Pro x sub-19	
	sim	não	sim	não	x <sup>2</sup>	p	sim	não	sim	não	x <sup>2</sup>	p	sim	não	sim	não	x <sup>2</sup>	p
Preparador Físico	10	37	8	39	0,275	0,6	29	18	17	30	6,13	*0,013	42	5	38	9	1,343	0,247
Salário	3	44	0	47	1,377	0,078	8	39	3	44	2,574	0,109	36	11	23	24	7,693	*0,006
Auxílio financeiro (bolsa)	6	41	6	41	0	1	16	31	11	36	1,299	0,254	30	17	19	28	5,158	*0,023
Fisioterapeuta	11	36	2	45	7,231	*0,007	22	25	10	37	6,823	*0,009	40	7	38	9	0,301	0,583
Profissional da área de psicologia do esporte	3	44	1	46	1,044	0,307	6	41	3	44	0,492	0,483	11	36	14	33	0,49	0,484
Auxiliar Técnico	19	28	6	41	9,209	*0,002	26	21	14	33	6,267	*0,012	39	8	20	27	16,433	*<0,001
Médico	15	32	5	42	6,351	*0,012	16	31	11	34	1,299	0,254	33	14	28	19	1,167	0,28
Nutricionista	5	42	0	47	3,38	0,066	6	41	4	43	0,488	0,503	20	27	12	35	3,032	0,082
Bolsa de estudo pelo de jogar basquetebol	10	24	7	16	0,001	0,934	18	26	12	27	0,921	0,337	19	28	23	24	0,689	0,407

\* $p < 0,05$

Na comparação entre os grupos, sem contar os atletas que não jogaram em cada fase de treinamento, o mesmo padrão ocorreu em relação à comparação envolvendo todos os atletas, com exceção que os atletas profissionais não possuíam a oferta maior de médicos na iniciação (Tabela 15). Tal situação possivelmente ocorreu pelo maior número de profissionais que jogaram nesta fase. Ou seja, as instituições esportivas ofertavam de forma semelhante aos grupos o acesso aos médicos. Além disso, para o recurso exclusivo desta situação, houve prevalência no número de atletas profissionais que recebiam transporte para os treinos em comparação aos atletas da categoria sub-19 anos de MG, dos 14 aos 15 anos de idade. Contudo, mais atletas da categoria sub-19 anos recebiam transporte para os treinos cedido pelas instituições esportivas a partir dos 16 anos de idade em relação aos atletas profissionais. Tal fato ocorreu, possivelmente, por boa parte dos atletas profissionais não precisaram de tal quesito por morar em repúblicas cedidas pelas instituições esportivas, entre os 16 aos 19 anos.

**TABELA 15**  
**Comparação dos recursos para o treinamento entre os grupos por faixa etária, contando apenas os atletas que treinaram basquetebol em cada fase**

Aspectos do Treinamento	6-13 anos						14-15 anos						16-19 anos					
	Pro		sub-19		Pro x sub-19		Pro		sub-19		Pro x sub-19		Pro		sub-19		Pro x sub-19	
	sim	não	sim	não	x <sup>2</sup>	p	sim	não	sim	não	x <sup>2</sup>	p	sim	não	sim	não	x <sup>2</sup>	p
Preparador Físico	10	24	8	15	0,183	0,669	29	15	17	22	4,169	*0,041	42	5	38	9	1,343	0,247
Salário	3	31	0	23	0,738	0,39	8	36	3	36	1,979	0,16	36	11	23	24	7,693	*0,006
Auxílio financeiro (bolsa)	6	28	6	17	0,19	0,663	16	28	11	28	0,627	0,428	30	17	19	28	5,158	*0,023
Fisioterapeuta	11	23	2	21	4,361	*0,037	22	22	10	29	5,178	*0,023	40	7	38	9	0,301	0,583
Profissional da área de Psicologia do Esporte	3	31	1	22	0,015	0,904	6	38	3	36	0,266	0,606	11	36	14	33	0,49	0,484
Auxiliar Técnico	19	15	6	17	4,946	*0,026	26	18	14	25	4,454	*0,035	39	8	20	27	16,433	*<0,001
Médico	15	19	5	18	3,017	0,082	16	28	11	28	0,627	0,428	33	14	28	19	1,167	0,28
Nutricionista	5	29	0	23	2,098	0,148	6	38	4	35	0,018	0,893	20	27	12	35	3,032	0,082
Bolsa de estudo pelo fato de jogar basquetebol	10	24	7	16	0,001	0,934	18	26	12	27	0,921	0,337	19	28	23	24	0,689	0,407
Transporte para Treinos	9	25	3	20	0,79	0,374	20	24	8	31	5,753	*0,016	22	25	32	15	4,352	*0,037

\*p < 0,05

Pode-se entender com estes resultados, de forma geral, que os recursos humanos e financeiros aumentaram significativamente ao passar dos anos, para ambos os grupos. Tais achados corroboraram com os estudos de Bloom (1985) e Côté (1999), no sentido que os recursos para o treinamento aumentam à medida que os atletas aproximam do profissionalismo.

Os atletas profissionais possuíam mais recursos humanos até os 16 anos de idade (preparador físico, fisioterapeuta), e mais recursos financeiros (salário e auxílio financeiro) depois dos 16 anos. Entre os 14 e 15 anos de idade, os atletas profissionais tiveram mais acesso ao transporte para os treinos cedidos pelas instituições esportivas. Além disso, os atletas profissionais tiveram mais acesso à presença de auxiliar técnico durante a carreira na categoria de base, na comparação com os atletas da categoria sub-19 anos de Minas Gerais (Tabelas 14 e 15, pag. 83 e 85). Isso significa que os atletas profissionais treinaram em instituições mais estruturadas desde os anos de experimentação, e com isso tiveram a possibilidade de se preparar melhor tanto na parte física, técnica, tática e nutricional até os 19 anos.

Sobre os recursos materiais, os treinadores da categoria sub-19 anos de MG consideram que são razoáveis, com exceção de um treinador que avalia estes recursos em seu clube como de primeira linha. Porém quatro dos cinco treinadores reclamaram da questão de ter que dividir os horários de uso do espaço de treinamento com outras categorias ou com outros esportes.

Hoje o clube, com bola nós não temos problema, mas temos muito problema quanto ao espaço. Porque nós temos duas quadras no clube, que treinam desde o minibasquetebol até o sub-17, mais o Handebol. Nós temos sete categorias, para trabalhar em duas quadras. E isso complica às vezes, por que os meninos treinam de manhã e de tarde. Isso é uns dos problemas que nos temos... **(T1) Recursos materiais.**

Existe apenas um clube com recursos de alto nível em Minas Gerais. O nosso clube tem, mas não tem, mais acessórios estão chegando aos poucos. O necessário para a prática do basquetebol nós temos... Várias categorias jogam no clube, de esportes diferentes. E é sempre um desafio encontrar quadras para todos. **(T2) Recursos materiais.**

Quanto aos recursos humanos, apenas um treinador de MG considera que seu clube possui uma equipe de trabalho multidisciplinar. Os outros treinadores relatam que profissionais como fisioterapeuta, nutricionista, médico e preparador físico não trabalham diretamente com os atletas. Estes profissionais muitas vezes são chamados pelos clubes esporadicamente.

No clube, nós temos um preparador físico, que só trabalha com a categoria sub-19 anos e adulto. Ele orienta os treinadores, para que eles trabalhem a parte física. Temos um psicólogo que trabalha praticamente com todas as categorias. O trabalho dele é bem sobrecarregado. Auxiliar técnico, num jogo ou outro. Um treinador acompanha outra categoria, e faz este papel. Auxiliar técnico específico para cada categoria nós não temos. De vez em quando, um nutricionista vem para dar uma palestra para os pais. A gente quer montar uma equipe completa, mas não temos recursos para isso. Na parte médica, nós temos algumas pessoas que foram atletas nossos e atende os nossos atletas. Temos um convênio com uma clínica de fisioterapia, que quando precisa o atleta vai lá e faz. Mas o fisioterapeuta não faz um trabalho preventivo. **(T1) Recursos humanos.**

Os recursos humanos aqui no clube são bem completos. O atleta tem acesso a toda gama de profissionais, de nutricionista, fisioterapeuta, médico, psicólogo do esporte, tudo para o bom desenvolvimento do atleta. Mas nos outros clubes, se um atleta machuca você não tem um seguro e meios de cuidar dele. Eu já vivi esta situação. Ele machuca e não tem a estrutura para recuperar, voltar à forma, e você tem que contar com a sorte... O assistente técnico é presente no jogo, mas não nos treinamentos. Tirando a equipe adulta, nenhuma outra equipe conta com isso. Eu acredito que se tivéssemos um auxiliar técnico, mesmo com as condições ruins do esporte para pagá-los, seria importante, até porque o basquetebol é um esporte muito dinâmico, e mais olhares acerca do treinamento seria o ideal... O assistente faz o trabalho a parte, fazer *scout*, edição de vídeo, treinos extras. **(T5) Recursos humanos.**

A fala dos treinadores corrobora com os dados quantitativos na questão da presença de um auxiliar técnico. Vale lembrar que os atletas profissionais possuíam mais este recurso, em todas as faixas etárias, em relação aos atletas da categoria sub-19 anos de MG. Os clubes mineiros, geralmente, não possuem este profissional atuando diretamente com as equipes de categoria de base. Quando acontece um jogo, um treinador de outra categoria faz este papel.

De fato, a natureza complexa da tarefa de ser treinador desportivo implica na realização de funções igualmente complexas. É natural que o treinador possua várias obrigações. Além de protagonizar papéis ligados à gestão de atividades do treinamento, à preparação de jogadores e ao desenvolvimento dos fatores ligados ao desempenho, o treinador tem, ao mesmo tempo, assumido funções de conselheiro, amigo, incentivador, professor, líder, gestor, empreendedor, psicólogo, preparador físico, para suprir ausências e demandas de outros profissionais (RAMOS *et al.*, 2011). As exigências acerca do contexto do treinamento estão cada vez mais elevadas, especializadas e sofisticadas, necessitando tanto de infraestrutura complexa quanto de equipes multidisciplinares, com profissionais de diferentes áreas (DANTAS, 2003; TANI, 2002).

Os auxiliares técnicos são fundamentais para o desenvolvimento dos atletas. Estes profissionais estão sempre em alerta para detectar possíveis erros no processo, e para ajudar o treinador na condução das equipes. Os treinadores observaram ao longo do tempo que é impossível ser responsável por todas as áreas. Com isso, o assistente técnico exerce funções específicas, como treinar um atleta individualmente, ajudar na preparação do ataque ou da defesa coletiva, observar equipes adversárias. O cargo de assistente técnico pode também ser uma fase de aprendizado para futuros treinadores. Muitos treinadores, antes de se tornarem profissionais de excelência, já trabalharam nesta função (RODRIGUES, 2007).

Outro recurso humano que pode ajudar o treinador é o profissional da área de psicologia do esporte. Apenas um treinador entrevistado citou a presença de um profissional da área de psicologia do esporte acompanhando sua equipe sub-19 anos. Porém este profissional não é exclusivo, e atende outras categorias do clube. A presença deste recurso humano foi pouco requisitada pelas instituições esportivas em todas as fases do treinamento, tanto para os atletas profissionais, quanto para os atletas da categoria sub-19 anos de MG (Tabela 9 e 11, pag. 77 e 79). Tais achados corroboram com estudo de Marques (2000), que constatou que o trabalho do psicólogo do esporte no meio esportivo em clubes gaúchos de futebol e tênis é pouco solicitado. Rodrigues (2007), ao pesquisar o trabalho de treinadores portugueses de basquetebol de alto nível, verificou que o profissional da área de psicologia do esporte é visto como um elemento externo à comissão técnica, trabalha à sombra e contribui apenas quando é solicitado. Além disso, os treinadores receiam que este profissional assumia

um papel maior no comando da equipe que o próprio comandante, o treinador. Este profissional não é considerado pelas equipes, neste contexto, um fator decisivo para o sucesso esportivo.

Contudo, de acordo com a literatura, a importância da presença do profissional da área de psicologia do esporte auxiliando o trabalho do treinador é indiscutível. Samulski (2009) revela que estes profissionais estudam cientificamente as pessoas e os seus comportamentos no contexto do esporte e dos exercícios físicos, e depois aplicam estes conhecimentos na prática. Nitsch (1989), citado por Samulski (2009) define que o profissional da área da psicologia do esporte tem como função analisar as bases e os efeitos psíquicos das ações esportivas, considerando por um lado a análise de processos psíquicos básicos (cognição, motivação, emoção) e, por outro, a realização de tarefas e práticas do diagnóstico e da intervenção. Este profissional busca, através de dados psíquicos e fisiológicos, além de aumentar o desempenho físico, preservar a saúde e o bem-estar do indivíduo (WEINBERG; GOULD, 2001).

Sobre os recursos financeiros, os treinadores mineiros consideram a categoria sub-19 anos extremamente dispendiosa. Por conta disso, muitas equipes no estado não conseguem uma estrutura financeira para manter equipes de atletas até os 19 anos de idade. Como mostrou a Tabela 11 (pag. 79) as equipes mineiras oferecem ajuda de custo, bolsa de estudos ou transporte para os treinos nesta fase somente para alguns atletas. Apenas os atletas, na faixa etária dos 16 aos 19 anos, de uma equipe de Minas Gerais recebem salário, por jogarem na equipe profissional da instituição. Porém como mostrou a Tabela 9 (pag. 77) muitos atletas profissionais nesta fase já eram assalariados.

A categoria sub-19 exige recursos. O clube tem que oferecer uma ajuda de custo para o atleta. Eles não chegam a ser profissionais, mas exige-se uma estrutura de trabalho melhor, pois eu diria o campeonato sub-19 anos é para quem pode, não para quem quer... Se o clube chegar nesta categoria com déficit, e tiver que contratar um time inteiro, se gasta muito mais dinheiro... Fala-se em valores de no máximo 300 reais por atleta. Então a gente oferece uma ajuda de custo melhor para que o menino tenha acesso a um tênis, a uma alimentação adequada. Suplementação. Mas não chega perto de um salário, até porque eles estão em formação ainda. **(T3) Recursos financeiros.**

No sub-19 anos os atletas recebem uma ajuda de custo, mas o atleta desta categoria que treina e joga com o adulto já tem um contrato profissional, portanto com salário. A

maioria dos atletas das categorias mais avançadas recebe ajuda para o transporte aos treinos, e recebem também alimentação juntamente com os funcionários, para aqueles que ficam muito tempo dentro do clube treinando. **(T5) Recursos financeiros.**

Os dados quantitativos mostraram que não é possível afirmar que a maior parte dos atletas da categoria sub-19 anos de MG e profissionais recebem bolsa de estudo pelo fato de jogar basquetebol, durante a categoria de base (Tabelas 8 e 10, pag. 76 e 78) Os treinadores do basquetebol mineiro citam a dificuldade dos clubes em dar este recurso para os atletas. Das cinco instituições investigadas, apenas uma equipe não fornece nenhum tipo de bolsa de estudos aos atletas.

Nós temos uma parceria com a escola, a forma que eu tenho de ajudar meu atleta é conseguir uma bolsa de estudo para ele, num colégio melhor. Mas nós sabemos que a escola não quer o aluno, quer o atleta. Se ele é bom de bola, ele vai estudar para fazer parte de time. Mas isso é muito reduzido, eu consigo 6, 7 bolsas no máximo, para todos os atletas do clube. Eu tenho no clube treinando 60 atletas, eu consigo dez por cento de bolsas. **(T1) Bolsa de estudo.**

Os recursos financeiros são de extrema importância, já que são básicos para a manutenção do atleta na modalidade esportiva, visto que no início a família apoia financeiramente o atleta (MORAES *et. al*, 2004) e mais tarde, este apoio é oferecido geralmente pelas instituições esportivas, por algum tipo de fomento (auxílio financeiro, bolsa de estudo, transporte para os treinamentos) ou salário. Na categoria sub-19 anos, os atletas estão em uma fase que precisam decidir se continuarão treinando o esporte, ou se dedicarão ao estudo ou trabalho. Como foi relatado, os pais mineiros pressionam seus filhos para abandonarem o esporte. Como os atletas da categoria sub-19 anos de MG receberam menos recursos financeiros que os seus pares profissionais nesta fase (para ambos os grupos a maioria dos atletas não possuía bolsa de estudos), tal contexto pode representar um grande desestímulo aos atletas continuarem na prática.

Recursos humanos, materiais e financeiros adequados são a base para se estabelecer programas eficientes de desenvolvimento de atletas rumo à excelência esportiva (MORAES, 1999; MORAES; SALMELA, 2003). Bloom (1985), Moraes, Durand-Bush e Salmela (1999)

afirmam que nesta fase, denominada de anos finais de aprendizagem, vários fatores podem influenciar o abandono da prática, como a premência de tempo e falta de recursos adequados. Os atletas em Minas Gerais enfrentam mais problemas estruturais para treinar em comparação aos atletas profissionais, quando estes eram de categorias de base.

Entretanto, treinar em estruturas com poucos recursos não é exclusividade dos atletas de basquetebol em Minas Gerais. No Brasil como um todo, Moreira, Souza e Oliveira (2003) e Beneli, Rodrigues e Montagner (2006) afirmam que o basquetebol passa por sérios problemas estruturais, já que muitos clubes não conseguem arcar com as despesas referentes à manutenção dos recursos necessários para o desenvolvimento adequado dos atletas, e há pouco apoio das instituições governamentais. Muitas vezes as instituições esportivas se sustentam com verbas referentes às mensalidades dos sócios e dos dividendos oriundos de escolinhas. Patrocínios são raros, já que o esporte olímpico no Brasil sofre pela carência de visibilidade na mídia (ALVES; PIERANTI, 2007).

A falta de recursos para a prática esportiva aparece em vários cenários do esporte brasileiro e não apenas no basquetebol mineiro. Atletas de futebol do interior de Minas Gerais muitas vezes precisam se mudar para a capital do estado para poder ter a oportunidade de se tornar um profissional no futuro, já que na região de origem os clubes possuem uma estrutura deficitária para a prática esportiva (MORAES; RABELO; SALMELA, 2004). Nadadores medalhistas olímpicos brasileiros foram treinar em universidades dos Estados Unidos em busca de recursos materiais e humanos extremamente especializados e de excelência (FERREIRA, 2010). É fundamental que haja um aumento da quantidade e da qualidade dos recursos disponíveis para que o atleta mineiro tenha a oportunidade de se tornar um jogador de basquetebol profissional. Tal situação passa pelo maior apoio das instituições governamentais e de uma organização mais profissional por parte das instituições esportivas.

### 7.3.4.3 Acesso às Equipes Profissionais

Um fator que atrapalha o basquetebol mineiro é a falta de oportunidades claras para que o atleta se torne jogador profissional no estado. Conforme mostra a Tabela 16, quando os atletas profissionais pertenciam à categoria sub-19 anos, a maior parte de suas instituições esportivas possuía equipes profissionais de basquetebol. O mesmo não acontece com os atletas da categoria sub-19 anos de MG. Para piorar o quadro, uma das duas equipes profissionais em Minas Gerais que disputam a NBB (Novo Basquete Brasil), principal competição do basquete nacional, não possuía equipe da categoria sub-19 anos em 2011 (CBB, 2011; FMB, 2011).

TABELA 16  
Equipes sub-19 anos que possuíam equipe profissional de basquetebol

categoria	n	Pro x sub-19		sim x não	
		sim	Não	$\chi^2$	$p$
Pro	47	35	12	28,88	*<0,001
Sub-19	47	9	38		17,884
					*<0,001

\*  $p < 0,05$

O único treinador de Minas Gerais entrevistado que possui, em sua instituição, equipe profissional atuando na NBB (Novo Basquete Brasil), salienta a importância desta situação para a formação destes atletas. Além disso, outro treinador ressalta o pouco aproveitamento dos atletas mineiros da base em equipes profissionais de Minas Gerais.

A facilidade dentro do clube é a possibilidade do atleta estar jogando mais de uma categoria, e jogar no adulto também. Atletas com potencial fazem aqui 50 jogos no ano. **(T1) Facilidade em possuir uma equipe adulta.**

Em Minas Gerais, nós temos dois times adultos. Da minha geração, quando ainda jogava, apenas um jogador das categorias de base das equipes mineiras foi aproveitado pelas equipes profissionais do estado. Os outros são vindos de fora, mas ninguém com nível de seleção. Os meninos têm que ir para o estado de São Paulo, talvez Rio de Janeiro, ou mesmo fora do país. A gente em Minas desperdiça muitos possíveis jogadores, e não formamos atletas profissionais. Ano após ano, jogadores que poderiam ser juntados num lugar só, treinados por um a dois anos, que poderiam

tranquilamente disputar a NBB de igual para igual, representando o estado e dar retorno em curto prazo saem do estado... Os meninos mais novos que vislumbram uma oportunidade começariam a praticar o esporte, outros se dedicariam mais e não sairiam do esporte por enxergar um futuro promissor. **(T3) Poucas equipes adultas e falta de aproveitamento dos atletas em equipes profissionais.**

Os atletas de basquetebol em Minas Gerais se encontram em uma situação incômoda: a instituição esportiva na qual praticam o basquetebol, na maior parte das vezes, não possui um time profissional. Nas equipes profissionais existentes em Minas Gerias o aproveitamento dos atletas mineiros muitas vezes é diminuto. Com isso, geralmente este atleta ou abandona o treinamento, para estudar e trabalhar, ou precisa sair do estado para realizar o sonho de se tornar atleta profissional.

### 7.3.5 Papel dos Pais

A tabela 17 mostra que, dos 6 aos 13 anos e dos 14 e 15 anos de idade, a maior parte dos atletas profissionais recebiam o apoio financeiro dos pais. Porém não dá para afirmar que a maior parte dos pais estava presentes nos jogos e treinos dos filhos. Depois dos 16 anos, não houve prevalência do número de atletas que recebiam o apoio, tanto financeiro quanto com a presença dos pais, nos jogos e treinos.

TABELA 17  
Apoio dos pais aos atletas profissionais por faixa etária

Apoio dos pais	6-13 anos				14-15 anos				16-19 anos			
	sim	não	$\chi^2$	$P$	sim	não	$\chi^2$	$p$	sim	não	$\chi^2$	$p$
Presença regular dos pais em jogos e treinos	19	15	0,47	0,5	27	17	2,273	0,132	18	29	2,574	0,11
Apoio financeiro dos pais para treinar basquetebol	23	11	4,24	*0,04	30	14	5,818	*0,016	22	25	0,191	0,66

\* $p < 0,05$

Na comparação entre as faixas etárias, entende-se que tanto o apoio financeiro dos pais, tanto a presença deles nos jogos e treinamentos dos filhos, para os atletas profissionais, foi menor a partir dos 16 anos de idade (Tabela 18).

TABELA 18  
Comparação entre as faixas etárias do apoio dos pais aos jogadores profissionais

	6-13 anos (a)		14-15 anos (b)		16-19 anos (c)		axb		axc		bxc	
	sim	não	sim	não	sim	não	x <sup>2</sup>	p	x <sup>2</sup>	p	x <sup>2</sup>	p
Apoio dos pais												
Presença regular dos pais em jogos e treinos	19	15	27	17	18	29	0,238	0,626	2,458	0,117	4,837	*0,028
Apoio financeiro dos pais para treinar basquetebol	23	11	30	14	22	25	0,003	0,96	3,47	0,063	4,239	*0,04

\* $p < 0,05$

A mesma constatação feita aos atletas profissionais em relação ao apoio dos pais, por faixa etária, pode ser transportada para o desenvolvimento dos atletas da categoria sub-19 anos de MG. Ou seja, a maior parte deles recebia apenas o apoio financeiro dos pais até os 15 anos de idade (Tabela 19).

TABELA 19  
Apoio dos pais, por faixa etária, aos atletas da categoria sub-19 anos de MG

	6-13 anos				14-15 anos				16-19 anos			
	sim	não	x <sup>2</sup>	p	sim	não	x <sup>2</sup>	p	sim	não	x <sup>2</sup>	p
Presença regular dos pais em jogos e treinos	16	7	3,52	0,061	24	15	2,077	0,15	17	30	3,596	0,06
Apoio financeiro dos pais para treinar basquetebol	17	6	5,26	*0,022	28	11	7,41	*0,006	14	33	7,68	*0,006

\* $p < 0,05$

Na comparação entre as faixas etárias, pode entender que tanto o apoio financeiro dos pais, tanto a presença deles nos jogos e treinamentos dos filhos, para os atletas da categoria sub-19 anos de MG, foi menor a partir dos 16 anos de idade (Tabela 20)

TABELA 20  
Comparação entre as faixas etárias, do apoio dos pais aos atletas da categoria sub-19 anos de MG

Apoio dos pais	6-13 anos (a)		14-15 anos (b)		16-19 anos (c)		axb		axc		bxc	
	sim	não	sim	não	sim	não	x <sup>2</sup>	p	x <sup>2</sup>	p	x <sup>2</sup>	p
Presença regular dos pais em jogos e treinos	16	7	24	15	17	30	0,407	0,523	6,911	*0,009	5,494	*0,019
Apoio financeiro dos pais para treinar basquetebol	17	6	28	11	14	33	0,33	0,857	12,187	*<0,001	15,053	*<0,001

\* $p < 0,05$

Na comparação entre os atletas da categoria sub-19 anos de Minas Gerais e jogadores profissionais, pode-se observar que não houve diferença significativa do apoio dos pais, tanto financeiramente quanto com a presença em jogos e treinos dos filhos, em nenhuma faixa etária (Tabela 21).

TABELA 21  
Comparação entre os grupos do apoio dos pais para cada faixa etária

Faixa etária	Apoio dos pais	Pro		sub-19		Pro x sub-19	
		sim	não	sim	não	x <sup>2</sup>	p
6-13 anos	Presença regular dos pais em jogos e treinos	19	15	16	7	1,084	0,298
	Apoio financeiro dos pais para treinar basquetebol	23	11	17	6	0,257	0,612
14-15 anos	Presença regular dos pais em jogos e treinos	27	17	24	15	0	0,987
	Apoio financeiro dos pais para treinar basquetebol	30	14	28	11	128	0,72
16-19 anos	Presença regular dos pais em jogos e treinos	18	29	17	30	0,46	0,831
	Apoio financeiro dos pais para treinar basquetebol	22	25	14	33	2,882	0,09

O papel dos pais, tanto apoiando seus filhos financeiramente ou com a presença em jogos e treinos, para ambos os grupos, decrescia a partir dos 16 anos (Tabelas 18 e 20, pag. 94 e 95). Um dos treinadores da categoria sub-19 anos disse que o apoio dos pais aos seus filhos é mais no sentido de dar suporte financeiro, porém poucos acompanham jogos e treinos, ou conversam com os treinadores para saber sobre o desenvolvimento dos seus filhos (de acordo com as Tabelas 17 e 19, pag. 93 e 94 respectivamente) não há uma prevalência do número de pais que estão presentes na vida cotidiana esportiva dos filhos, para ambos os grupos). Outro treinador ressalta que a partir dos 16 anos, os pais fazem pressão para que o atleta dê preferência aos estudos, pois eles acham que jogar basquetebol muitas vezes não é um futuro viável para filho. Esta situação corrobora com a dificuldade dos atletas conciliarem os estudos com a carreira profissional, como fora discutido anteriormente neste trabalho no item “Papel das Universidades” (pag. 68).

Eu vejo, infelizmente, por os atletas terem um perfil socioeconômico mais precário, poucos pais assistindo jogos dos filhos, e mesmo nos treinamentos a presença é pouca. Mas mesmo o pai que tem uma condição financeira melhor deixa de carro o menino no treino, e depois pega o atleta, mas não acompanha o treinamento. E os pais não têm muito conhecimento esportivo para ajudar. É mais numa rifa, em um levantamento de dinheiro para uma viagem, uma festa... Mas um incentivo direto, até para conversar com os treinadores, para acompanhar melhor a trajetória do atleta, estas coisas faltam ainda. **(T1) Papel dos pais no desenvolvimento dos atletas.**

... Quem tem uma qualidade diferente no sub-16 anos para frente, os pais acompanham, mais diminui bastante... O pai já faz pressão, para que o menino continue estudando. É um problema de base familiar e do clube também. E muitas vezes os pais não veem a profissão “jogador de basquetebol” como uma coisa viável ou importante para o filho. **(T5) Papel dos pais no desenvolvimento dos atletas.**

Tais achados corroboram com os estudos encontrados na literatura que indicam que o apoio dos pais para o desenvolvimento dos filhos atletas é um fator recorrente, até os 16 anos de idade (BLOOM, 1995; CÔTÉ, 1999; FERREIRA, 2010; WYLLEMAN *et al.*, 2000). Por exemplo, “Magic” Paula, atleta *expert* do basquetebol brasileiro, em entrevista concedida a Balbino (2006) comenta que seus pais estavam presentes aos jogos e treinamentos com frequência, e também a apoiavam financeiramente, nas primeiras fases da carreira da atleta.

Entretanto, a maior parte dos atletas da categoria sub-19 anos, de acordo com a fala dos treinadores, recebiam geralmente apenas o apoio financeiro por parte dos pais para jogar basquetebol. Os pais, geralmente, não se interessavam em ir aos jogos e treinos dos filhos. Este envolvimento parcial pode ser atribuído ao pouco conhecimento que os pais têm sobre o esporte, e da diminuta possibilidade destes atletas se tornarem profissionais no futuro. Uma maior cumplicidade entre os pais e os treinadores, ou seja, uma melhor comunicação entre eles ajudaria muito na formação destes atletas. Hellstedt (1990) considera que os pais podem ter um subenvolvimento na vida esportiva dos filhos, e esta situação é marcada também pelo pouco envolvimento em atividades e contato com os treinadores. Uma maior presença dos pais no cotidiano esportivo de seus filhos em Minas Gerais não está ligada à origem socioeconômica da família.

Contudo, no Brasil, estudos que procuraram investigar a influência dos pais na formação atlética dos filhos, do Grupo de Estudos da Formação Expertise no Esporte (Gefexe) do Laboratório de Psicologia do Esporte da Universidade Federal de Minas Gerais (Lapes-UFMG), sob a orientação do Prof. Dr. Luiz Carlos Couto de Albuquerque Moraes, mostraram resultados que indicam que o envolvimento dos pais está intimamente ligado com o nível socioeconômico da família. Viana Júnior *et al.* (2001), ao investigarem o papel dos pais de classe média no desenvolvimento de atletas brasileiras de ginástica rítmica de nível nacional ressaltaram que os pais apresentaram altos níveis de participação no treinamento das filhas, e as apoiavam emocional e economicamente. Achados semelhantes foram encontrados, no contexto de classes favorecidas economicamente, por Moraes *et al.* (2004) ao pesquisarem jovens tenistas brasileiros, por Ferreira (2010) ao estudar nadadores medalhistas olímpicos brasileiros, por Ferreira (2012) ao investigar sobre o contexto dos atletas de saltos ornamentais de alto rendimento e Moraes *et al.* (2001) ao verificarem o envolvimento dos pais com atletas de voleibol de classe média.

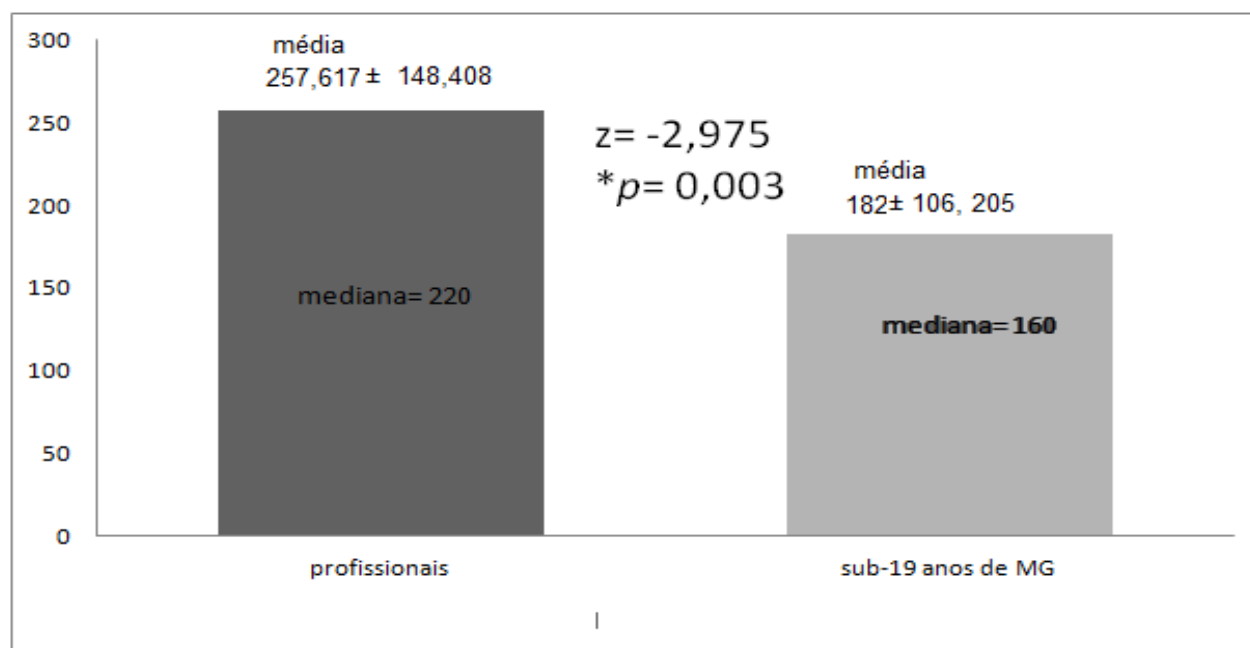
Já Moraes, Rabelo e Salmela (2004), ao investigarem o papel dos pais no desenvolvimento de atletas de categoria de base de futebol em Minas Gerais, relataram que os pais tiveram pouco envolvimento nas atividades dos filhos, de forma que o desenvolvimento destes atletas não pode ser atribuído à atuação dos pais. Os pais não participaram diretamente na escolha profissional dos filhos, nem tão pouco estão envolvidos

diretamente no processo de treinamento, e, além disso, não alteraram suas rotinas para facilitar o crescimento dos filhos nos esporte. Muitos destes pais moravam longe do local de treinamento. A paixão dos filhos pelo esporte, vinculada com uma possível ascensão social por ser tornar um jogador profissional, foram os principais motivos pelo envolvimento destes indivíduos no futebol. Tais famílias que participaram deste estudo foram identificadas como de baixo padrão socioeconômico.

#### 7.4 Experiências Competitivas

Neste tópico é apresentado o número de jogos que os atletas da categoria sub-19 anos de MG e profissionais foram submetidos durante a categoria de base. Além disso, a opinião dos treinadores mineiros serão expostas e analisadas para ilustrar tal contexto.

Os atletas profissionais disputaram um número maior de jogos até os 19 anos em relação aos atletas da categoria sub-19 anos de MG (Gráfico 4).



\* $p < 0,05$

GRÁFICO 4 : Comparação entre grupos do total de jogos disputados até os 19 anos

Pode-se também observar que, na comparação por faixa etária, os atletas da categoria sub-19 anos de MG disputaram menos jogos que os atletas profissionais entre os 16 e 19 anos (Tabela 22).

TABELA 22  
Comparação entre grupos do total de jogos por faixa etária

Faixa Etária	Pro			Sub-19			Pro x sub19	
	Média	Mediana	Desvio Padrão	Média	Mediana	Desvio Padrão	Z	<i>p</i>
6-13 anos	39,489	0	62,124	29,021	0	55,173	-1,189	234
14-15 anos	41,553	40	35,286	38,894	36	39,587	-0,657	0,511
16-19 anos	176,574	160	88,415	114,05	120	54,038	-3,855	*<0,001

\**p* < 0,05

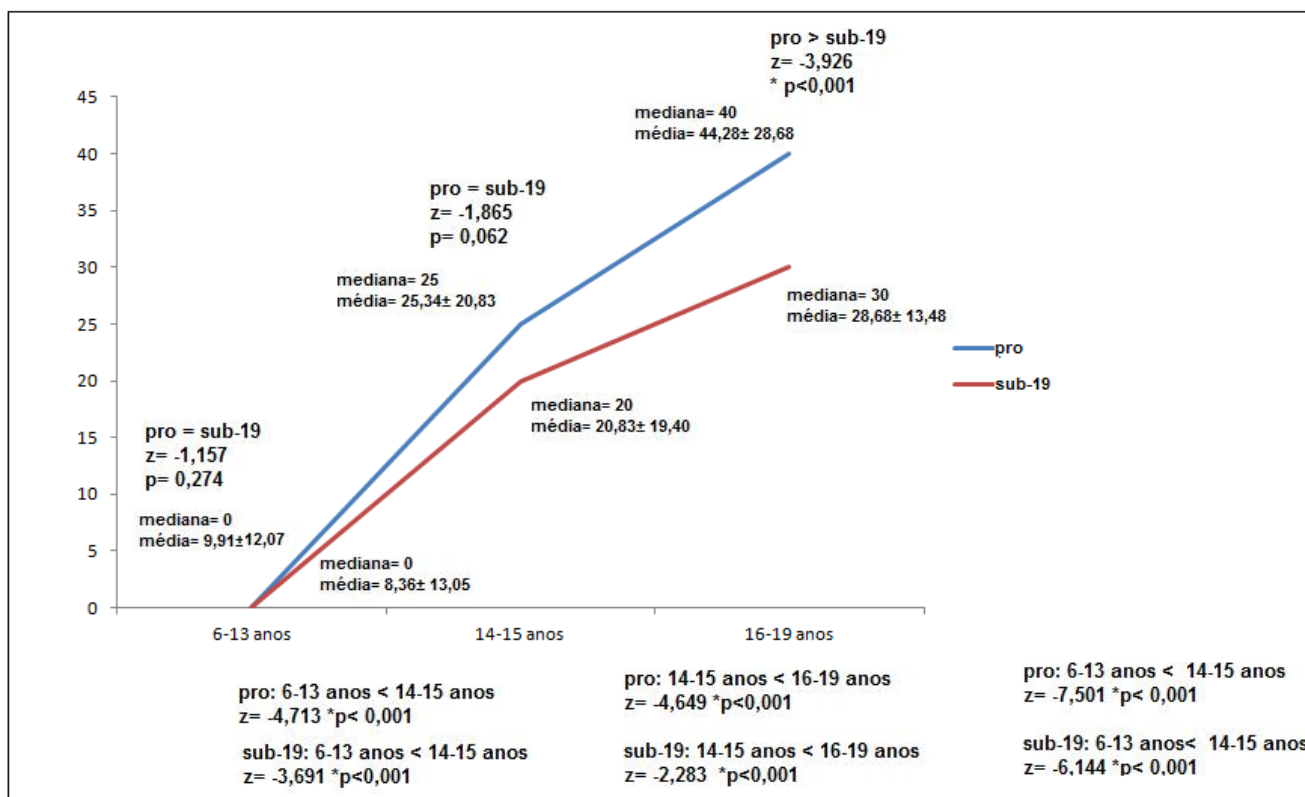
Sem contarmos apenas os atletas que treinaram em cada fase, os atletas da categoria sub-19 anos de MG também disputaram menos jogos que os atletas profissionais entre os 16 e 19 anos (Tabela 23).

TABELA 23  
Comparação entre grupos do total de jogos por faixa etária, contando apenas os atletas que treinaram basquetebol em cada fase

Faixa Etária	Pro			Sub-19			Pro x sub19	
	Média	Mediana	Desvio Padrão	Média	Mediana	Desvio Padrão	Z	<i>p</i>
6-13 anos	88,381	75	65,875	90,933	60	63,005	0,91	0,924
14-15 anos	57,441	55	28,202	53,765	40	36,88	-1,065	0,287
16-19 anos	176,574	160	88,415	114,05	120	54,038	-3,855	*<0,001

\**p* < 0,05

Conforme mostra o Gráfico 5, o volume anual de jogos disputados pelos profissionais foi maior em relação aos atletas da categoria sub-19 aos de MG apenas entre os 16 e 19 anos. Nas outras fases não houve prevalência.



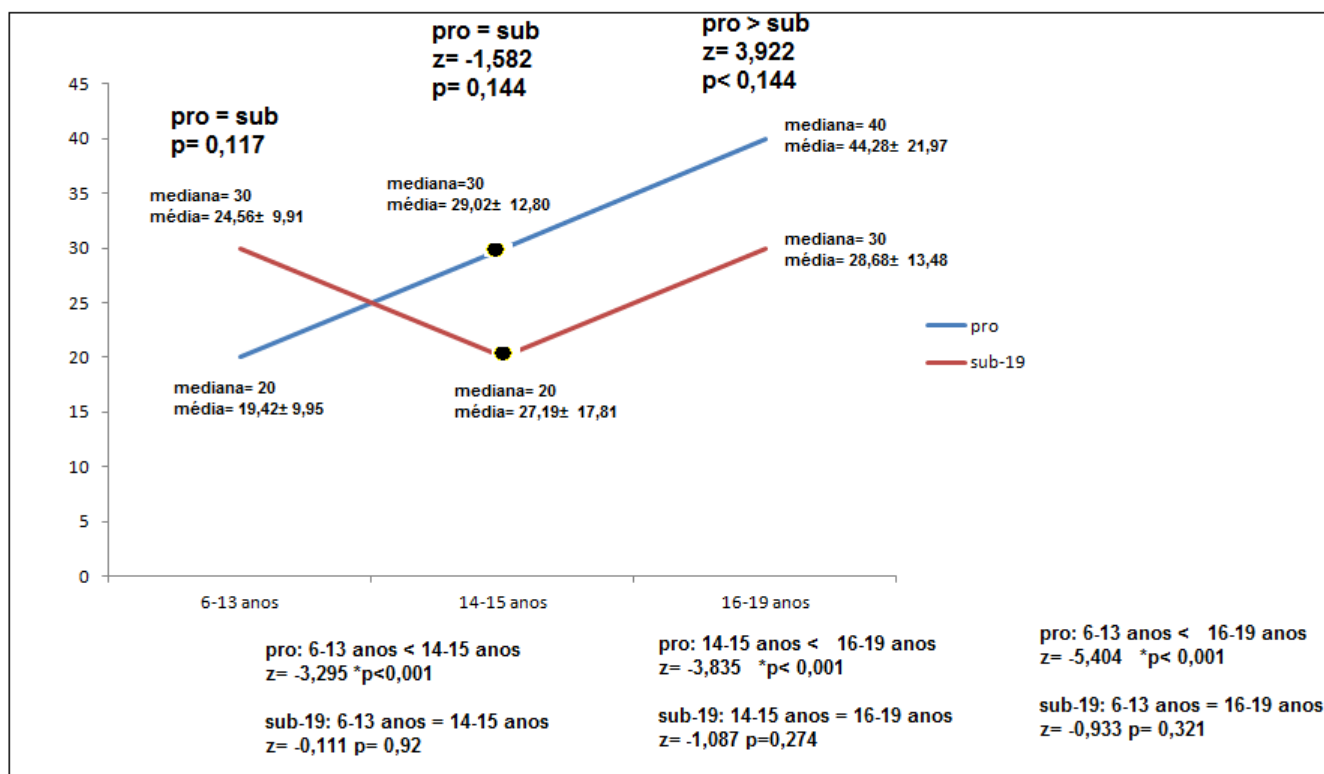
\* $p < 0,05$

GRÁFICO 5: Comparação do volume anual de jogos, entre e por faixas etárias

Legenda: pro: atletas profissionais ■

sub-19: atletas da categoria sub-19 anos de MG ■

Verifica-se também, na comparação apenas com os atletas que disputaram cada fase, que o volume de jogos anual em cada faixa etária dos profissionais foi maior em relação aos atletas da categoria sub-19 de MG apenas entre os 16 e 19 anos. Nas outras fases não houve prevalência (Gráfico 6).



\* $p < 0,05$

GRÁFICO 6: Comparação do volume anual de jogos, entre e por faixas etárias, considerando apenas os atletas que treinaram basquetebol em cada fase

Legenda: pro: atletas profissionais ■

sub-19: atletas da categoria sub-19 anos de MG ■

Conforme mostrou o Gráfico 5 (pag. 100), tanto para os atletas da categoria sub-19 anos de MG como para os profissionais, houve um aumento gradual do volume anual de jogos disputados ao passo que os atletas foram avançando de faixa etária. Contudo, se considerarmos apenas os atletas que treinaram basquetebol em cada fase, o mesmo padrão não é observado para os atletas da categoria sub-19 anos de MG (Gráfico 6). Podemos constatar então que os atletas, na comparação por faixa etária, deste público, disputaram um volume anual de jogos semelhante. O aumento do volume de jogos anual observado no Gráfico 6, para os atletas da categoria sub-19 anos de MG, ao decorrer das fases aconteceu pelo acréscimo gradual de jogadores que começaram a treinar o esporte.

A constatação da diminuta quantidade de jogos acumulados na carreira na categoria de base, que os atletas da categoria sub-19 anos de MG possuem em comparação aos atletas profissionais, conforme mostrou os dados quantitativos, corrobora com a fala dos treinadores entrevistados. O principal motivo relatado é a pequena quantidade de equipes que disputam o campeonato sub-19 anos em Minas Gerais, e o pouco desenvolvimento do esporte no interior do estado. Tal contexto, mesmo com a boa qualidade técnica dos atletas, prejudica o processo de amadurecimento destes desportistas. Os entrevistados também constatam que é pequeno o número de equipes que disputam o campeonato sub-19 anos em Minas Gerais em relação a São Paulo, principal seleiro de atletas no Brasil.

Eu acho também que em Minas Gerais formam-se melhores atletas do que São Paulo, mas lá eles ganham em volume de jogo, com mais experiência de quadra. Então quando você vai para uma competição nacional, eu participei de vários campeonatos brasileiros entre estados, a gente joga de igual pra igual com São Paulo, até determinado ponto. Então quando chega ao final, jogo equilibrado, que a nossa equipe precisa ganhar, a gente fica para trás. Em termos de estrutura geral, Minas Gerais não fica devendo para São Paulo, mas faz toda a diferença a quantidade de jogos que os nossos clubes jogam por ano. **(T1) Atletas mais experientes em São Paulo.**

O nível das equipes principais que disputam o campeonato mineiro é muito alto, ficando entre as melhores do Brasil, tanto aqui (Uberlândia) como em Belo Horizonte. Não ficamos devendo para outros clubes brasileiros. Porém, como são poucos clubes, são poucos jogos. Tem um número reduzido de jogos, 14 a 10 no máximo por ano. Estados onde o esporte é bancado pelas prefeituras, como em São Paulo, você faz cerca de 40 jogos de bom nível, isso faz a diferença... A federação deveria incentivar as regiões para ter equipes de basquetebol, para melhorar o esporte no estado. **(T3) Equipes do interior.**

O Quadro 2 comprova o contexto citado pelos treinadores, já que para todas as categorias na base, há mais equipes disputando os campeonatos organizados pela Federação Paulista de Basketball em comparação ao organizados pela Federação Mineira de Basquetebol

Categoria	Minas Gerais	São Paulo
sub-13	10	21
sub -14	9	21
sub-15	11	20
sub-16	11	17
sub-17	11	21
sub-19	5	17

QUADRO 2: Número de equipes masculinas de basquetebol que participaram de competições das Federações Mineira e Paulista na temporada 2011

Fonte: Federação Mineira de Basketball e Federação Paulista de Basketball (2012)

Uma das equipes da categoria sub-19 anos de Minas Gerais preferiu disputar, em 2011, o campeonato paulista devido ao maior número de jogos e conseqüentemente melhor competitividade, conforme a fala do treinador. A falta de outras equipes mineiras desta categoria na região da referida equipe também contribuiu para este quadro.

O clube tem a facilidade de estar numa cidade que está na mesma distância de Belo Horizonte e São Paulo. E estamos vinculados à Federação Paulista de Basketball, representando outra entidade. As outras categorias continuam jogando os campeonatos da Federação Mineira, até mesmo para estimular o campeonato. Se tivéssemos equipes na nossa região com a categoria sub-19 anos - porque as outras equipes da cidade não possuem esta categoria jogando este ano (2011) - nós teríamos continuado na Federação Mineira de Basketball. Até como uma forma de incentivo. Tivemos que sair para manter a estrutura da equipe. **(T3) Equipe mineira disputando campeonato paulista.**

A competição é o momento no qual todas as etapas do treinamento são colocadas à prova. Quanto mais competições o atleta disputa, mais qualificado e experiente ele fica (CÔTÉ; BAKER; ABERNETHY, 2003). A atividade competitiva influencia positivamente o desempenho dos atletas, pois apenas nas competições, na presença de adversários e de

espectadores, e sentindo os estímulos externos, como o clima, a arbitragem e outros, é que o atleta é capaz de mobilizar suas reais capacidades máximas. O atleta treina para competir, é a forma que ele possui para testar seu nível de competência perante os adversários. Competindo, o atleta se torna mais habilidoso, e reage melhor às situações de pressão (SCHULZ *et al.*, 1994). Nas estatísticas sobre o basquetebol, uma forma de avaliar o desempenho do atleta é observando o número de jogos e tempo de quadra que obteve durante a carreira (NBA, 2012).

Contudo, os atletas da categoria sub-19 anos de Minas Gerais, durante a formação, encontraram vários problemas para obter um número adequado de jogos. Conforme mostra a entrevista dos treinadores, há um número pequeno de equipes disputando o campeonato mineiro. Os atletas profissionais disputaram um maior número de jogos na categoria de base. Ao passar das faixas etárias, os atletas mineiros não aumentaram o número de jogos disputados. No interior do estado, há uma carência de apoio da Federação Mineira de Basketball e das prefeituras para formação de novas equipes. Com isso um dos clubes de Minas Gerais preferiu, em 2011, disputar o campeonato organizado pela Federação Paulista de Basketball.

De acordo com Moreno (2006), em São Paulo, é notória a participação das secretarias de esportes municipais para o fomento do esporte. Muitas equipes são formadas e mantidas com tal apoio. O Quadro 2 (pag. 103) mostra que neste estado existe um número muito maior de instituições esportivas disputando os campeonatos de base, na comparação com Minas Gerais. Além disso, anualmente, o governo do estado de São Paulo promove os Jogos Abertos do Interior, competição que envolve um número muito grande de cidades em disputa de várias modalidades, com grande repercussão na mídia e na vida cotidiana da população paulista. O Campeonato Paulista de Basquetebol, tanto no masculino quanto no feminino, é considerado o mais forte do país. Sendo assim, o Estado de São Paulo é o principal centro no Brasil de desenvolvimento de atletas, não só no basquetebol, como em vários outros esportes.

Visto os resultados apresentados e a discussão sobre o tema, verifica-se que a pouca experiência competitiva dos atletas mineiros é um fator que prejudica o desenvolvimento destes esportistas rumo a elevados padrões de desempenho.

## 7.5 Treinamento

### 7.5.1 Volume de Treinamento

Neste tópico são apresentados os resultados referentes à quantidade em horas de treinamento que os atletas da categoria sub-19 anos de MG e profissionais foram submetidos durante a categoria de base. O Gráfico 7 mostra que os atletas da categoria sub-19 anos de MG, de uma forma geral, tiveram horas de treinamento semelhantes em comparação aos atletas profissionais.

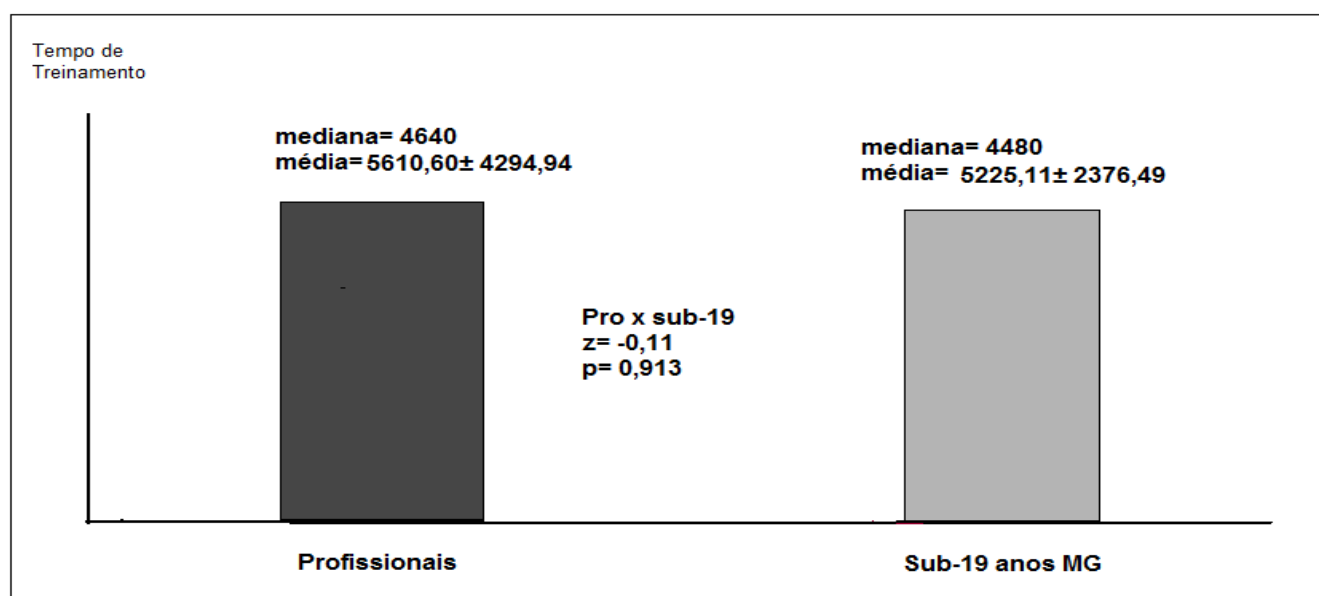


GRÁFICO 7: Comparação do tempo total de treinamento entre os grupos, em horas

Na comparação entre as faixas etárias, somente dos 6 aos 13 anos (Tabela 24), os atletas da categoria sub-19 anos de MG treinaram menos horas que os seus pares profissionais.

TABELA 24  
 Comparação entre os grupos do tempo total em horas de treinamento por faixa etária

Faixa Etária	Pro			Sub-19			Pro x sub19	
	Média	Mediana	Desvio Padão	Média	Mediana	Desvio Padão	Z	p
6-13 anos	656,255	264	851,33	390,808	0	762,502	-2,269	*0,023
14-15 anos	767,957	528	1101,001	732,17	704	692,507	0,367	0,713
16-19 anos	4203,234	3840	2778,725	4102,128	3520	1902,86	-0,049	0,961

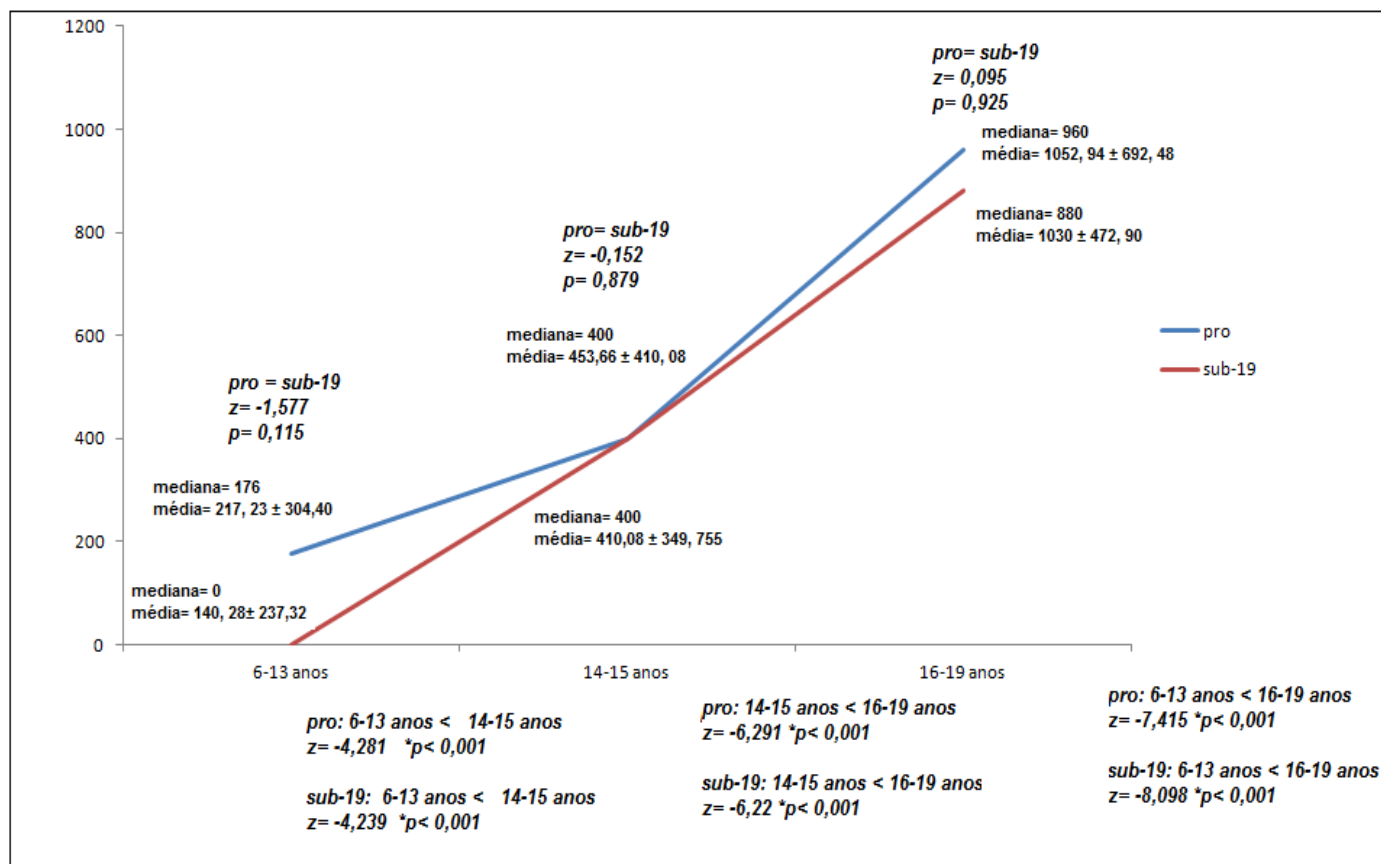
\* $p < 0,05$

Contudo, ao se fazer a mesma comparação feita na Tabela 24, sem contar os atletas que não treinavam ainda nesta fase, percebe-se que não houve prevalência (Tabela 25). Ou seja, o maior tempo de treinamento entre os 6 e 13 anos se deve ao menor número de atletas mineiros que treinavam basquetebol nesta faixa etária.

TABELA 25  
 Comparação entre os grupos do tempo em horas total de treinamento por faixa etária, contando apenas os atletas que treinaram basquetebol em cada etapa

Faixa Etária	Pro			Sub-19			Pro x sub19	
	Média	Mediana	Desvio Padão	Média	Mediana	Desvio Padão	Z	p
6-13 anos	1192,461	1080	842,577	1148	1008	925,086	-0,402	0,687
14-15 anos	1012,412	800	1190,423	1075,375	880	575,009	-1,708	0,088
16-19 anos	4203,234	3840	2778,725	4102,128	3520	1902,86	-0,049	0,961

Ao se verificar o volume anual de treinamento, os atletas da categoria sub-19 anos não foram menos exigidos neste quesito em relação aos atletas profissionais. Considera-se também que o volume anual de treinamento aumentou tanto para os atletas profissionais quanto para os atletas mineiros, no decorrer das faixas etárias (Gráfico 8).



\* $p < 0,05$

GRÁFICO 8: Comparação entre grupos e entre faixas etárias do volume anual em horas de treinamento

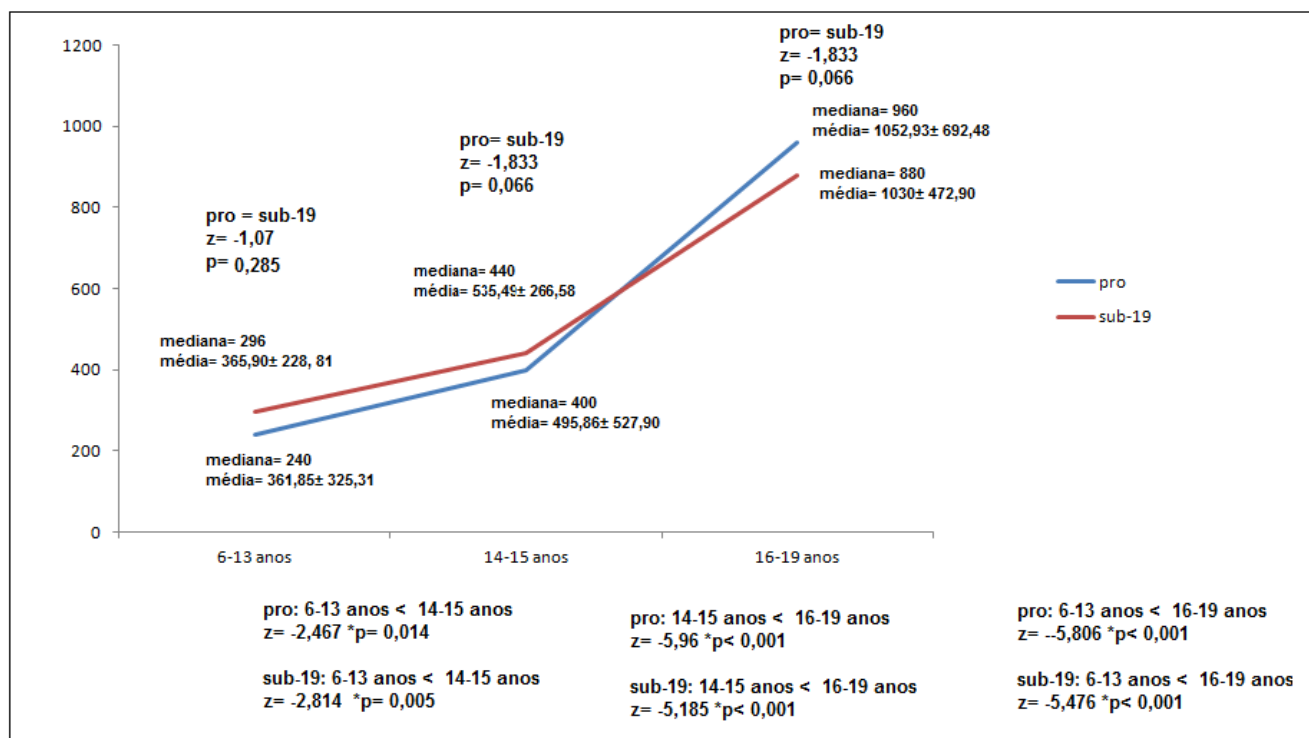
Legenda: pro: atletas profissionais



sub-19: atletas da categoria sub-19 anos de MG



Ao se verificar o volume anual de treinamento, contando apenas os atletas que jogaram em cada fase do treinamento, os atletas da categoria sub-19 anos tiveram também uma quantidade de prática semelhante aos atletas profissionais. Considera-se também, para esta situação, que o volume anual de treinamento aumenta tanto para os atletas profissionais quanto para os atletas mineiros, no decorrer das faixas etárias (Gráfico 9).



\* $p < 0,05$

GRÁFICO 9: Comparação entre grupos e entre faixas etárias do volume anual em horas de treinamento, contando apenas os atletas que treinaram basquetebol em cada fase

Legenda: pro: atletas profissionais



sub-19: atletas da categoria sub-19 anos de MG



Para os requisitos específicos do treinamento, os atletas da categoria sub-19 anos de Minas Gerais dedicaram menos tempo apenas para o quesito treinar sem a presença de um profissional, entre os 6 e 13 anos (Tabela 26).

TABELA 26

Comparação entre os grupos do tempo destinado em horas a cada aspecto do treinamento entre os 6 e 13 anos

Aspectos	Média	Pro		Média	Sub-19		Pro x sub19	
		Media-na	Desvio Padrão		Media-na	Desvio Padrão	Z	p

Treinar sem a presença de um profissional	454,149	0	836,278	159,489	0	382,193	-2,272	*0,023
Preparação Física	81,957	0	259,98	59,574	0	251,789	-0,895	0,371
Musculação	3,745	0	25,672	6,533	0	44,926	-0,015	0,928
Treinamento de Flexibilidade	39,489	0	122,896	32,425	0	104,494	-0,291	0,777
Preparação Mental	0,936	0	6,18	49,362	0	239,42	-1,41	0,159
Jogar basquetebol por diversão	547,66	52	1084,92	421,532	0	987,538	-1,733	0,083
Jogar outro esporte por diversão	309,234	0	465,173	276,043	0	574,091	-1,223	0,221
Treinar outro esporte	185,872	0	351,804	260	0	828,034	-0,592	0,554
Assistir jogos de basquetebol	161,532	0	346,669	274,383	0	701,493	-0,107	0,844

\* $p < 0,05$

Para a comparação entre os grupos do tempo destinado em horas para cada aspecto do treinamento entre os 14 e 15 anos, não houve prevalência para nenhum dos quesitos (Tabela 27).

**TABELA 27**  
Comparação entre os grupos do tempo destinado em horas a cada aspecto do treinamento entre os 14 e 15 anos

Aspectos	Pro			Sub-19			Pro x sub19	
	Média	Media-na	Desvio Padrão	Média	Media-na	Desvio Padrão	Z	p

Treinar sem a presença de um profissional	485,106	352	630,59	314,383	176	406,106	-1,307	0,191
Preparação Física	208,255	96	279,65	172,596	132	221,638	-0,424	0,671
Musculação	103,404	0	179,82	116,255	0	237,739	-0,612	0,54
Treinamento de Flexibilidade	77,957	0	189,09	70,128	0	112,933	-0,191	0,849
Preparação Mental	58,043	0	200,45	31,744	0	97,874	-0,321	0,748
Jogar basquetebol por diversão	413,787	312	569,73	324,613	124,8	402,44	-0,929	0,353
Jogar outro esporte por diversão	183,66	52	328,13	177,021	104	237,228	-0,503	0,615
Treinar outro esporte	77,447	0	192,1	48,68	0	143,602	-1,017	0,309
Assistir jogos de basquetebol	320,851	208	519,92	254,468	208	350,211	-0,279	0,78

Na faixa etária dos 16 aos 19 anos de idade (Tabela 28), na comparação entre os grupos do tempo destinado, em horas, para cada aspecto do treinamento, não houve também prevalência. Os resultados das Tabelas 26, 27 e 28 mostram que os atletas, em cada fase, tiveram um tipo de treinamento semelhante.

**TABELA 28**  
Comparação entre os grupos do tempo destinado em horas a cada aspecto do treinamento entre os 16 e 19 anos

Aspectos	Média	Pro		Média	Sub-19		Pro x sub19	
		Media-na	Desvio Padrão		Media-na	Desvio Padrão	Z	p
Treinar sem a presença de um profissional	1349,277	960	1449,088	924,596	880	815,336	-1,16	0,246

Preparação Física	854,468	880	725,957	779,234	880	470,925	-0,175	0,861
Musculação	819,745	768	1015,759	892,596	960	590,646	-1,555	0,12
Treinamento de Flexibilidade	329,447	192	730,851	279,82	176	247,295	-0,7	0,484
Preparação Mental	245,447	0	778,876	169,191	0	317,481	-0,014	0,989
Jogar basquetebol por diversão	577,532	416	715,23	730,212	416	975,483	-0,385	0,72
Jogar outro esporte por diversão	183,66	0	524,592	223,489	0	433,156	-1,138	0,255
Treinar outro esporte	39,83	0	171,512	61,957	0	241,148	-0,062	0,95
Assistir jogos de basquetebol	320,851	208	519,923	254,468	208	350,211	-0,279	0,78

Quanto ao volume anual dos aspectos do treinamento, os atletas profissionais tiveram uma queda gradual no quesito jogar outro esporte por diversão. Estes atletas gastaram menos tempo treinando outro esporte a partir dos 16 anos. Não houve diferença no tempo destinado a jogar basquetebol por diversão. Nos aspectos treinar sem a presença de um profissional, assistir jogos de basquetebol e preparação mental, houve um acréscimo de tempo até os 15 anos de idade. Depois o tempo de prática se manteve constante nestes quesitos. Para os outros aspectos, houve um acréscimo gradual do tempo ao longo das faixas etárias (Tabela 29).

**TABELA 29**  
**Comparação do volume anual em horas dos aspectos do treinamento, entre faixas etárias, em atletas profissionais**

Aspectos	6-13 anos (a)			14-15 anos (b)			16-19 anos (c)			axb		axc		bxc	
	Média	Mediana	D.P	Média	Mediana	D.P	Média	Mediana	D.P	Z	p	Z	p	Z	p
1	155,57	0	276845	268,425	200	313,36	339,65	240	362,579	-2,641	*0,008	-3,891	*<0,001	-1,171	0,242
2	28,511	0	64,291	116,219	88	138,65	214,553	220	181,172	-4,209	*<0,001	-6,561	*<0,001	-3,328	*0,001
3	78,3	0	37,579	57,65	0	91,585	206,34	192	254,083	-4,045	*<0,001	-7,213	*<0,001	-4,825	*<0,001
4	9,617	0	20,979	40,936	0	94,186	82,596	182	182,656	-2,897	*0,004	-5,036	*<0,001	-2,59	*0,01
5	6,043	0	35,454	34,128	0	104,73	61,362	0	194,719	-2,445	*0,014	-3,624	*<0,001	-1,348	0,178
6	195,83	104	315,04	221,83	156	284,71	146,043	104	180,015	-1,094	0,274	-0,143	0,886	-1,444	0,149
7	130	52	171,353	96,808	52	163,07	45,043	0	131,149	-3,234	*0,001	-0,895	*0,001	-2,803	*0,005
8	69,702	0	101,295	44,255	0	101,12	9,957	0	42,87	-1,586	0,113	-3,704	*<0,001	-2,315	*0,021
9	56,425	0	102,766	165,957	104	257,65	206,894	104	256,01	-3,754	*<0,001	-5,079	*<0,001	-1,773	0,076

\* $p < 0,05$

**Legenda:** Aspecto 1: Treinar sem a presença de um profissional

Aspecto 3: Musculação

Aspecto 5: Preparação Mental

Aspecto 7 : Jogar outro esporte por Diversão

Aspecto 9: Assistir jogos de Basquetebol

Aspecto 2: Preparação Física

Aspecto 4: Treinamento de Flexibilidade

Aspecto 6: Jogar Basquetebol por Diversão

Aspecto 8: Treinar outro Esporte

D.P: Desvio Padrão

Para os atletas da categoria sub-19 anos de MG, houve uma queda gradual no quesito treinar outro esporte, ao longo do tempo. Os atletas jogaram menos anualmente outros esportes por diversão a partir dos 16 anos. O tempo destinado à preparação mental aumentou depois dos 16 anos de idade. Houve uma queda até os 15 anos de idade no tempo destinado a jogar basquetebol por diversão. Nos aspectos treinar sem a presença de um profissional, estes atletas passaram a dispensar mais tempo até os 15 anos. Depois o tempo de prática se manteve constante neste quesito. Para os outros aspectos, houve um acréscimo gradual do tempo ao longo das faixas etárias (Tabela 30).

A dedicação aos treinamentos é requisito básico para se alcançar altos níveis de desempenho (ERICSSON; KRAMPE; TESCH-ROMER, 1993; ERICSSON; LEHMANM, 1996). O treinamento proporciona ao esportista uma melhor seleção de uma ação frente a um desafio. *Experts* conseguem antecipar ações e identificar qual será a provável tomada de decisão do adversário (STARKES, 2003). Além disso, possuem maiores adaptações fisiológicas favoráveis ao desempenho, proporcionadas pelos contínuos anos de treinamento, como alta capacidade aeróbica para atletas de *endurance*, maior número de fibras rápidas para atletas de provas de velocidade (ERICSSON; WARD, 2007). Características essenciais para o desempenho são otimizadas pelos anos de prática, como: atenção, concentração, visão, intuição e memória. O *expert* consegue, com mais facilidade, usar a memória de curto e longo prazo, estabelecer estratégias antecipadas, e identificar sinais relevantes na prática para a melhoria do desempenho (ERICSSON; LEHMANN, 1996).

Porém, como mostrou o tempo total de treinamento (Gráfico 7, pag. 105), ambos os grupos necessitariam de cerca de mais cinco mil horas de treinamento para atingir as dez mil horas indicadas para o alcance de um alto nível de desempenho (ERICSSON; KRAMPE; TESCH-ROMER, 1993; ERICSSON; LEHMANM, 1996). Pode-se perceber que as categorias de base no basquetebol deveriam se estender até os 22, 23 anos (faixa etária em que o atleta terminaria um curso superior), para que o atleta tenha um amadurecimento adequado.

**TABELA 30**  
**Comparação do volume anual em horas dos aspectos do treinamento, entre faixas etárias, em atletas da categoria sub-19 anos de MG**

Aspectos	6-13 anos (a)			14-15 anos (b)			16-19 anos (c)			axb		axc		bxc	
	Média	Mediana	D.P.	Média	Mediana	D.P.	Média	Mediana	D.P.	Z	p	Z	p	Z	p
1	68,681	0	145,751	174,98	96	208,9	231,149	220	203,834	-3,143	*0,002	-4,99	*<0,001	-1,717	0,09
2	18	0	54,621	86,17	0	113,5	179,489	0	126,344	-3,859	*<0,001	-6,779	*<0,001	-3,976	*<0,001
3	9,936	0	6,418	58,128	0	118,9	225,063	240	148,861	-3,511	*<0,001	-7,674	*<0,001	-5,389	*<0,001
4	10,81	0	33,611	37,404	0	57,81	62,936	44	62,436	-3,194	*0,001	-5,399	*<0,001	-2,507	*0,01
5	10,89	0	43,505	14,391	0	49,2	42,298	0	79,37	-0,693	0,488	-2,808	*0,005	-2,231	*0,03
6	115,6	0	218,193	162,86	62	200,9	182,553	104	243,87	-2,055	*0,04	-2,407	*0,016	-0,356	0,72
7	105,7	0	161,408	92,383	52	121	55,872	0	108,289	-0,489	0,625	-1,152	0,249	-2,062	*0,04
8	107,3	0	223,898	24,34	0	71,8	15,489	0	60,287	-2,13	*0,033	-2,925	*0,003	-2,925	*<0,001
9	57,53	0	120,366	127,23	0	175,1	216,851	104	223,35	-3,223	*0,001	-5,286	*<0,001	-2,65	*<0,001

\* $p < 0,05$

**Legenda:** Aspecto 1: Treinar sem a presença de um profissional

Aspecto 3: Musculação

Aspecto 5: Preparação Mental

Aspecto 7 : Jogar outro esporte por Diversão

Aspecto 9: Assistir jogos de Basquetebol

Aspecto 2: Preparação Física

Aspecto 4: Treinamento de Flexibilidade

Aspecto 6: Jogar Basquetebol por Diversão

Aspecto 8: Treinar outro Esporte

D.P: Desvio Padrão

O volume geral e dos aspectos específicos do treinamento aumentaram progressivamente para ambos os grupos ao longo da categoria de base. Os atletas tenderam a se dedicar mais ao treinamento de basquetebol em detrimento as práticas esportivas de lazer. Os achados deste estudo corroboram com Bloom (1985) e Côté (1999), pois estes autores consideram que próximo aos 15 anos de idade o atleta se dedica mais a prática esportiva de rendimento. Nesta fase o atleta é “fisgado” pelo esporte, ou seja, define a prática esportiva que mais gosta para dedicar-se mais intensamente aos treinamentos e jogos. Após os 16 anos, considerado por Côté (1999) como anos de investimento, há um aumento significativo do comprometimento do atleta ao esporte. É nesta fase que os atletas possuem uma maturidade física e psicológica para aumentar significativamente o volume e intensidade do treinamento (CÔTE; LIDOR; HACKFORT, 2009). O atleta já se compromete a traçar, em sua carreira, um possível acesso ao profissionalismo. Neste período há aproximação ao treinamento adulto, e os atletas deverão estar com a base de treinamento sólida, já constituída nas fases anteriores. Os resultados em competições internacionais, nacionais e estaduais parecem ser o grande objetivo das comissões técnicas (OLIVEIRA *et al.*, 2010), e a intensidade de treinamento é semelhante a oferecida em uma competição (GOMES, 2002).

Indivíduos considerados *experts* frequentemente começam a treinar desde cedo, e superam os seus pares menos qualificados na dedicação à prática (DURAND-BUSH; SALMELA, 2002; JOHNSON *et al.*, 2008; STARKES, 2003). Entretanto como mostrou os dados deste estudo, os atletas da categoria sub-19 anos treinaram um número de horas semelhantes aos atletas profissionais durante a categoria de base. Ou seja, a quantidade de treinamento geral e específico não é um fator que possa impedir os atletas mineiros se tornarem jogadores profissionais de basquetebol.

### **7.5.2 Jogo Deliberado versus Treinamento em Equipes**

Os atletas profissionais se dedicaram ao treinamento esportivo com mais veemência, em comparação a praticar esporte por diversão fora do ambiente de treinamento depois dos

16 anos. Para os atletas da categoria sub-19 anos, isso acontece depois dos 14 anos (Tabela 31 e 32).

**TABELA 31**  
Comparação em horas destinadas ao jogo deliberado e ao treinamento esportivo, em cada faixa etária, entre atletas profissionais

faixa etária	Jogo deliberado			Treino esportivo			Z	p
	Média	Mediana	Desvio Padrão	Média	Mediana	Desvio Padrão		
6-13 anos	162,914	104	254,381	350,624	0	676,631	-0,329	0,742
14-15 anos	159,319	104	239,154	406,106	26	858,479	-0,606	0,544
16-19 anos	95,978	13	164,528	2106,595	488	2874,58	-3,546	*<0,001

\* $p < 0,05$

Todavia, entre os 6 e 13 anos, ambos os grupos não gastaram mais tempo jogando vários tipos de esportes por diversão em relação ao treinamento esportivo (Tabela 31 e 32).

**TABELA 32**  
Comparação em horas destinadas ao jogo deliberado e ao treinamento esportivo, em cada faixa etária, entre atletas da categoria sub-19 anos de MG

faixa etária	Jogo deliberado			Treino esportivo			Z	p
	Média	Mediana	Desvio Padrão	Média	Mediana	Desvio Padrão		
6-13 anos	348,787	0	806,684	302,21	0	687,387	-0,161	0,872
14-15 anos	250,817	104	336,819	481,404	208	395,144	-2,374	*0,018
16-19 anos	95,979	13	164,528	2106,596	488	2874,581	-8,017	*<0,001

\* $p < 0,05$

Os resultados das Tabelas 31 e 32 contradizem a literatura, pois até os treze anos de idade o atleta deveria passar mais tempo em atividades referentes ao jogo deliberado, contrapondo o treinamento em equipes (CÔTÉ; LIDOR; HACKFORT, 2009; RYAN; DECI, 2001). Estas atividades são caracterizadas pela ludicidade e pela busca do prazer, sem uma estrutura formal de treinamento. Promovem às crianças a oportunidade de tomar decisões e desenvolver competências. Contudo, quatro dos cinco treinadores da categoria sub-19 anos

de MG disseram que, em seus clubes, o atleta podia brincar de basquetebol ou de outro esporte fora do horário de treinos. Ou seja, mesmo com a disponibilidade de espaço nos clubes, os atletas não privilegiaram, desde os anos de aprendizagem, o jogo deliberado. Um dos treinadores ressalta a falta de incentivo para que os atletas brinquem de basquetebol fora do ambiente de treinamento.

Aqui no clube nós temos condições do atleta praticar o esporte fora dos horários de treinamento. Os treinos começam às 18 horas, e os nossos atletas são sócios-atletas. Ou seja, eles chegam antes para jogar, brincar de basquetebol. Eles podem frequentar o clube a qualquer momento, jogam com outros sócios do clube, com os veteranos também. Batem bola, brincam de dupla... Porém, muitos deles só chegam para o horário de treinamento. **(T1) Jogo deliberado.**

Não tem espaços públicos, e na escola não é incentivado os meninos brincarem de basquetebol. O esporte é restrito ao treinamento. **(T3) Jogo deliberado.**

Jogar vários tipos de esportes desde a tenra infância, de acordo a posição oficial da Sociedade Internacional de Psicologia do Esporte, escrito por Côté, Lidor e Hackfort (2009), possibilita algumas vantagens ao desenvolvimento esportivo da criança:

- O jogo deliberado não atrapalha o pico de desempenho do atleta, já que o mesmo só terá condições maturacionais para suportar grandes cargas de treinamento por volta dos 16 anos.
- Possibilita que o atleta tenha uma longa carreira esportiva. A especialização precoce aumenta o risco de lesões e do abandono do esporte.
- Contexto positivo na infância gerado pela prática de vários esportes. Ou seja, a criança tem a oportunidade de se socializar em vários contextos.
- O jogo deliberado promove prazer, e este fator favorece uma maior motivação intrínseca para prática esportiva. Comportamentos intrinsecamente motivados pelo jogo deliberado têm futuros efeitos positivos na motivação dos indivíduos, aumentando sua disposição para suportar práticas mais estruturadas nas seguintes fases de desenvolvimento.

- Pela diversidade de prática promovida pelo jogo deliberado, a criança estabelece um repertório motor diverso, o que é importante para o treinamento especializado posteriormente.
- Jogar vários esportes proporciona a criança maior diversidade de escolha da prática que poderá treinar depois dos 13 anos de idade.

De acordo com Ford *et al.* (2009), atletas de 16 anos com alto desempenho do futebol inglês gastaram mais tempo com jogo deliberado do que seus pares menos qualificados. Morales, Greco e Memmert (2010) identificaram que atletas iniciantes no basquetebol que desfrutaram do esporte de forma lúdica possuem alta pontuação em teste de conhecimento tático.

## 7.6 Organização dos Treinamentos

Todos os treinadores da categoria sub-19 anos de Minas Gerais deram grande importância ao planejamento e organização dos treinamentos para o sucesso do desenvolvimento dos seus atletas. Porém, estes profissionais enfrentam alguns desafios para estipular metas e planejar a temporada das equipes, principalmente no que se diz respeito: ao tempo destinado ao basquetebol pela falta de dedicação exclusiva ao cargo de treinador, a inexistência de assistente técnico e preparador físico que acompanhe os treinos, e ao calendário de competições deficitário.

O calendário esportivo não é bem definido, e com isso muitos jogadores abandonam o esporte. Até o mês de agosto não se sabia se teríamos o campeonato sub-19 anos. Ano passado não teve (2010)... Não dá para se fazer uma periodização do treinamento. Em Minas Gerais, você tem que manter o seu time 70 por cento do desempenho, para que quando sair a data das competições, nós aumentarmos a intensidade para que o atleta atinja não um ótimo, mas um desempenho regular. Esta situação, sem dúvida, prejudicou para que a minha equipe atinja o ponto máximo de desempenho. E pior, como a federação marcou o campeonato estadual para o final do ano (2011), muitos atletas estarão fazendo vestibular, ENEM, ou estudando para as provas finais do colégio. **(T1) Planejamento da temporada.**

Você deve ser profissional independente do salário que recebe. Mas ganhar mais facilita na obtenção de conhecimento... Viver só de ser treinador de basquetebol hoje é pouco uma ilusão, é muito difícil acontecer, a não ser se você for treinador em dois ou três lugares, para se conseguir várias fontes de renda... Tal situação dificulta até mesmo para o treinador passar mais tempo no clube, para planejamento dos treinos, estudo dos adversários. O ideal é que se tivesse um tempo remunerado para estas coisas... Muitas vezes o treinamento fica por conta apenas do treinador. Um assistente técnico e um preparador físico que acompanhasse os treinamentos diariamente nos ajudaria a traçar melhores estratégias para o desenvolvimento dos atletas. **(T3) Planejamento da Temporada.**

A fala dos treinadores da pesquisa mostra que o planejamento das equipes é bastante prejudicado pela carência de um calendário esportivo eficiente em Minas Gerais. Ou seja, joga-se pouco, além disso, as competições de basquetebol no estado para a categoria sub-19 anos não são agendadas com antecedência, e algumas vezes, nem mesmo há campeonatos de alto nível para se disputar. Em 2010, não houve o campeonato masculino estadual da categoria sub-19 anos (FMB, 2011).

O cenário do basquetebol mineiro se destaca negativamente, ao se comparar com outros contextos esportivos. Por exemplo, treinadores de basquetebol da Espanha conseguem traçar o planejamento anual das equipes com certa tranquilidade, já que o calendário esportivo deste país é bem elaborado. As competições mais importantes do ano são focadas na preparação das equipes (URDIALES *et al.*, 2010). Ferreira (2010) verificou que os atletas brasileiros medalhistas olímpicos preferiam treinar nos Estados Unidos, pois o contexto esportivo deste país era fortemente determinado por um calendário de competições bem estruturado, com a presença de boa parte dos melhores atletas do mundo. Atletas de tênis planejam a temporada esportiva por saber, com antecedência, quais competições irão disputar durante o ano (MOURE, 1996).

A impossibilidade de se dedicar exclusivamente ao esporte, como já se discutiu neste trabalho no item características dos treinadores (pag. 52), é um dos fatores também citados pelos treinadores entrevistados que atrapalha o planejamento dos treinos e jogos das equipes. De acordo com Saiz *et al.*(2007), treinadores de basquetebol, quando se dedicam exclusivamente ao esporte, conseguem: avaliar e preparar melhor as sessões de treinamento, estudar corretamente os adversários, ter bons resultados em competições.

Além disso, a falta de um assistente técnico e de um preparador físico que acompanhe os treinamentos diariamente também é apontado como um fator que atrapalha o planejamento anual das equipes. Estes profissionais poderiam auxiliar o treinador, por exemplo, no estudo das equipes adversárias, na montagem de *scouts*, na edição de vídeos para preleções, e na aplicação de medidas de monitoramento do treinamento.

O contexto em que os treinadores da categoria sub-19 anos trabalham com suas equipes prejudica o planejamento do treinamento esportivo. Pesquisadores destacam que a correta organização do treinamento é fundamental para que uma equipe alcance níveis ótimos de rendimento (BOMPA, 2002; DANTAS, 2003; GOMES, 2002; WEINECK, 1999). Oliveira, Sequeiros e Dantas (2003) enfatizam que durante uma temporada o atleta necessita atingir vários picos de desempenho, e isso só é possível com a correta periodização do treinamento a partir de um calendário definido com certa antecedência.

## 8 CONCLUSÃO

Visto a análise e discussão dos resultados, pode-se concluir que os atletas da categoria sub-19 anos de Minas Geras não estão inseridos em um contexto favorável para a formação de jogadores profissionais. A opinião unânime dos treinadores corrobora com os achados do trabalho.

Eu acho que tem muita gente trabalhando bem... Eu vejo muitos atletas de Minas Gerais com até mais fundamento do jogo que muitos atletas de São Paulo... Mas chega num ponto que os atletas mineiros esbarram no nível de competitividade, nos recursos. Por isso não temos uma estrutura adequada para formarmos atletas profissionais em Minas Gerais. **(T5) Ineficácia na formação dos atletas em Minas Gerais.**

Os atletas da categoria sub-19 anos de Minas Geras iniciaram no esporte tardiamente em comparação aos atletas profissionais. De acordo com os treinadores mineiros, no estado, os atletas iniciam os treinamentos de basquetebol com pouquíssima vivência motora, situação que atrapalha o desenvolvimento esportivo destes indivíduos. Nos clubes também a posição de jogo do atleta é definida na iniciação, por conta de uma pressão exagerada por vitórias exercida pelos diretores e pais dos atletas. Os atletas mineiros são submetidos a um processo de especialização precoce.

Todos os treinadores da categoria sub-19 anos de Minas Geras relataram que o fato de ter sido um ex-atleta de basquetebol teve influência na escolha da carreira profissional. Apesar do interesse de participar de cursos de formação, estes profissionais destacam que a remuneração da profissão é diminuta, e por conta disso a maior parte destes indivíduos não se dedica exclusivamente ao cargo e exerce outras funções laborais como completo de renda. Além disso, estes profissionais consideram que as universidades brasileiras são ineficientes ao formar treinadores de basquetebol. A instrução acadêmica dada aos professores de Educação Física não é específica para o cargo em questão.

De acordo com a opinião dos treinadores mineiros, as instituições educacionais no estado exercem pouca influência na formação esportiva dos atletas, já que as aulas de educação física são deficitárias e o desenvolvimento de atletas nas escolas e universidades

não é prioridade. As instituições governamentais não cumprem o papel de democratizar e popularizar o esporte. A falta de espaços públicos para a prática do basquetebol e a ausência de políticas públicas de desenvolvimento de atletas em Minas Geras são problemas graves que precisam ser enfrentados pelas autoridades públicas.

Os atletas profissionais possuíram mais recursos humanos até os 16 anos de idade (preparador físico, fisioterapeuta), mais recursos financeiros (salário e auxílio financeiro) depois dos 16 anos. Entre os 14 e 15 anos, os atletas profissionais tiveram mais acesso ao transporte para os treinos cedidos pelas instituições esportivas. Além disso, os atletas profissionais tiveram mais acesso a presença de auxiliares técnicos durante sua carreira na categoria de base, na comparação com os atletas mineiros. Isso significa que os atletas profissionais treinaram em instituições mais estruturadas desde os anos de experimentação, e com isso tiveram a possibilidade de se preparar melhor tanto nos aspectos físico, técnico, tático e nutricional até chegarem aos 19 anos. A maior parte dos atletas de Minas Gerais do estudo pratica o esporte em instituições que não possuem times profissionais. Com isso, muitos deles precisam sair do estado para continuar a carreira, ou abandonam o basquetebol para estudar ou trabalhar.

Para ambos os grupos, o profissional da área de psicologia do esporte não foi um recurso humano disponibilizado pelas instituições esportivas durante a categoria de base; e, além disso, os pais dos atletas apresentaram um envolvimento parcial na vida esportiva dos filhos, já que a maior parte deles dava apoio financeiro até os 15 anos de idade, mas não estavam presentes aos jogos e treinamentos.

Os atletas da categoria sub-19 anos de Minas Gerais tiveram um tempo de treinamento semelhante aos atletas profissionais, na categoria de base. Todavia, a quantidade de jogos entre os 16 e 19 anos foi significativamente menor. Ou seja, no estado, os atletas adquirem pouca experiência competitiva nesta fase. Comparando-se com São Paulo, principal estado formador de atletas profissionais de basquetebol, existem poucas equipes em Minas Gerais na categoria sub-19 anos, principalmente nas cidades do interior.

Contrariando a literatura, tanto os atletas profissionais quanto os da categoria sub-19 anos de MG passaram, até os treze anos de idade, mais tempo praticando esporte como

treinamento em detrimento a prática esportiva por diversão. O jogo deliberado proporciona benefícios à criança como: uma relação afetiva com o esporte, destreza motora, socialização e uma grande longevidade na prática esportiva.

Quanto à organização do treinamento, os treinadores da categoria sub-19 anos de MG observaram que a falta de um calendário eficiente de competições prejudica demasiadamente o planejamento dos treinamentos. Aliás, os treinadores reclamam também que no dia-dia não há a presença nos treinamentos de auxiliar técnico e de preparador físico. Estes profissionais poderiam auxiliar o treinador, por exemplo, no estudo das equipes adversárias e na aplicação de medidas de monitoramento do treinamento.

## **9 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Este estudo só foi possível com os apoios: institucional da Confederação Brasileira de Basketball (Anexo 10, pag. 160), que de posse de uma carta o pesquisador teve livre acesso aos clubes profissionais de basquetebol; do Colegiado de Pós-graduação do Curso de Ciências do Esporte da UFMG.

Para novas pesquisas, indica-se estudar o contexto esportivo de atletas de basquetebol do Estado de São Paulo, principal celeiro de atletas do Brasil, bem como de outras regiões do país. Seria interessante também expandir este tema para outros esportes, considerando ambos os gêneros, já que a realização de novos estudos contribuirá para o melhor entendimento do contexto esportivo brasileiro rumo à excelência.

## REFERÊNCIAS

- ABERNETHY, B.; CÔTÉ, J. Nurturing the development of a comprehensive model of expertise. *International Journal of Sport Psychology*, v.38, p.68-72, 2007.
- ALVES, J.A.; PIERANTI, O.P. O Estado e a formulação de uma política nacional de esporte no Brasil. *RAE-eletrônica*, v. 6, n. 1, 2007.
- ARAÚJO, J. Atitude Profissional do Treinador. *Revista Treino Desportivo*, supl., p.3-10, nov. 1997.
- ARENA, S.S.; BOHME, M.T. Programas de Iniciação e Especialização Esportiva na Grande São Paulo. *Revista Paulista de Educação Física*, v.14, n.2, p.184-195, 2000.
- BALBINO, H.F. Processo de Formação Esportiva: Pontos de Vista de uma Campeã a partir de sua Experiência Pessoal- Entrevista com Magic Paula. *Conexões, Revista da Faculdade de Educação Física da Unicamp*, Campinas, v. 4, n. 1, 2006.
- BARRETO, J.A. *Psicologia do esporte para o atleta de alto rendimento: teorias e técnicas*. Rio de Janeiro: Shape, 2003.
- BASTOS, F.C.; BARHUM, R.A.; ALVES, M.V.; BASTOS, E.T.; MATTAR, M.F.; REZENDE, M.F.; MARDEGAN, M.; BELLAGERO, D. Perfil do administrador esportivo de clubes sócio-culturais e esportivos de São Paulo/Brasil. *Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte*, v.5, n.1, 2006.
- BENELLI, L.; RODRIGUES, E.F; MONTAGNER, P.C. O Modelo de Brohm e a Organização do basquetebol Masculino Brasileiro. *Conexões, Revista da Faculdade de Educação Física da Unicamp*, Campinas, v. 4, n. 1, 2006.
- BLOOM, B. S. *Developing talent in young people*. New York: Ballentine, 1985.
- BRASIL. *Constituição da República Federativa do Brasil*. 1998.
- BRASIL, *Lei Nº 9.394, Diretrizes e Bases da Educação Nacional*, 20 de Dezembro de 1996.
- BRASIL, *Lei Nº 9.615, Normas Gerais sobre o Desporto*. Casa Civil, 24 de Março de 1998.
- BRASIL, *Lei Nº 11.472. Lei de Incentivo ao Esporte*. Casa Civil, 2 de maio de 2007.
- BRASIL. *Parâmetros Curriculares Nacionais: Educação física*. Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília :MEC/SEF, 1997. 96p.
- BOMPA, T.O. *Periodização: teoria e metodologia do treinamento*. Editora Phorte, 2002.

BURTON, D.; RAEDEKE, T. *Sport psychology for coaches*. Champaign: Human Kinetics, 2008.

CAMPBELL, S. Coaching education around the world. *Sport Science Review*, Champaign, v.2, n.2, p.62-74, 1993.

CAGNATO, E.V.; VIEIRA, P.M. Iniciação Esportiva na Escola como Ponte para a Formação Social do Aluno. In: IX CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO – EDUCEFRE. III ENCONTRO SUL BRASILEIRO DE PSICOPEDAGOGIA, 2009, Curitiba. *Anais do IX Congresso Nacional de Educação – EDUCEFRE. III Encontro Sul Brasileiro de Psicopedagogia*. Curitiba, 2009. p. 3137-3150.

CECIC ERPIC, S.; WYLLEMAN, P.; ZUPANCIC, M. The effect of athletic and non-athletic factors on the sports career termination process. *Psychology of Sport and Exercise*, v. 5, n.1, 45-59, 2004.

CONFERÊNCIA BRASILEIRA de BASKETBALL (CBB). Disponível em <<http://www.cbb.com.br>>. Acesso em: 05 Ago. de 2010.

COSTA, C.P. *Estudo sobre os Modelos de Desenvolvimento das Federações Esportivas no Estado do Pará, Brasil*. 2010. 463f. Dissertação (Doutorado em Ciência do Desporto) - Faculdade do Desporto, Universidade do Porto, Portugal, 2010.

COSTA, V. T.; FERREIRA, R. M.; PENNA, E. M.; COSTA, I. T.; SAMULSKI, D. M. Fases de Transição da Carreira Esportiva: Perspectiva de ex-atletas profissionais do futebol Brasileiro. *Conexões: revista da Faculdade de Educação Física da Unicamp*, v. 8, n. 3, p.84-103, 2010.

CÔTÉ, J. The development of coaching knowledge. *International Journal of Sports Science and Coaching*, v.1, n.3, p.217-222, 2006.

CÔTÉ, J. The influence of the family in the development of talent in sport. *The Sport Psychologist*, v. 13, p. 395-417, 1999.

CÔTÉ, J.; BAKER, J.; ABERNETHY, B. From Play to Practice: a developmental framework for the acquisition of expertise in team sports. In: ERICSSON, K.A.; STARKES, J.S.; ERICSSON, K.A. *Expert Performance in Sports: advances in research on sport expertise*. Human Kinetics. USA, 2003.

CÔTÉ, J.; LIDOR, R.; HACKFORT, D.; ISSP Position Stand: To Sample or to Specialize: Seven Postulates about Youth Sports Activities that Lead to Continued Participation and Elite Performance. *Journal of Sport & Exercise Psychology*, v. 9, p.07-17, 2009.

CÔTÉ, J.; SALMELA, J. The Organization Tasks of High-performance Gymnastics Coaches. *The Sport Psychologist*, v.10, p. 247-260, 1996.

CÔTÉ, J.; SALMELA, J. H.; BARIA, A.; RUSSELL, S. J. Organizing and interpreting unstructured qualitative data. *The Sport Psychologist*, v. 7, p. 127-137, 1993.

CÔTÉ, J.; TUDEL, P.; BARIA, A.; RUSSEL,S.; The coaching model: a grounded assessment of expert gymnastic coaches' knowledge. *Journal of Sport & Exercise Psychology*, 1995.

CUNHA, G.B.; MESQUITA, I.M.; ROSADO, A.F.; SOUZA, T.; PEREIRA, P. Necessidades de formação para o exercício profissional na perspectiva do treinador de Futebol em função da sua experiência e nível de formação. *Motriz*, Rio Claro, v.16 n.4 p.931-941, out./dez. 2010.

DAIUTO, M. *Basquetebol: metodologia de ensino*. 5 ed. São Paulo: Editora Brasipal, 1983.

DANTAS. E. H. *Periodização do Treinamento: a prática da preparação física*. 2003.

DAVIES, M.J.; BLOOM, G.A.; SALMELA, J.H. Job Satisfaction of Accomplished Male University Basketball Coaches: The Canadian Context. *International Journal of Sports Psychology*. n.36, p.173-192, 2005.

DEAKING, M.J.; COBLEY,S.; A search or deliberate practice and examination of the practice environments in figure skating and volleyball. In: ERICSSON, K.A.; STARKES, J; *Expert performance in sports: advances in research of sports expertise*. Human Kinetics. 2003.

DONNELLY, P. Problems associated with youth involvement in high-performance in sports. In: CAHIL, B.R; PERAL, A.J. (Eds) *Intensive participation in children´s sports*. Champaign, IL: Human Kinetics, p.95-126, 1993.

De BOSSCHER, V.; De KNOP, P.; VAN BOTTENBURG, M.; SHIBLI, S.; BINGHAM, J. Explaining international sporting success: an international comparison of elite sport systems and policies in six countries. *Sport Management Review*, n.12, p.113-136, 2009.

De Groot, A.D. *Thought and Choice and Chess*. The Hague, Netherlands: Mouton, 1946.

De ROSE JUNIOR, D. A competição na infância e adolescência. *Revista Metropolitana de Ciências do Movimento Humano*, v.2, n. 2, p.6-13, 1995.

DURAND-BUSH, N.; SALMELA, J.H. The development and maintenance of expert athletic performance: perceptions of world and Olympic champions. *Journal of Applied Sport Psychology*, v. 14, p.154-171, 2002.

EGERLAND, E.M.; NASCIMENTO,J.V.; BOTH, J. As competências profissionais de treinadores esportivos catarinenses. *Motriz*, Rio Claro, v.15 n.4 p.890-899, out./dez. 2009.

ERICSSON, K. A. Memory skill, *Canadian Journal of Psychology*, v.39, p.188–231,1995.

ERICSSON, K. A. Deliberate Practice and Acquisition of Expert Performance: a general overview. *Academy Emergency Medicine*, v.15, p. 988-994, 2008.

ERICSSON, K. A.; CHASE, W. G.; FALOON, S. Acquisition of a memory skill, *Science*, v.208, p.1181–1182, 1980.

ERICSSON.K.A.; CHARNESSE N. *Expert Performance: its structure and acquisition*. American Psychological Association, Inc.v. 49, n. 8, p.725-747, 1994.

ERICSSON, K.A.; CÔTÉ, J.; FRASER-THOMAS, J. Sport Experiences, Milestones, and Educational Activities Associated With High-Performance Coaches' Development. *The Sport Psychologist*, v. 21, 302-316, 2007.

ERICSSON.K.A.; KRAMPE, R.T., TESCH-ROMER. The role of deliberate practice in the acquisition of expert performance. *Psychological Review*, v. 100, n. 3, p. 363-406, 1993.

ERICSSON,K. A.; LEHMANN, A.C. Expert and Exceptional Performance: Evidence of Maximal Adaptation to Task Constraints. *Annual Reviews Psychology*, v. 47, p. 273–305, 1996.

ERICSSON.K.A.; WARD.P; Capturing the Naturally Occurring Superior Performance of Experts in the Laboratory: Toward a Science of Expert and Exceptional Performance. *Current Directions in Psychological Science*. 2007.

ERICSSON, K. A.; WHYTE, J.; WARD, P. Expert performance in nursing: reviewing research on expertise in nursing within the framework of the expert performance approach. *Advances in Nursing Science*, v. 30, p. 58-71, 2007.

FERREIRA, M. C. *Modelo brasileiro de treinamento expert de saltos ornamentais*. 2012, 88f. Dissertação (Mestrado em Ciências do Esporte) Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2012.

FERREIRA, M. C.; REIS, C.P.; MORAES, L.C. Esporte Infantil no Contexto Escolar: uma reflexão sobre a iniciação na escola. In: COUTO, A.C.; LEMOS, K.L. (Org.). *XIV Temas Atuais: Educação Física e Esportes*. Belo Horizonte: Instituto Casa da Educação Física, 2011. p. 115-125.

FERREIRA, M.G. O Esporte de Alto Rendimento como Política pública do Estado Burguês: a acumulação, a legitimação e a exclusão social capitalista nem sempre dissimuladas. *Pensar a Prática*, v.2, p.25-43, junho, 1999.

FERREIRA, R. M. *O Contexto do desenvolvimento de nadadores medalhistas olímpicos brasileiros*. 2010, 120f. Dissertação (Mestrado em Ciências do Esporte) - Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2010.

FERREIRA, R. M.; MORAES, L.C. O Contexto do Desenvolvimento de Nadadores Medalhistas Olímpicos Brasileiros. *Motriz, Rio Claro*, v.16, n.3, p.810-810, jul./set. 2010.

FEDERAÇÃO INTERNACIONAL de BASKETBALL (FIBA), Disponível em <[www.fiba.com](http://www.fiba.com)>. Acesso em 5 Ago 2010.

FEDERAÇÃO INTERNACIONAL DE BASKETBALL, (FIBA). Disponível em <www.fiba.com>. Acesso em: 30 jul. 2011.

FEDERAÇÃO MINEIRA DE BASKETBALL. Disponível em <www.basketmg.com.br>. Acesso em 12 fev. 2012.

FEDERAÇÃO PAULISTA DE BASKETBALL. Disponível em <www.fpb.com.br>. Acesso em 12 fev. 2012.

FORD, P. R.; WARD, P.; HODGES, N.J; WILLIAMS, M.A. The role of deliberate practice and play in career progression in sport: the early engagement hypothesis. *High Ability Studies*, v. 20, n. 1, p. 65-75, 2009.

GAYA, A.; MARQUES, A.; TANI, G. Desporto para crianças e jovens: razões e finalidades. In: GRAÇA, A. *O desporto na escola: enquadramento da prática*. UFRGS Editora, 2004.

GILBERT, W. D.; CÔTE, J.; MALLETT, C. Developmental paths and activities of successful sport coaches. *International Journal of Sports Sciences & Coaching*, Brentwood, v. 1, n. 1, p. 69-76, 2006.

GILBERT, W.; TRUDEL, P. *Framing the construction of coaching knowledge in experimental learning theory*. University of Ottawa. Canadá, 1999.

GIMENEZ, R.; UGRINOWITSCH, H. Iniciação Esportiva para Crianças de Segunda Infância. *Conscientiae Saúde*, v.1, Ano 1, p. 53-60, 2002.

GOMES, A.C. *Treinamento Desportivo: estruturação e periodização*. Porto Alegre: Artmed, 2002.

GONÇALVES, C.A.; MELO, V.A. Lazer e urbanização no Brasil: notas de uma história recente (décadas de 1950/1970). *Movimento*, v. 15, n. 03, p. 249-271, 2009.

GRECO, P.J.; BENDA, R.N. *Iniciação esportiva universal 1: da aprendizagem motora ao treinamento técnico*. Belo Horizonte: UFMG, 1998.

HELLSTEDT, J. C. Early adolescent perceptions of parental pressure in the sport environment. *Journal of Sport Behavior*, v.13, n.3, p.135-144, 1990.

HELSEN, W.F.; HODGES,N.J.; VAN WINCKEL, J.; STARKES, J.L. The roles of talent, physical precocity and practice in the development of soccer expertise. *Journal of Sports Sciences*, v.18, p. 727- 736, 2000.

HELSEN, W. F.; STARKES, J. L.; HODGES, N. J. Team sports and the theory of deliberate practice. *Journal of Sport and Exercise Psychology*, v. 20, p.12 – 34, 1998.

HIRAI, M. *O Esporte e sua inserção no sistema de espaços livres paulistano*. 2009. 110f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

HOWE, M.; DAVIDSON, J.W.; SLOBODA, J.A.; Innate talents: Reality or myth? *Behavioral and Brain Sciences*. Cambridge University Press.1998.

HUNGER, D.; NASCIMENTO, J. V.; BARROS, M. V.; HALLAL, P. C. Educação Física. In: HADDAD, A. E. *et al.* (Ed.) *A trajetória dos cursos de graduação na área da saúde: 1991-2004*. Brasília: INEP, 2006. p. 87-139.

KASZNAR, I.; GRAÇA FILHO, A.S. *O Esporte como Indústria: solução para criação de riqueza e emprego*. Confederação Brasileira de Voleibol, p.113-135, 2002.

JONES, R.L.; ARMOUR, K.M.; POTRAC.V. Constructing expert Knowledge: a case study of a top level professional soccer coach. *Sport Educational and Society*. v.8, n.2, p.213-229, 2003.

JOHNSON, M.B.; CASTILLO,Y.; SACKS, D.N.; CAVAZOS JR.,J.; EDMONDS, W. A.; TENENBAUM, G. Hard work beats talent until talent decides to work hard: coaches' perspectives regarding differentiating elite and non-elite swimmers. *International Journal of Sports Science & Coaching*, v. 3, n. 3, p. 417-430, 2008.

LEHMANN, A. C. Acquisition of expertise in music: Efficiency of deliberate practice as a moderating variable in accounting for sub-expert performance. In: *Perception and cognition of music*, ed. J. A. Sloboda & I. Deliege.Erlbaum. 1997.

LEHMANN, A. C.; ERICSSON K. A. The historical development of domains of expertise: Performance standards and innovations in music. In: STEPTOE, A. (Ed.). *Genius and the mind*. Oxford, UK: Oxford University Press, 1998. p. 67-94.

LEMOS, I. N. *O treinador, conhecimento, concepção e prática: estudo de caso em cinco treinadores de formação em basquetebol*. 2005. 219 f. Dissertação (Mestrado em Ciências do Desporto) – Faculdade de Desporto, Universidade do Porto, Porto, 2005.

LORENZO, A.; BORRÁS, P. J.; SÁNCHEZ, J. M.; JIMÉNEZ, S.; SAMPEDRO, J. Career transition from junior to senior in basketball players. *Revista Psicología del Deporte*,v. 18, p. 309-312, 2009.

MACDONALD, D.J.; CÔTÉ, J.; DEAKIN, J. The Impact of Informal Coach Training on the Personal Development of Youth Sport Athletes. *International Journal of Sports Science & Coaching*. v. 5, n. 3, 2010.

MACIEL, L. H.; MORAES, L. C. Investigação da expertise de treinadores de ginástica aeróbica brasileiros usando análise de protocolo. *Revista Iberoamericana de Psicología del Ejercicio y El Deporte*, v. 3, p. 241-258, 2008.

MACMAHON, C.; HELSEN, W.; STARKES, J.; WESTON, M.; Decision-making skills and deliberate practice in elite association football referees. *Journal of Sports Sciences*, 2007.

MAIA, P. *Excelência no Desporto: uma análise centrada no basquetebol*. 2010. 152f. Dissertação (Doutorado em Ciência do Desporto) - Faculdade de Desporto, Universidade do Porto, Porto, 2010.

MARQUES, A.T. As profissões do corpo: o treinador. *Treinamento Desportivo*, v.5, n.1, p.4-8, jun. 2000.

MARQUES, M.G. *Estudo descritivo sobre como adolescentes, atletas de futebol e tênis de porto alegre, percebem a psicologia do esporte*. 2000. 150f. Dissertação (Mestrado em Ciências do Movimento Humano) - Escola de Educação Física, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2000.

MARQUES, M. P.; SAMULSKI, D. M. Análise da carreira esportiva de jovens atletas de futebol na transição da fase amadora para a fase profissional: escolaridade, iniciação, contexto sócio-familiar e planejamento da carreira. *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte*, n.23, v.2, p.103-119, 2009.

MARTINDALE, R.J.; COLLINS, D.; ABRAHAM, A. Effective Talent Development: The Elite Coach Perspective in UK Sport. *Journal of Applied Sport Psychology*, v. 19, p. 187–206, 2007.

MASSA, M.; UEZU, R.; BÖHME M.T.; SILVA, L.R.; KNIJNIK, J.D. Desempenho esportivo no judô olímpico brasileiro: o talento é precoce? *Revista Brasileira de Ciência e Movimento*. v.18, n.1, p.5-10, 2010.

MCMILLIN, C.J.; REFFNER, C. *Directory of College and University Coaching Education Programs*, Fitness Information Technology, Morgantown, 1999.

MILES, M.B.; HUBERMAN, A.M. *Qualitative Data Analysis*. 2 ed. Thousand Oaks, California. 1994.

MILISTETD, M.; MESQUITA, I.; NASCIMENTO, J.V.; SOBRINHO, A.E. Concepções de treinadores "experts" brasileiros sobre o processo de formação desportiva do jogador de voleibol. *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte*. v. 24 n.1 São Paulo, mar. 2010.

MORAES, L. C. *Influences on the development of beliefs of Canadian expert judo coaches and their impact on action*. 1999. 227f. Thesis (Doctorate) – Department of philosophy in Education. University of Ottawa. Canadá. 1999.

MORAES, L. C.; DURAND-BUSH, N; SALMELA, J. Modelo de Desenvolvimento de Talentos. In: SAMULSKI, D. *Novos conceitos em treinamento esportivo*. CENESPE/ UFMG, Publicações INDESP, Ministério do Esporte e turismo. 1999. p. 171-190.

MORAES, L.; MEDEIROS FILHO, E. Peneiras: estudo do processo de seleção de jovens futebolistas. In: GARCIA, E. S.; LEMOS, K.M. *Temas atuais XI em educação física e esportes*:

*Coletânea de trabalhos dos professores do Departamento de Esportes e Afins Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional/UFMG.* Belo Horizonte: Casa da Educação Física, 2006.

MORAES, L.C.; MEDEIROS FILHO, E. Expertise no Esporte: Desenvolvimento da Excelência. In: SAMULSKI, D.M. *Psicologia do esporte: conceitos e novas perspectivas.* 2 ed. Barueri: Manole, 2009.

MORAES, L. C.; RABELO, A. S.; SALMELA, J. H. Papel dos pais no desenvolvimento de jovens futebolistas. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, v. 17, n. 2, p. 211-222, 2004.

MORAES, L. C.; SALMELA, J. H. *Expertise* no esporte: considerações contextuais In: GARCIA, Emerson Silami; LEMOS, Kátia Lúcia Moreira (Org.). *Temas Atuais VII Educação Física e Esportes.* Belo Horizonte: Health, v. 7, p. 159-172, 2003.

MORAES, L.C.; SALMELA, J.H.; RABELO, A.S.; LIMA, M.S.; LOBO, I.L. O Desenvolvimento de Jovens Atletas de Voleibol. In: VIII Congresso Brasileiro de Psicologia do Esporte. *Anais.* Belo Horizonte, 2001.

MORAES, L. C.; SALMELA, J. H.; RABELO, A. S.; VIANNA JÚNIOR, N. S. Le rôle des parents dans le développement des jeunes joueurs de football et de tennis brésiliens. *Revue International des Sciences du Sport et de l'Éducation Physique-Steps*, v. 25, n. 64, p. 109-126, 2004.

MORAES, L.C.; SOUSA, C. D. As diferentes influências da tríade atletas-treinadores-pais na trajetória de desenvolvimento de judocas brasileiros de nível internacional. In: Emerson Silami Garcia; Kátia Lúcia Moreira Lemos. (Org). *Temas Atuais em Educação Física e Esporte.* 1 ed. BH: Editora Gráfica Silveira Ltda., 2004.

MORALES, J.C.; GRECO, P.J.; MEMMERT, D. The effect of deliberate play on tactical performance in basketball. *Perceptual e Motor Skills*, 2010.

MORALES, J.C. *Processo de ensino-aprendizagem-treinamento no basquetebol: influência do processo tático processual.* 2007, 208f. Dissertação (Mestrado em Ciências do Esporte) - Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2007.

MOREIRA, M.; de SOUZA. M.; OLIVEIRA. P. R. A Velocidade de Deslocamento do Basquetebol. *Revista Brasileira de Ciência no Esporte*, Campinas, v. 24, n. 2, p. 201-215, 2003.

MORENO, J.C. *A prática do basquetebol feminino no estado de São Paulo: conhecendo e analisando seu contexto.* 2006. 198f. Tese (Doutorado em Educação Física) - Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2006.

MORENO, P. M.; DEL VILLAR, F. *El entrenador deportivo: manual práctico para su desarrollo y formación.* Barcelona: Inde, 2004.

MOURE, T. Planificación Del Entrenamiento: La competición de alto nivel. *Apunts, Educación Física e Deportes*, n. 44, p. 87-93, 1996.

NATIONAL BASKETBALL ASSOCIATION (NBA). Disponível em <www.nba.com>. Acesso em fev. 2012.

NATIONAL COLLEGIATE ATHLETIC ASSOCIATION (NCAA). Disponível em <www.ncaa.com>. Acesso em 20 fev. 2012.

NITSCH, J. Zur Lage der Sport psychologie in der Bundersrepublik Deustschland In: EBERSPACHER, H; HACKFORT, D; *Entwicklungsfelder der Sportpsychologie*. Koln: 1989.

NORONHA, V. *Pensando sobre Políticas Públicas de Lazer para a Juventude em Contexto de Vulnerabilidade Social: Contribuições a partir de Pesquisa em Ribeirão das Neves/Minas Gerais*. Ed. PUC-MINAS, p-100-105, Belo Horizonte, 2009.

OLIVEIRA, A.L.; SEQUEIROS, J.L.; DANTAS, E.H. Estudo Compratico entre o Modelo de Periodização Clássico de Matveev e o Modelo de Periodização em Blocos de Verkhoshnaski. *Fitness & Performance*, v.4, n.6, p.359, 2005.

OLIVEIRA, D. C.; MORAES, L. C. Estrutura e organização do treinamento de um clube de futebol profissional da "Série B" brasileira. *Revista Mineira de Educação Física*, Belo Horizonte, v. 1, n. 2, p. 449-456, 2005.

OLIVEIRA, V.O.; PAES, R.R. A Pedagogia da Iniciação Esportiva: um estudo sobre o ensino dos jogos desportivos coletivos. *Lecturas, Revista Digital - Buenos Aires - Año 10 - n. 71 - Abril de 2004*.

OLIVEIRA, V.O.; PAES, R.R.; GOMES, A.C.; OLIVEIRA, P.R.; VAGETTI, G.C.; SANTOS, A.S. A pedagogia da especialização esportiva. Um estudo sobre o ensino-treinamento dos jogos desportivos coletivos no Brasil. *Lecturas. Revista Digital - Buenos Aires - Ano 15 - Nº 145 - 2010*.

OLIVEIRA, R. S.; PEREIRA, I.C.; ALMEIDA, M.A. A gestão esportiva de categorias de base de basquetebol masculino em clubes da cidade de Campinas. *Conexões (Unicamp)*, v. 6, p. 609-619, 2008.

PAES, R.R. *Aprendizagem e Competição Precoce: o caso do basquetebol*. Editora da Unicamp: Campinas, p. 59-71, 1997.

PAES, R.R.; BALBINO, H.F. Processo de Ensino e Aprendizagem do Basquetebol: perspectivas pedagógicas. In: In: De ROSE Jr., D; TRICOLI, V. *Basquetebol: uma visão Integrada entre ciência e prática*. Barueri, SP. Manole, 2005.

PLANT, E. A.; ERICSSON, K. A.; HILL, L.; ASBERG, K. Why study time does not predict grade point average across college students: Implications of deliberate practice for academic performance. *Contemporary Educational Psychology*, v. 30, p. 96-116, 2005.

PEREIRA, A.A.; SILVA, A.M.; PEREIRA, E.J.; FREITAS, V.A. Liderança e gestão de equipas: características pessoais e profissionais e condições de trabalho – o ponto de vista do treinador de equipas universitárias. *Portal dos Psicólogos*, Portugal, 2009.

PIMENTEL, R.M.; GALATTI, L.R.; PAES, R.R. Pedagogia do Esporte e Iniciação Esportiva Tardia: perspectivas a partir da modalidade basquetebol. *Pensar a Prática*, Goiânia, v. 13, n. 1, p. 115, jan./abr. 2010.

RAMOS, V.; GRAÇA, A.B.; NASCIMENTO, J.V.; SILVA, R. A aprendizagem profissional - As representações de treinadores desportivos de jovens: quatro estudos de caso. *Motriz*, Rio Claro, v.17 n.2, p.280-291, abr./jun. 2011.

REZENDE, J.R. *Manual Completo da Lei de Incentivo ao Esporte: como elaborar projetos e captar recursos através d Lei n. 11.438/06*. 3 ed. Editora All Print, São Paulo, 2010.

RESENDE, L.H.; MORAES, L.C. Investigação da expertise de treinadores de ginástica aeróbica brasileiros usando análise de protocolo. *Revista Iberoamericana de Psicología del Ejercicio y El Deporte*, v. 3, p. 241-258, 2008.

ROCHA, P.G.; ROCHA, D.J.; BERTOLASCE, A.L. A Influência da Iniciação ao Treinamento Esportivo sobre o Desenvolvimento Motor na Infância: um estudo de caso. *Revista da Educação Física*. v. 21, n. 3, p. 469-477, 2010.

RODRIGUES, F.E. *O treinador: conhecimento e concepções de treino do treinadores experts em basquetebol*. 2007. 137 f. Dissertação (Mestrado em Ciência do Desporto) – Faculdade de Desporto, Universidade do Porto, Portugal, 2007.

ROSADO, A. Um Perfil de competências do Treinador Desportivo. In: SARMENTO, P.; ROSADO, A.; RODRIGUES, J. *Formação de treinadores desportivos*. Rio Maior: Escola Superior de Desporto de Rio Maior Edições, 2000.

RYAN, R. M.; DECI, E. L. Self-determination theory and the facilitation of intrinsic motivation, social development, and well being. *American Psychologist*, 55, 68-78, 2001.

SAIZ, S.J.; RUANO, M.A.; LUJÁN, P.B.; CALVO, A.L. Factores que Favorecen el Desarrollo de la Pericia em Entrenadores Expertos en Baloncesto. *Cultura, Ciencia y Deporte*. Ano 4, n.6, v.2, p.125-149. 2007.

SALMELA, J.H; *Great Job Coach! Get the edge for proven winners*. Potentium. Ottawa, Canadá.1996.

SALMELA, J.H.; MORAES, L.C. Development of Expertise: the role of coaching, families and cultural contexts. In: STARKES, J.L; ERICSSON, K.A. (Eds). *Expert Performance in Sports: advances in research on sports expertise*. Champaign. IL: Human Kinetics. p.275-296, 2003.

SAMULSKI, D. Introdução à Psicologia do Esporte. In: SAMULSKI, D.M. *Psicologia do esporte: conceitos e novas perspectivas*. 2 ed. Barueri: Manole, 2009.

SANTANA, W. C. *Futsal: apontamentos pedagógicos na iniciação e na especialização*. Campinas: Autores Associados, Coleção Educação Física e Esportes. 2004.

SANTOS, A.L.; SIMÕES, A.C. Desafios do ensino superior em educação física: considerações sobre a política de avaliação de cursos. *Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação*, Rio de Janeiro, v. 16, n. 59, p. 259-274, abr./jun. 2008.

SCHINKE, R.J.; BLOOM, G.A.; SALMELA, J.H. The career stages of elite Canadian basketball coaches. *Avante*, v.1, p. 48-62. 1995.

SCHULZ, R.; MUSA, D.; STASZEWSKI, J.; SIEGLER, R.S The relationship between age and major league baseball performance: implications for development. *Psychological Aging*, p.274, 386, 1994.

SIMÕES, A.C.; SERASSUELO JÚNIOR, H.; AZEVEDO JÚNIOR, L.C.; OLIVEIRA, S.R. Comportamento ideológico de liderança de professores técnicos líderes de equipes esportivas escolares- modalidade basquetebol. *Revista Brasileira de Cineantropometria e Desempenho Humano*, 2007.

STAMBULOVA, N.; ALFERMANN, D.; STATLER, T.; CÔTÉ, J. ISSP Position Stand: Career Development and Transition of Athletes. *International Journal of Sports and Psychology*, v. 7, p. 395-412. 2009.

STARKES, J.S. The Magic and the Science of Sport Expertise: Introduction to Sport Expertise Research and This Volume. In: ERICSSON, K.A.; STARKES, J. *Expert performance in sports: advances in research of sports expertise*. Human Kinetics. 2003.

STARKES, J.S.; DEAKIN, J.M.; ALLARD, F.; HODGES, N.J.; HAYES, A. Deliberate Practice in Sports: What is anyway? In: ERICSSON, K.A. *The Road to Excellence: The Acquisition in the Arts and Sciences, Sports and Games*. Ed. Laurence Erlbaum Associates, Inc. USA, 1996.

TAKEUCHI , A.H.; HULSE, S.H. Absolute pitch. *Psychol. Bull.* v.11, p. 345–36, 1993.

TANI, G. Aprendizagem motora e esporte de rendimento: um caso de divórcio sem casamento. In: BARBANTI, V.J. *Esporte e atividade física: interação entre rendimento e qualidade de vida*. São Paulo: Manole, 2002.

TESCH, R. *Qualitative Research: analysis types and software tools*. New York: Falmer Press, 1990. p.330.

THOMAS, J.R.; NELSON, J.K. ; SILVERMAN, S.J. *Métodos de pesquisa em atividade física*. 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 2007.

USA BASKETBALL. Disponível em <[www.usabasketball.com](http://www.usabasketball.com)> Acesso em 24 Jan. 2012.

URDIALIES, D.M.; ARRESE, A.L.; ISQUIERDO, D.M.; RODRIGUEZ, R.M. Características de la Planificación del Entrenamiento en los Deportes de Equipo Españoles de Elite. *Apunts, Educación Física y Deportes*, n. 102, p. 62-66, 2010.

VALLERAND, R. J. A hierarchical model of intrinsic and extrinsic motivation in sport and exercise. In G. C. Roberts (Ed), *Advances in motivation in sport and exercise*. Champaign, IL: Human Kinetics. 2001. p. 263-319.

VERKHOSHANSKI, Y.V. *Treinamento Desportivo*. Porto Alegre: Artmed, 2001.

VIANNA JÚNIOR, N.S.; MORAES, L.C.; SALMELA, J.H.; MOURTHÉ, K. The Role of Parents in the Development of Young Athletes in Rhythmic Gymnastics. In: ASSOCIATION FOR THE ADVANCEMENT OF APPLIED SPORT PSYCHOLOGY – 2001, Orlando. Conference Proceedings, Orlando, Flórida. RonJon Publishing, Inc, p.61, 2001.

VIDAL, Ary. *Basquetebol para vencedores*. Porto Alegre: Rigel, 1991.

WEINBERG, R.S.; GOULD, D. Bem-vindos à Psicologia do Esporte e do Exercício. In: WEINBERG, R.S.; GOULD, D. *Fundamentos da Psicologia do Esporte e do Exercício*. Editora Artmed, 2. Ed. 2001.

WEINECK, J; *Treinamento Ideal: Instruções técnicas sobre o desempenho fisiológico, incluindo considerações específicas de treinamento infantil e juvenil*. 9 ed. Editora Manole, 2003.

WINNER, E.; MARTINO, G. Giftedness in the visual arts and music. In: *International handbook of research and development of giftedness and talent*. Pergamon, 1993.

WILDING, J. M.; VALENTINE, E. M. Exceptional memory. In: ERICSSON, K.A; CHARNNESS, N; FELTOVICH, P.J; HOFFMAN;R.R. (Eds) *The Cambridge handbook of expertise and expertperformance* (Cambridge, Cambridge University Press), p. 539–552, 2006.

WOOTEN, M.; GILBERT, D. *Coaching basketball successfully*. 2nd ed. Champaign, Ill: Human Kinetics, 2003.

WYLLEMAN, P.; KNOPP, P.; EWING, M.E.; CUMMING, S.P; Transitions in Youth Sport: A Developmental Perspective on Parental Involvement. In: LAVALLÉ, D; WYLLEMAN.P. *Career Transitions in Sports: international perspectives*. Morgantow, WV: Fit Publications, 2000. p.143-160.

## ANEXO 1



GRUPO DE ESTUDOS DA FORMAÇÃO  
ESPECIALIZADA NO ESPORTE  
Coord. Prof. Dr. Luiz Carlos Moraes  
Contato: [luizcarlos@cefmg.br](mailto:luizcarlos@cefmg.br)

Fone/Fax: 051-34003542

## Questionário do Contexto da Prática para Atletas de Basquetebol QCP-Basq

(MORAES; REIS, 2010)

Este questionário tem como objetivo verificar o contexto de treinamento de atletas de basquetebol. Por favor, leia cada questão cuidadosamente e responda da melhor forma possível. É de extrema importância que todas as questões sejam respondidas.

### PRIMEIRA PARTE: CARACTERÍSTICAS PESSOAIS

1. Esporte: \_\_\_\_\_
2. Data de nascimento: \_\_\_\_ / \_\_\_\_ / \_\_\_\_\_ 3. Sexo: ( ) masculino ( ) feminino
4. Escolaridade \_\_\_\_\_
5. Qual foi o mês e o ano que você começou a praticar basquetebol em uma equipe? \_\_\_\_\_
6. Você treinou o basquetebol no colégio? ( ) Sim ( ) Não
7. A sua equipe sub-19 anos possui ou possuía equipe profissional? \_\_\_\_\_
8. Jogar o basquetebol universitário foi ou é um meio, para você se tornar profissional de basquetebol?  
\_\_\_\_\_ Você jogou basquetebol por alguma universidade? \_\_\_\_\_

**SEGUNDA PARTE: TEMPO DE TREINAMENTO**

No seguinte quadro, responder quantas horas ou minutos, em média, por semana, é ou era destinado para cada atividade, de acordo com cada faixa etária ou fase de treinamento.

**Faixa Etária ou Fase do Treinamento**

<b>Atividade</b>	<b>6-13 anos</b>	<b>13-15 anos</b>	<b>15-19 anos</b>
Treinar sem a presença de um profissional			
Preparação física			
Musculação			
Treinamento de flexibilidade			
Preparação mental ou psicológica			
Jogar basquetebol por diversão			
Jogar outro esporte por diversão			
Treinar outro esporte			
Assistir jogos de basquetebol			

## Perguntas complementares

1. Qual é ou era a frequência semanal, ou seja, quantos dias na semana você treinava ou treina basquetebol em uma equipe por semana, para cada faixa etária ou fase da carreira?

<b>6-13 anos</b>	<b>13-15 anos</b>	<b>15-19 anos</b>

2. Quanto tempo em média, por dia, você se dedicava ao treinamento de basquetebol para cada faixa etária ou fase da carreira?

<b>6-13 anos</b>	<b>13-15 anos</b>	<b>15-19 anos</b>

3. Quantos meses por ano, você não treina ou treinava basquetebol em uma equipe? Ou seja, quanto tempo dura ou duravam suas férias esportivas, para cada faixa etária ou fase da carreira?

<b>6-13 anos</b>	<b>13-15 anos</b>	<b>15-19 anos</b>

4. Quantos jogos oficiais você disputa ou disputou por ano, de acordo com cada faixa etária ou fase da carreira?

<b>6-13 anos</b>	<b>13-15 anos</b>	<b>15-19 anos</b>

**TERCEIRA: RECURSOS PARA O TREINAMENTO**

No quadro a seguir, responda “s” para sim e “n” para não, se você possuía ou possui algum dos itens, considerados recursos para o treinamento, de acordo com cada faixa etária ou fase do treinamento (com exceção dos itens presença regular dos pais nos jogos e treinos e apoio financeiro dos pais para praticar o basquetebol, todos os outros recursos devem ser cedidos pelas instituições esportivas)

<b>Item</b>	<b>6-13 anos</b>	<b>13-15 anos</b>	<b>15-19 anos</b>
Preparador Físico	s( ) n( )	s( ) n( )	s( ) n( )
Salário	s( ) n( )	s( ) n( )	s( ) n( )
Auxílio Financeiro (bolsa)	s( ) n( )	s( ) n( )	s( ) n( )
Transporte para treinos	s( ) n( )	s( ) n( )	s( ) n( )
Fisioterapeuta	s( ) n( )	s( ) n( )	s( ) n( )
Profissional da área de Psicologia do Esporte	s( ) n( )	s( ) n( )	s( ) n( )
Auxiliar Técnico	s( ) n( )	s( ) n( )	s( ) n( )
Médico	s( ) n( )	s( ) n( )	s( ) n( )
Nutricionista	s( ) n( )	s( ) n( )	s( ) n( )
Presença regular dos pais nos jogos e treinos	s( ) n( )	s( ) n( )	s( ) n( )
Apoio financeiro dos pais para praticar o basquetebol	s( ) n( )	s( ) n( )	s( ) n( )
Bolsa de estudo pelo fato de jogar basquetebol	s( ) n( )	s( ) n( )	s( ) n( )

**Muito Obrigado!**

## ANEXO 2



GRUPO DE ESTUDOS DA FORMAÇÃO  
 EXPERTISE NO ESPORTE  
 Coord. Prof. Dr. Luiz Carlos Moraes  
 Contato: [lmoraes@cefop.br](mailto:lmoraes@cefop.br)  
 Fone/Fax: 051-34992542

### Inventário do Perfil do Treinador de Basquetebol (IPT-B) (MORAES; REIS, 2010)

**Leia primeiramente o que se segue:**

Este questionário tem o objetivo de verificar o perfil de treinadores que atuam em equipes esportivas. Por favor, leia cada questão cuidadosamente e responda da melhor forma possível.

1. Nome: \_\_\_\_\_

2. Esporte: \_\_\_\_\_

3. Data de nascimento: \_\_\_\_ / \_\_\_\_ / \_\_\_\_\_

4. Sexo: ( ) masculino ( ) feminino

5. Qual a sua escolaridade?

- |                                  |  |
|----------------------------------|--|
| ( ) Primário                     | <input type="checkbox"/> concluído <input type="checkbox"/> em curso |
| ( ) Ensino Fundamental (1ª grau) | <input type="checkbox"/> concluído <input type="checkbox"/> em curso |
| ( ) Ensino Médio (2ª grau)       | <input type="checkbox"/> concluído <input type="checkbox"/> em curso |
| ( ) Ensino Superior (3ª grau)    | <input type="checkbox"/> concluído <input type="checkbox"/> em curso |
| ( ) Especialização               | <input type="checkbox"/> concluído <input type="checkbox"/> em curso |
| ( ) Mestrado                     | <input type="checkbox"/> concluído <input type="checkbox"/> em curso |

( ) Doutorado  concluído  em curso

6. Qual curso? \_\_\_\_\_

7. Você possui outro trabalho ou emprego além de treinador?

( ) Não ( ) Sim Se sim, quantas horas por semana você dedica a esta atividade? \_\_\_\_ horas

8. Você foi atleta de competição? ( ) Não ( ) Sim Se sim, em qual esporte? \_\_\_\_\_

Durante quantos anos? \_\_\_\_\_anos. Em qual nível? ( ) escolar ( ) municipal ( ) metropolitano ( ) estadual

9. Há quantos anos você trabalha como treinador desse esporte? \_\_\_\_\_ anos.

10. Onde você iniciou sua carreira como treinador?

( ) Escolinha em clube esportivo ( ) Escolinha em escola pública  
( ) Escolinha em escola particular ( ) Em equipe de competição

11. Você participou de cursos na área esportiva em nível estadual?

( ) Nos últimos 3 anos  
( ) Há 4 ou 5 anos  
( ) Há mais de 5 anos

12. Você participou de cursos na área esportiva em nível nacional?

( ) Nos últimos 3 anos  
( ) Há 4 ou 5 anos  
( ) Há mais de 5 anos

13. Você participou de cursos na área esportiva em nível internacional?

( ) Nos últimos 3 anos  
( ) Há 4 ou 5 anos  
( ) Há mais de 5 anos

14. Que tipo de produção técnica você tem como autor?

( ) Redação de texto em jornal ( ) Redação de texto em revista não esportiva  
( ) Redação de texto em revista esportiva ( ) Artigo em revista científica  
( ) Capítulo de Livro na área esportiva ( ) Ministrou curso ou palestra na área esportiva

15. Quem mais influenciou sua carreira como treinador?

Em PRIMEIRO lugar: maior influência!

Em SEGUNDO lugar: 2ª maior influência!

- |   |  |   |  |
|---|--|---|--|
| <input type="checkbox"/> Família (pai, mãe, irmãos) | <input type="checkbox"/> Amigos          | <input type="checkbox"/> Família (pai, mãe, irmãos) | <input type="checkbox"/> Amigos          |
| <input type="checkbox"/> Outros treinadores         | <input type="checkbox"/> Ídolo esportivo | <input type="checkbox"/> Outros treinadores         | <input type="checkbox"/> Ídolo esportivo |
| <input type="checkbox"/> Iniciativa própria         | <input type="checkbox"/> Outros. Quem?   | <input type="checkbox"/> Iniciativa própria         | <input type="checkbox"/> Outros. Quem?   |
| _____   |  | _____   |  |

**16. Qual o nível mais alto que você alcançou como treinador?**

- |   |   |   |
|---|---|---|
| <input type="checkbox"/> Competições municipais | <input type="checkbox"/> Competições metropolitanas | <input type="checkbox"/> Competições estaduais      |
| <input type="checkbox"/> Competições regionais  | <input type="checkbox"/> Competições nacionais      | <input type="checkbox"/> Competições internacionais |

**17. Você recebe algum recurso financeiro para treinar sua equipe? ( ) Não ( ) Sim**

**18. Quantas horas por semana você dedica à sua função como treinador? \_\_\_\_\_ .**

**Muito Obrigado!**

## ANEXO 3

### ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA PRA TREINADORES DA CATEGORIA SUB-19 ANOS DE MINAS GERAIS

- 1- Conte a sua trajetória esportiva até você se tornar treinador. O que te motivou a treinar uma equipe de categoria de base?
  - Ter sido jogador
  - Primeira oportunidade
  - Maiores influências
  - Dificuldades no percurso
  - Dedicção exclusiva
  
- 2- Fala sobre a formação dos treinadores, em Minas Gerais, para trabalhar com atletas de basquetebol.
  - Papel das universidades
  - Cursos de formação
  
- 3- Falando sobre o desenvolvimento de atletas de basquetebol, existe um programa para formar atletas profissionais em Minas Gerais? Caso exista, fale sobre ele. Caso não exista, o que deveria ser feito a este respeito?
  - Jogo deliberado
  - Iniciação no esporte
  - Especialização precoce
  - Equipes profissionais
  - Planejamento dos treinamentos
  
- 4- Como as instituições escolares, em seu estado, auxiliam no desenvolvimento de atletas do esporte no qual você trabalha?
  - Equipes e competições escolares
  - Bolsa de estudos
  - Conciliar estudo e esporte
  
- 5- Como tem sido o papel dos clubes esportivos, em Minas Gerais, para a formação de atletas de basquetebol?

- Recursos para o treinamento
  - Sócio e não sócio nas equipes
  - Basquetebol disputando o espaço com outras modalidades
  - Bolsa aos atletas
  - Ajuda de custo e salário
- 6- As universidades, em Minas Gerais, têm contribuído para o desenvolvimento de atletas de basquetebol? Como? Se não, por que isso acontece?
- Basquetebol universitário
  - Infraestrutura de treinamento
  - Parte científica aplicada ao basquetebol
  - Possibilidade do atleta jogar basquetebol e estudar (categoria sub-19 anos)
  - Escolha entre ser profissional do basquetebol ou estudar em uma universidade
- 7- Como os pais têm contribuído, em Minas Gerais, para o desenvolvimento dos atletas de basquetebol?
- Incentivo
  - Apoio financeiro
  - Cobrança
- 8- Existe apoio governamental, em Minas Gerais, para o desenvolvimento de atletas de basquetebol? Se não, como deveria ser?
- Políticas públicas
  - Lei de incentivo ao esporte
  - Bolsa atleta
  - Prática do basquetebol em espaços públicos
  - Democratização do esporte
- 9- Como você observa o cenário dos campeonatos para a categoria sub-19 anos em Minas Gerais?
- Qualidade dos campeonatos
  - Número de jogos
  - Número de equipes
  - Equipes do interior
- 10- Você gostaria de comentar algo a mais que contribuísse para melhorar o desenvolvimento de atletas de basquetebol em Minas Gerais?

11- Em suma, você considera que em Minas Gerais o trabalho para formar atletas de basquetebol é eficiente?

## ANEXO 4

### **TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

#### ***Instrumentos IPT-Basq e QPC-Basq***

Você está sendo convidado (a) a participar como voluntário (a), em uma pesquisa com o título: “O contexto de desenvolvimento de atletas de basquetebol da categoria sub-19 anos de Minas Gerais?”

**Objetivo da Pesquisa:** Verificar se os atletas das melhores equipes da categoria sub-19 anos de basquetebol masculino, de Minas Gerais, possuem estrutura de prática *expert* semelhante aos profissionais pertencentes às equipes brasileiras de alto desempenho, quando estes eram atletas da categoria sub-19 anos.

**Coleta de dados: Amostra:** Atletas profissionais de basquetebol de clubes brasileiros e da categoria sub-19 anos de Minas Gerias, e treinadores das equipes mineiras da categoria sub-19 anos .

**Instrumentos:** Para a realização da pesquisa, serão aplicados os questionários: O inventário do Perfil do Treinador de Basquetebol (IPT-basq), para avaliar a formação profissional dos treinadores; e o Questionário do Contexto da Prática para Atletas de Basquetebol (QCP-Basq) para medir principalmente os recursos de treinamento fornecidos aos atletas, juntamente com tempo de prática dedicado a cada aspecto do treinamento. O preenchimento dos questionários durará por volta de 40 minutos, no caso dos atletas de basquetebol, e 20 minutos, no caso dos treinadores.

**Local:** A coleta de dados acontecerá nas dependências dos clubes, em local tranquilo em silencioso, em datas pré-agendadas com os respectivos diretores esportivos.

---

Assinatura do Voluntário

---

Assinatura do Pesquisador Responsável (Orientador)

Prof. Dr. Luiz Carlos Couto de Albuquerque Moraes Contato: 31 98231313

---

Assinatura do Pesquisador (aluno de pós-graduação)

Cleiton Pereira Reis Contato: 31 84949700

**Possíveis benefícios e riscos:****Benefícios:**

Os resultados da pesquisa podem trazer contribuição direta aos atletas e treinadores da modalidade em questão e, sob a ótica que um atleta precisa ter estrutura de prática *expert* adequada, este trabalho pode auxiliar a entender como está se procedendo o desenvolvimento de atletas brasileiros de basquetebol, e se estes têm uma estrutura de prática adequada para se tornarem profissionais futuramente.

**Riscos:**

Considerando que toda pesquisa envolvendo seres humanos envolve risco (de acordo com os termos da Resolução 196, de 10 de outubro de 1996, do Conselho Nacional de Saúde), a aplicação dos questionários apresenta risco mínimo ao bem estar físico e psicológico dos sujeitos que participarão do estudo, já que a identidade dos voluntários e a sigilo dos dados serão preservados.

**Informações adicionais:**

Caso você concorde em ser voluntário desse estudo, é importante ressaltar que você dispõe de total liberdade para esclarecer quaisquer dúvidas que possam surgir antes, durante e depois da pesquisa, procurando a aluno de pós-graduação Cleiton Pereira Reis, no endereço eletrônico [cleitonpreis@yahoo.com.br](mailto:cleitonpreis@yahoo.com.br), e no telefone (0xx31) 84949700; bem como o pesquisador responsável, o Prof. Dr. Luiz Carlos C. A. Moraes no endereço eletrônico [albuquerquemora@gmail.com.br](mailto:albuquerquemora@gmail.com.br) e/ou pelo telefone (0xx31) 3409-2348, ou por meio do Comitê de Ética em Pesquisa da UFMG- COEP- para esclarecimentos de cunho ético sobre o estudo, no endereço: Av. Antônio Carlos, 6627, Unidade Administrativa II, 2º andar – Sala 2005 – Belo Horizonte/MG, CEP: 31270 901 ou pelo telefone (0xx31) 3409-4592.

---

Assinatura do Voluntário

---

Assinatura do Pesquisador Responsável (Orientador)

Prof. Dr. Luiz Carlos Couto de Albuquerque Moraes Contato: 31 98231313

---

Assinatura do Pesquisador (aluno de pós-graduação)

Cleiton Pereira Reis Contato: 31 84949700

Todos estão livres para recusar a participação na pesquisa, sem penalidades ou constrangimento. Todos os dados e a identidade dos voluntários serão mantidos em sigilo. Somente o pesquisador responsável e a equipe envolvida no projeto terão acesso às informações que serão utilizadas apenas para fins de pesquisa e publicação. Para sua participação neste estudo, este termo deverá ser assinado em duas vias, sendo que uma ficará de vossa posse, outra de posse dos pesquisadores responsáveis.

**Não haverá qualquer forma de remuneração financeira para os voluntários. Todas as despesas relacionadas com este estudo serão de responsabilidade do Laboratório de Psicologia do Esporte – LAPES, da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da Universidade Federal de Minas Gerais e do próprio pesquisador.**

Eu, \_\_\_\_\_, voluntariamente, aceito participar da pesquisa intitulada: “O contexto de desenvolvimento de atletas de basquetebol da categoria sub-19 anos de Minas Gerais?”, a ser realizada pelo aluno Cleiton Pereira Reis do Programa de Pós-Graduação em Ciências do Esporte da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da Universidade Federal de Minas Gerais. Estou ciente das informações contidas no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Portanto, concordo com o que foi acima citado e dou o meu consentimento.

---

Assinatura do Voluntário

---

Assinatura do Pesquisador Responsável (Orientador)

Prof. Dr. Luiz Carlos Couto de Albuquerque Moraes Contato: 31 98231313

---

Assinatura do Pesquisador (aluno de pós-graduação)

Cleiton Pereira Reis Contato: 31 84949700

---

Local e data

## ANEXO 5

### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

#### *Entrevistas com os Treinadores de Basquetebol da Categoria Sub-19 de MG*

Você está sendo convidado (a) a participar como voluntário (a), em uma pesquisa com o título: “**A OPINIÃO DOS TREINADORES DE BASQUETEBOL SOBRE O PROCESSO DE DESENVOLVIMENTO DE ATLETAS EM MINAS GERAIS: DA INICIAÇÃO AO DESEMPENHO DE EXCELÊNCIA**”.

**Objetivo da Pesquisa:** Verificar a opinião dos treinadores, que trabalham ou já trabalharam com equipes de categoria de base de basquetebol, sobre o processo de desenvolvimento de atletas, desde a iniciação até o desempenho de excelência.

#### **Coleta de Dados:**

**Amostra:** Cerca de 50 treinadores esportivos, independente do sexo, maiores de idade, que trabalham ou já trabalharam com equipes brasileiras, em esportes inseridos no programa do Comitê Olímpico Internacional (COI).

**Instrumento:** Entrevista semiestruturada de aprofundamento. Tal instrumento visa verificar a opinião dos treinadores sobre o processo de desenvolvimento de atletas, desde a iniciação esportiva até desempenho de excelência. Depois da coleta de dados, os relatos serão reduzidos em *Meaning Units (MU'S)*, e posteriormente classificados em categorias, obedecendo a um procedimento qualitativo. A entrevista durará cerca de 40 minutos.

---

Assinatura do Voluntário

---

Assinatura do Pesquisador Responsável (Orientador)

Prof. Dr. Luiz Carlos Couto de Albuquerque Moraes

Contato: 31 98231313

---

Assinatura do Pesquisador (aluno de pós-graduação)

Cleiton Pereira Reis Contato: 31 84949700

**Local** – A coleta poderá ser realizada na residência dos treinadores, no local de trabalho, ou local de preferência dos mesmos, mediante um agendamento prévio.

**Possíveis benefícios e riscos:**

**Benefícios:** Os resultados da pesquisa podem trazer contribuição direta aos treinadores de basquetebol, sob a ótica que um atleta precisa ter estrutura de prática *expert* adequada, este trabalho pode auxiliar a entender como está acontecendo o desenvolvimento de atletas brasileiros, e se estes têm uma estrutura de prática adequada para se tornarem profissionais futuramente.

**Riscos:** De acordo com a Resolução CNS 196/96, toda pesquisa envolvendo seres humanos possui algum tipo de risco, contudo, o instrumento usado neste estudo apresentará risco mínimo para a integridade dos voluntários, sendo os mesmos orientados durante todo o processo. E por se tratar de entrevista semiestruturada, todos os treinadores responderam a tal procedimento de forma livre e imparcial, sem sofrer quaisquer tipos de pressão ou constrangimento por parte do entrevistador.

**Informações adicionais:** Caso você concorde em ser voluntário desse estudo, é importante ressaltar que você dispõe de total liberdade para esclarecer quaisquer dúvidas que possam surgir antes, durante e depois da pesquisa, procurando a aluno de pós-graduação Cleiton Pereira Reis, no endereço eletrônico [cleitonpreis@yahoo.com.br](mailto:cleitonpreis@yahoo.com.br), e no telefone (0xx31) 84949700; bem como o pesquisador responsável, o Prof. Dr. Luiz Carlos C. A. Moraes no endereço eletrônico [albuquerquemora@gmail.com](mailto:albuquerquemora@gmail.com) e/ou pelo telefone (0xx31) 3409-2348, ou por meio do Comitê de Ética em Pesquisa da UFMG – COEP, para esclarecimentos de cunho ético, no endereço Av. Antônio Carlos, 6627, Unidade Administrativa II, 2º andar – Sala 2005 – Belo Horizonte/MG ou pelo telefone (0xx31) 3409-4592. Todos estão livres para recusar a participação na pesquisa, sem penalidades ou constrangimento. Todos os dados e a identidade dos voluntários serão mantidos em sigilo.

---

Assinatura do Voluntário

---

Assinatura do Pesquisador Responsável (Orientador)

Prof. Dr. Luiz Carlos Couto de Albuquerque Moraes Contato: 31 98231313

---

Assinatura do Pesquisador (aluno de pós-graduação)

Cleiton Pereira Reis Contato: 31 84949700

Somente o pesquisador responsável e a equipe envolvida no projeto terão acesso às informações que serão utilizadas apenas para fins de pesquisa e publicação. Para sua participação neste estudo, este termo deverá ser assinado em duas vias, sendo que uma ficará com o participante da pesquisa, outra de posse dos pesquisadores responsáveis.

**Não haverá qualquer forma de remuneração financeira para os voluntários.**

**Todas as despesas relacionadas com este estudo serão de responsabilidade do Laboratório de Psicologia do Esporte – LAPES, da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da Universidade Federal de Minas Gerais e do próprio pesquisador.**

Eu, \_\_\_\_\_, voluntariamente aceito participar da pesquisa intitulada: **“A OPINIÃO DOS TREINADORES DE BASQUETEBOL SOBRE O PROCESSO DE DESENVOLVIMENTO DE ATLETAS EM MINAS GERAIS: DA INICIAÇÃO AO DESEMPENHO DE EXCELÊNCIA”**, a ser realizada pelo aluno Cleiton Pereira Reis do Programa de Pós-Graduação em Ciências do Esporte da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da Universidade Federal de Minas Gerais. Estou ciente das informações contidas no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Portanto, concordo com o que foi acima citado e dou o meu consentimento.

\_\_\_\_\_  
Nome do Voluntário

\_\_\_\_\_  
Assinatura do Voluntário

\_\_\_\_\_  
Assinatura do Pesquisador Responsável (Orientador)

Prof. Dr. Luiz Carlos Couto de Albuquerque Moraes Contato: 31 98231313

\_\_\_\_\_  
Assinatura do Pesquisador (aluno de pós-graduação)

Cleiton Pereira Reis Contato: 31 84949700

\_\_\_\_\_  
Local e data

## ANEXO 6



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS  
COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA - COEP**

**Parecer nº. ETIC 0226.0.203.000-11**

**Interessado(a): Prof. Luiz Carlos Couto de Albuquerque Moraes  
Departamento de Esportes  
EEFFTO - UFMG**

### **DECISÃO :**

O Comitê de Ética em Pesquisa da UFMG – COEP aprovou, no dia 28 de junho de 2011, após atendidas as solicitações de diligência, o projeto de pesquisa intitulado "**As melhores equipes sub-19 anos masculinas de basquetebol de Minas Gerais e São Paulo possuem sistema expert de treinamento?**" bem como o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

O relatório final ou parcial deverá ser encaminhado ao COEP um ano após o início do projeto.

A handwritten signature in black ink, appearing to read "Maria Teresa Marques Amaral", is written over the typed name.

**Profa. Maria Teresa Marques Amaral  
Coordenadora do COEP-UFMG**

**ANEXO 7**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS  
COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA - COEP**

**Projeto: CAAE – 0454.0.203.000-11**

**Interessado(a): Prof. Luiz Carlos Couto de Albuquerque Moraes  
Departamento de Esportes  
EEFFTO - UFMG**

**DECISÃO**

O Comitê de Ética em Pesquisa da UFMG – COEP aprovou, no dia 18 de outubro de 2011, após atendidas as solicitações de diligência, o projeto de pesquisa intitulado **"A opinião dos treinadores sobre o processo de desenvolvimento de atletas: da iniciação ao desempenho de excelência"** bem como o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

O relatório final ou parcial deverá ser encaminhado ao COEP um ano após o início do projeto.

**Profa. Maria Teresa Marques Amaral  
Coordenadora do COEP-UFMG**

## ANEXO 8

### Carta de Aprovação da Transcrição das Entrevistas

#### CARTA DE APROVAÇÃO

Eu, \_\_\_\_\_ confirmo/aprovo que a transcrição realizada a partir da minha entrevista concedida ao Pesquisador Cleiton Pereira Reis, que servirá como base de dados para o desenvolvimento do trabalho de Dissertação de Mestrado intitulado **“O CONTEXTO DO DESENVOLVIMENTO DE ATLETAS MASCULINOS DE BASQUETEBOL DA CATEGORIA SUB-19 ANOS DE MINAS GERAIS”** da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da Universidade Federal de Minas Gerais, é uma reprodução fidedigna do que foi dito no momento da entrevista.

Desde já, aprovo a transcrição realizada sem nenhum tipo de objeção.

\_\_\_\_\_ de 2011

---

Assinatura do Voluntário

## ANEXO 9

### Nível de Significância dos Testes de Normalidade

A seguir, serão descritos o nível de significância para os testes de normalidade (Shapiro-Wilk) feitos com as amostras quantitativas ordinais, de acordo com cada tabela ou gráfico. As amostras com o nível de significância maior que 0,05 foram consideradas normais

#### Tabelas

Categoria	$p$
Pro	0,488
sub-19	<0,001

Categoria	6-13 anos	14-15 anos	16-19 anos
pro	<0,001	<0,001	<0,001
sub-19	<0,001	<0,001	0,015

Categoria	6-13 anos	14-15 anos	16-19 anos
pro	0,228	<0,001	<0,001
sub-19	0,027	<0,001	0,015

Categoria	6-13 anos	14-15 anos	16-19 anos
pro	<0,001	<0,001	<0,001
sub-19	<0,001	<0,001	0,001

Categoria	6-13 anos	14-15 anos	16-19 anos
pro	0,001	<0,001	<0,001
sub-19	0,008	0,034	0,001

Tabela 26

Aspecto do Treinamento	pro	sub-19
Treinar sem a presença de um profissional	<0,001	<0,001
Preparação Física	<0,001	<0,001
Musculação	<0,001	<0,001
Treinamento de Flexibilidade	<0,001	<0,001
Preparação Mental	<0,001	<0,001
Jogar Basquetebol por Diversão	<0,001	<0,001
Jogar outro Esporte por Diversão	<0,001	<0,001
Treinar outro esporte	<0,001	<0,001
Assistir jogos de basquetebol	<0,001	<0,001

Tabela 27

Aspecto do Treinamento	pro	sub-19
Treinar sem a presença de um profissional	<0,001	<0,001
Preparação Física	<0,001	<0,001
Musculação	<0,001	<0,001
Treinamento de Flexibilidade	<0,001	<0,001
Preparação Mental	<0,001	<0,001
Jogar Basquetebol por Diversão	<0,001	<0,001
Jogar outro Esporte por Diversão	<0,001	<0,001
Treinar outro esporte	<0,001	<0,001
Assistir jogos de basquetebol	<0,001	<0,001

Tabela 28

Aspecto do Treinamento	pro	sub-19
Treinar sem a presença de um profissional	<0,001	<0,001
Preparação Física	<0,001	<0,001
Musculação	<0,001	<0,001
Treinamento de Flexibilidade	<0,001	<0,001
Preparação Mental	<0,001	<0,001
Jogar Basquetebol por Diversão	<0,001	<0,001
Jogar outro Esporte por Diversão	<0,001	<0,001
Treinar outro esporte	<0,001	<0,001
Assistir jogos de basquetebol	<0,001	<0,001

Tabela 29

Aspecto do Treinamento	6-13 anos	14-15 anos	16-19 anos
Treinar sem a presença de um profissional	<0,001	<0,001	<0,001
Preparação Física	<0,001	<0,001	<0,001
Musculação	<0,001	<0,001	<0,001
Treinamento de Flexibilidade	<0,001	<0,001	<0,001
Preparação Mental	<0,001	<0,001	<0,001
Jogar Basquetebol por Diversão	<0,001	<0,001	<0,001
Jogar outro Esporte por Diversão	<0,001	<0,001	<0,001
Treinar outro esporte	<0,001	<0,001	<0,001
Assistir jogos de basquetebol	<0,001	<0,001	<0,001

Tabela 30

Aspecto do Treinamento	6-13 anos	14-15 anos	16-19 anos
Treinar sem a presença de um profissional	<0,001	<0,001	0,001
Preparação Física	<0,001	<0,001	<0,001
Musculação	<0,001	<0,001	0,001
Treinamento de Flexibilidade	<0,001	<0,001	<0,001
Preparação Mental	<0,001	<0,001	<0,001
Jogar Basquetebol por Diversão	<0,001	<0,001	<0,001
Jogar outro Esporte por Diversão	<0,001	<0,001	<0,001
Treinar outro esporte	<0,001	<0,001	<0,001
Assistir jogos de basquetebol	<0,001	<0,001	<0,001

Tabela 31

Aspecto	6-13 anos	14-15 anos	16-19 anos
Jogo deliberado	<0,001	<0,001	<0,001
Treinamento formal	<0,001	<0,001	<0,001

Tabela 32

Aspecto	6-13 anos	14-15 anos	16-19 anos
Jogo deliberado	<0,001	<0,001	<0,001
Treinamento formal	<0,001	<0,001	<0,001

Gráficos

Gráfico 4

Categoria	$p$
Pro	<0,001
sub-19	0,003

Gráfico 5

Categoria	6-13 anos	14-15 anos	16-19 anos
pro	<0,001	0,003	<0,001
sub-19	<0,001	<0,001	0,016

Gráfico 6

Categoria	6-13 anos	14-15 anos	16-19 anos
pro	0,367	<0,001	<0,001
sub-19	0,087	<0,001	0,016

Gráfico 7

Categoria	$p$
Pro	<0,001
sub-19	0,001

Gráfico 8

Categoria	6-13 anos	14-15 anos	16-19 anos
pro	<0,001	<0,001	<0,001
sub-19	<0,001	0,002	0,001

Gráfico 9

Categoria	6-13 anos	14-15 anos	16-19 anos
pro	<0,001	<0,001	<0,001
sub-19	<0,001	0,002	0,001

## ANEXO 10



### CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE BASKETBALL

Av. Rio Branco, 245 - 16º andar, Centro - Rio de Janeiro, RJ - Brasil - Cep: 20040-009  
 Tel: (55 21) 2544-3193 | (55 21) 2544-3316 | Fax: (55 21) 2240-4042  
 Web: www.cbb.com.br | E-mail: cbb@cbb.com.br

Rio de Janeiro, 27 de janeiro de 2011.

Ilmo. SR.

Prof. Luiz Carlos Couto de Albuquerque Moraes, PhD  
 Escola da Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional- EEFETO  
 Av. Antônio Carlos, 6627 - UFMG- Pampulha - Belo Horizonte, Minas Gerais  
 CEP: 31270-901

#### Carta de Apoio Institucional:

A Confederação Brasileira de Basketball - CBB- na pessoa do presidente **Carlos Nunes**, tem o conhecimento e endossa, através de apoio institucional, a pesquisa do aluno **Cleiton Pereira Reis**, mestrando em Ciências do Esporte, com ênfase em Psicologia do Esporte, na Universidade Federal de Minas Gerais -UFMG- sob a orientação do Professor Luiz Carlos Couto de Albuquerque Moraes, PhD

Tal pesquisa tem como objetivo verificar se os atletas das melhores equipes da categoria Sub-19 anos, de basquetebol, no Brasil, possuem uma estrutura *expert* adequada para se tornarem profissionais deste esporte.

Atenciosamente,

  
 CARLOS NUNES  
 Presidente

